



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE ALAGOAS**

MEMORIAL ACADÊMICO  
VIAGEM AO CONHECIMENTO

**MARIA AUXILIADORA DA SILVA CAVALCANTE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO

**Memorial Acadêmico: Viagem ao Conhecimento**

Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante

Memorial apresentado ao Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, como requisito à promoção para a classe de Professor Titular, da carreira de Magistério do Ensino Superior Federal.

Maceió, 23 de fevereiro de 2021

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

C376m Cavalcante, Maria Auxiliadora da Silva.

Memorial acadêmico / Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante. –  
Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2021.

149 f.: il.

Memorial (Concurso para Professor Titular Classe E) –  
Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação, Maceió,  
2021.

# UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

## CENTRO DE EDUCAÇÃO

### ATA DA DEFESA DO MEMORIAL ACADÊMICO

Às catorze horas do dia vinte e três de fevereiro de dois mil e vinte um, sob a presidência da Profa. Dra. Neiza de Lourdes Frederico Fumes (Professora Titular da Universidade Federal de Alagoas), diante de representantes e convidados dos corpos docente, discente e público em geral, ocorreu no Google Meet <https://meet.google.com/mhw-bwzu-eob?pli=1&authuser=0> a defesa do Memorial Acadêmico de **Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante**, docente do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, para fins de Promoção à CLASSE E, com a denominação de PROFESSOR TITULAR, da Carreira Docente tendo como título do referido memorial: **“Memorial Acadêmico: Viagem ao Conhecimento”**. Participaram da Comissão Especial de Avaliação as professoras Dra. Neiza de Lourdes Frederico Fumes (Professora Titular da Universidade Federal de Alagoas – UFAL), Dra. Jael Glauce da Fonseca (Professora Titular da Universidade Federal da Bahia - UFBA); Dra. Rosangela Nunes de Lima (Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL) e Dra. Wanda Maria de Junqueira Aguiar (Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP). Após a defesa, os membros da Comissão Especial arguiram a candidata e, em seguida, se reuniram para deliberar sobre as notas atribuídas à candidata, por cada membro da Comissão, considerando as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante, de acordo com o Art. 18 da RESOLUÇÃO Nº. 78/2014-CONSUNI/UFAL, de 17 de novembro de 2014, fundamentadas nos seguintes critérios: I - Domínio de ideias que tenham dado sustentação a trabalhos, atentando, de modo especial, para sua pertinência à área de conhecimento do Docente; II - Contemporaneidade, abrangência e evolução do conhecimento na área; III - Contribuição

científica, técnica e/ou artística dos trabalhos; IV - Dados da carreira do Docente que revelem formação de recursos humanos e orientação acadêmica; V - Adequação da exposição do conteúdo ao tempo máximo de 60 (sessenta) minutos. As notas atribuídas à candidata foram 10,0 (dez), respectivamente, pelas professoras doutoras Neiza de Lourdes Frederico Fumes, Jael Glauce da Fonseca, Rosângela Nunes de Lima e Wanda Maria de Junqueira Aguiar. Desta forma, Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante obteve resultado final nota 10,0 (dez) e, portanto, considerada (X) Aprovada ( ) Reprovada. As razões de tais notas são expostas a seguir: A Professora Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante, em sua trajetória, fundamenta-se em sólida base teórica, seguida de uma práxis sustentada pelas ações desenvolvidas na academia, nos grupos de Pesquisa e Extensão, demonstrando excelência em todos os critérios exigidos pelo edital. Lavrou-se então esta ata que, lida e considerada conforme, vai assinada pelos membros da Comissão Especial.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Neiza de Lourdes Frederico Fumes

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jael Glauce da Fonseca

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Nunes de Lima

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Wanda Maria de Junqueira Aguiar

## BANCA EXAMINADORA

**DATA: 23/02/2021, às 14:00 horas**

**Sala Virtual: <https://meet.google.com/mhw-bwzu-eob?pli=1&authuser=0>**

**CANDIDATA A TITULAR:**

**MARIA AUXILIADORA DA SILVA CAVALCANTE**

**SIAPE: 1349860**

**CPF: 30594634415**

**E-mails: [auxiliadora.s.cavalcante@gmail.com](mailto:auxiliadora.s.cavalcante@gmail.com)**

**[maria.cavalcante@cedu.ufal.br](mailto:maria.cavalcante@cedu.ufal.br)**

**WhatsApp: 82 99905205**

**MEMBROS DA BANCA:**

- 1. Jael Glauce da Fonseca - Examinadora Externa**  
**Instituição:** Universidade Federal da Bahia -UFBA
- 2. NOME:** Rosangela Nunes de Lima - **Examinadora Externa**  
**Instituição:** Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL
- 3. NOME:** Wanda Maria Junqueira de Aguir - **Examinadora Externa**  
**Instituição:** Puc-São Paulo
- 4. NOME:** Neiza de Lourdes Frederico Fumes - **Examinadora Interna**  
**Instituição:** Universidade Federal de Alagoas – UFAL

## SUPLENTES

- 5. NOME - Antônio Cícero de Araújo - Suplente Externo**  
**Instituição:** Instituto Federal de Alagoas- IFAL
- 6. NOME:** Luis Paulo Leopoldo Mercado - **Suplente Interno**  
**Instituição:** Universidade Federal de Alagoas – Ufal

## SUMÁRIO

1. IDENTIFICAÇÃO (p.09)
2. PERSPECTIVA DA NARRATIVA (p.10)
3. APRESENTAÇÃO (p.11)
3. ORIGENS: contextos geográfico, histórico e social p.12)
  - 3.1 Décadas de 1950 e 1960 (p.12)
  - 3.2 Década de 1970 (29)
  - 3.3 Décadas de 1980 e 1990 (p.47)
4. FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA (55)
  - 4.1. Preparação para o vestibular (55)
  - 4.2. Graduação Letras/Português/Literatura (57)
  - 4.3. Pós-Graduação Stricto Sensu (59)
  - 4.4. Pós-Doutorado (62)
5. ATIVIDADE DOCENTE NA GRADUAÇÃO (67)
  - 5.1. Concursos para professor adjunto (67)
  - 5.2. Docência na graduação (77)
  - 5.3. Coordenação de Projeto de Iniciação à Docência-Pibid/Capes (78)
6. ATIVIDADES DE DOCÊNCIA, DE GESTÃO, DE PESQUISA, DE ORIENTAÇÃO, PRODUÇÃO ACADÊMICA E DE BANCAS DE CONCLUSÃO (85)

- 6.1. Coordenação de projetos de pesquisa – Pibic (87)
- 6.2. Coordenação e participação em Procad/Capes (94)
- 6.3. Orientações (97)

- 6.3.1. Orientação de doutorado (97)
- 6.3.2. Orientação de mestrado (99)
- 6.3.3. Orientação de especialização (103)
- 6.3.4. Orientação de TCC/graduação (104)
- 6.3.5. Orientação de Iniciação Científica (110)

#### 6.4. Produção acadêmica (113)

- 6.4.1. Artigos em revistas (113)
- 6.4.2. Capítulos de livros (115)
- 6.4.3. Organização de livros (122)
- 6.4.4. Publicação em Anais de eventos (124)

#### 6.5. Participação em bancas de conclusão (129)

- 6.5.1 Bancas de mestrado (129)
- 6.5.2. Bancas de doutorado (136)

### 7.COORDENAÇÃO DE EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS (137)

### 8.CONCLUSÃO (141)

### REFERÊNCIAS (142)

### ANEXOS (145-149)

## 1. IDENTIFICAÇÃO

NOME: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante

DATA DE NASCIMENTO: 08 de setembro de 1958

LOCALIDADE: Cupira

NATURALIDADE: Pernambucana

NACIONALIDADE: Brasileira

ESTADO CIVIL: Solteira

PAIS: Maria do Carmo da Silva e Romualdo de Holanda Cavalcante

FILHOS: Ana Tercia da Silva Cavalcante, Igor Vinícius Cavalcanti da  
Silva e Otávio Augustus Cavalcante da Silva

### CONTATOS:

Endereço: Av. Silvio Carlos Luna Viana, nº 2357, Aptº 401, Ponta Verde, Maceió, AL, CEP: 57.035-160

Telefone: (82) 999058205

WhatsApp: 82-999058205

E-mail:

[auxiliadora.s.cavalcante@gmail.com](mailto:auxiliadora.s.cavalcante@gmail.com);

[maria\\_auxiliadora8@hotmail.com](mailto:maria_auxiliadora8@hotmail.com)

[maria.cavalcante@cedu.ufal.br](mailto:maria.cavalcante@cedu.ufal.br) (institucional)

URL(CNPq/lattes): <http://lattes.cnpq.br/6495492068805035>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4028-2669>

URL (G. de pesquisa): <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5362>

Facebook: (Auxiliadora Cavalcante)

Instagram: (cavalcanteauxiliadora)

## PERSPECTIVA DA NARRATIVA

A viagem não acaba nunca.

Só os viajantes acabam.

E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa.

Quando o visitante se sentou na areia da praia e disse:

“Não há mais o que ver”,  
saiba que não era assim.

O fim de uma viagem é apenas o começo de outra.

É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já,

ver na primavera

o que se vira no verão,

ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía,

ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar,

a sombra que aqui não estava.

É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles.

É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

José Saramago (1997, p.387)

## 2. APRESENTAÇÃO

Este memorial tem por objetivo atender aos itens previstos na Resolução nº 78/2014, CONSUNI/UFAL, DE 17 de novembro de 2014, que regulamenta, no âmbito da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, o processo de progressão docente para a classe E – Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

Justifico esta solicitação porque, ao longo dos últimos 20 anos, tenho exercido com dedicação, amor e respeito todas as atividades docentes que me foram solicitadas e para as quais fui aprovada em concurso público.

A narrativa é feita em primeira pessoa porque inclui aspectos muito peculiares de minha história de vida, tendo em vista que não tive a oportunidade de cursar a Educação Básica de forma regular, pois esta foi realizada por meio de exames supletivos. No entanto, considero que as experiências vivenciadas no mundo do trabalho e das relações pessoais muito contribuíram para a minha formação docente.

Desta forma, este memorial narra um pouco das minhas origens, da minha formação universitária, bem como das atividades de ensino, de pesquisa, de gestão e de extensão, exercidas na Universidade Federal de Alagoas.

### 3. ORIGENS: CONTEXTOS GEOGRÁFICO, HISTÓRICO, ECONÔMICO E SOCIAL

#### 3.1 Décadas de 1950 e 1960

Eu sou a filha mais velha de seis irmãos. Nasci na zona rural de Cupira que, em 1958, era uma pequena cidade, localizada no semiárido pernambucano, cujo primeiro povoado surgiu em 1881, mas somente em 1953 desmembrou-se do município de Panelas e passou a condição de município.

A maioria dos acontecimentos e serviços de Cupira ocorria na sua principal avenida, inclusive a feira-livre, sempre às quartas-feiras, quando todos se preparavam para o evento, pois o dia da feira de Cupira era o principal dia da semana, para quase todos os cupirenses. Nesse dia, feirantes, negociantes, ambulantes, vendedores de tecido, de vassoura, de cangalha, de frutas e verduras, de alhos e bugalhos e até de óleo do peixe elétrico apareciam na feira, bem como possíveis “partidos” para as mulheres, cujos ex-maridos haviam ido tentar a vida em São Paulo e lá chegando logo tornavam a se casar.

Na feira de Cupira, tudo se vendia, tudo se trocava, tudo se jogava, tudo se comprava e tudo se arrumava. Lá muita gente ganhava dinheiro e também perdia. Às quartas-feiras, vinha gente de todos os sítios, fazendas, cidades vizinhas e até gente das Alagoas. Quarta-feira era de fato um grande dia.

Um ano antes do meu nascimento, minha mãe Maria do Carmo da Silva, morava na principal avenida da cidade, conforme seus relatos. Nessa época, seus dias eram quase sempre iguais: cuidar da casa da irmã e de dois sobrinhos, pois desde que seu marido a havia abandonado grávida de sua primeira filha que, logo no primeiro mês de vida faleceu. A partir de então, minha mãe passou a viver na casa de sua irmã, que era costureira “fina” e cujo marido era marceneiro de “primeira”.

Na condição de mulher sem marido, minha mãe foi aconselhada por suas amigas e comadres a tentar arrumar um novo companheiro. E assim, ela passou a prestar atenção num determinado cavaleiro, que passava quase todas as tardes

em frente à casa onde ela morava. Aquele senhor estava sempre vestido num terno de linho e montado num grande e bem cuidado cavalo branco. Era um homem já de meia idade, aparentando mais de 50 anos. No entanto, parecia interessante, interessado e resolvido do ponto de vista econômico, além de bem afeiçoado.

Numa das tardes, em que o cavaleiro passava, uma amiga o apresentou a minha mãe, que nesta época estava com 24 anos de idade, e a partir de então ela passou a viver com Romualdo de Holanda Cavalcante, no Sítio Serrote Liso, distante cerca de quatro quilômetros da cidade de Cupira.

O Sítio Serrote Liso era uma pequena propriedade, com cerca de 140 hectares, sendo que um terço de sua área era constituída por um grande lajeiro, com dois caldeirões<sup>1</sup>, onde era armazenada a água das chuvas para o consumo doméstico e dos animais do sítio, ao longo do ano. O caldeirão maior era denominado de Açude do Meio e o menor Caldeirão do Alto. A água para beber era retirada de uma cacimba que ficava ao pé de um grande lajeiro. Também havia uma lagoa que se formava todos os anos a partir da água que escorria do lajeiro e dos riachos próximos, por ocasião das trovoadas de janeiro.

O restante da propriedade era dividido entre uma área de pasto para os animais, a área de arrendamento para terceiros e uma outra área bem menor onde nossa família, todos os anos, fazia um pequeno roçado de milho, feijão, abóbora, melancia, maxixe e quiabo, para o consumo da casa. Além disso, a gente plantava batata doce e macaxeira.

Em Serrote Liso, havia uma grande variedade de frutas: muitas mangueiras (manga rosa, manga espada, manga coquinho, manga maranhão e manguito), diversos cajueiros (caju banana, caju vermelho, caju amarelo e caju maçã), cujos pseudofrutos e castanhas variavam de tamanho, mas não de sabor: todos eram muito saborosos). Além disso, havia goiabeiras, limoeiros, pitombeiras, cajazeiras, bananeiras, plantações de cana caiana, jabuticabeiras, abacateiros e alguns pés de perim (fruta silvestre, amarela ou roseada, com cerca de um centímetro de

---

<sup>1</sup> Caldeirão era o termo utilizado para denominar pequenos açudes, construídos em cima do lajeiro.

diâmetro, com um sabor doce e muito agradável), que depois de sair de Serrote Liso, nunca mais saboreei.

Defronte a casa em que eu nasci e morei até os 11 anos de idade, também havia um grande e frondoso pé de umbu-cajá, cujos frutos tinham a cor do cajá e a forma arredondada do umbu, porém com um sabor muito menos ácido do que o sabor do umbu e do cajá. O pé de umbu-cajá dava uma sombra que cobria toda a casa. Nele, meu pai sempre colocava balanços para a gente brincar. Essa árvore, embora alta, tinha muitos galhos grossos que cresceram do início do seu tronco, o que facilitava que, eu e meus irmãos, subíssemos e descêssemos muitas vezes ao longo do dia.

A casa onde nós morávamos era a maior da propriedade, pois além dela havia mais duas menores. Uma que era ocupada por um casal de moradores do sítio e outra, onde morava meu tio, irmão de meu pai, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial e verdadeiro dono do sítio.

Minhas lembranças mais remotas referem-se ao tempo em que eu tinha por volta dos três anos de idade. Nessa época, já havia nascido meu irmão, Geraldo, que era um ano e seis meses mais novo do que eu.

Embora mais velha, lembro de ter aprendido a subir nas jabuticabeiras somente quando tinha cerca de cinco anos de idade, mas, nessa altura, meu irmão já subia e descia das árvores com muita desenvoltura. E eu queria fazer tudo que ele fazia, inclusive colocar cabresto nos cavalos para percorrer todo o sítio. Logo aprendi a maioria das atividades, que na época, eram realizadas pelos meninos.

Ainda muito pequena, aprendi a tirar leite das vacas, a cortar palmas para alimentá-las, além de ajudar, de vez em quando, minha mãe nas atividades domésticas: varrer toda a área que circundava a casa, inclusive a área debaixo do pé de umbu-cajá, varrer toda a casa, que tinha quatro quartos, uma grande sala de visitas, uma sala de jantar, uma cozinha e alpendres na frente e nas laterais. A nossa casa era bem grande, quando comparada às demais casas dos sítios vizinhos. Na frente e nas laterais, havia seis janelas. Originalmente, sua cor parecia ter sido branca, mas com o passar do tempo, tornou-se amarelada. Seu piso era

de cimento queimado; porém, em alguns cômodos, havia muitas rachaduras, inclusive debaixo da mesa onde fazíamos as refeições.

Algumas vezes, eu buscava água, na cacimba, que ficava cerca de um quilômetro de casa, num pequeno pote, que era transportado na cabeça, sem nem pensar em balançar o pescoço, pois caso derrubasse o pote de barro, além de perder a água também quebrava o pote e corria o risco de levar gritos de minha mãe.

Aos cinco anos de idade, fiz minha primeira grande viagem com meu pai. Fomos a Brejo da Madre de Deus, cidade onde morava minha avó paterna e alguns tios por parte de pai. Minha avó se chamava Maria Ventura Velha de Holanda Cavalcante (conhecida por Marquinha). Na época, ela já era viúva e morava com um dos meus tios.

A primeira parte da viagem foi feita a cavalo, chegando em Cupira, pegamos um caminhão e fomos até Caruaru. De lá, fizemos o último percurso de ônibus. Ao longo da viagem, meu pai falava de cada sítio e povoado por onde passávamos, dizendo o nome da localidade e também o nome do conhecido ou amigo dele que morava naquele lugar.

Ao chegarmos em Brejo da Madre de Deus, meu pai me levou primeiramente à casa de um dos meus tios, onde fui bem recebida pela mulher dele, cujo apelido era Bia, que logo me levou a várias lojas de roupas e de calçados e me apresentou com vestidos e sapatos novos. E aí, já usando os presentes, meu pai me levou para conhecer minha avó. Subimos a Ladeira da Cadeia e nos dirigimos até onde ficava uma de suas três casas.

A lembrança que tenho desse momento é de minha avó me olhando de cima para baixo, com um olhar muito sério, como se examinasse um objeto desconhecido, ou um animal que alguém estivesse lhe mostrando e não uma neta. Ela não demonstrava sentimento de carinho ou de afeto e nem de ódio; para ela, eu era um objeto inanimado. Não me senti bem-vinda. Pedi ao meu pai para voltarmos para nossa casa em Cupira. Ele respondeu que sim, mas que queria que eu conhecesse a sua cidade natal. E assim, fomos visitar a praça principal da cidade, que fica em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho.

Aos meus olhos, a praça parecia muito grande, com jardins cheios de flores, muito verde e bancos para sentar-se e descansar. Tudo ali era bem cuidado. Paramos em frente à matriz, mas não entramos, porque meu pai não gostava de padres e nem de igreja. Observei que a praça dava acesso a muitas ruas. De lá, também avistávamos as principais serras do município de Brejo da Madre de Deus: Serra da Prata, Serra do Amaro e Serra do Estrago. A posição das serras e o seu relevo criavam um vale, com muita água e um clima bem agradável, em pleno semiárido pernambucano, quase sertão, fazendo de Brejo da Madre de Deus uma cidade situada num oásis.

Na viagem de volta, paramos em Caruaru e meu pai me levou para conhecer o centro da cidade, onde lanchei pão-doce com sardinha coqueiro e cajuína. Que lanche bom! Até aquele momento, eu não sabia que existia sardinha em lata pequena, eu só sabia da existência de sardinhas em grandes latas, que eram vendidas por quilo, na feira de Cupira e na vendinha de seu Quitério.

A partir dos meus cinco anos de idade, minha avó materna, Ambrosina Ana do Espírito Santo (conhecida por Tia Bó), passou a me buscar quase todos os anos para ficar uma temporada em Novo Lino-Alagoas, com ela e com minha prima, Ana Rosa, a qual minha mãe havia ajudado a cuidar quando da sua estadia na casa de minha tia, Maria Ambrosina. Minha prima era cinco anos mais velha do que eu e passara a viver com Vovó, após o falecimento de seu pai.

Eu achava muito estranho o fato de minha prima, mesmo morando na mesma cidade que sua mãe, minha tia, nunca ir à casa dela. Eu vivia com os ouvidos atentos, cheia de curiosidade (minha vó vivia me mandando sair de perto, para eu não ouvir suas conversas com amigas e comadres). O fato de minha prima nunca frequentar a casa de minha tia, e nem Vovó, me deixava sempre intrigada. Com muitas perguntas e algumas hipóteses. As quais eu guardava bem escondidinhas no meu cérebro, porque sabia que eu não poderia nem falar no nome de minha tia madrinha. Embora eu já tivesse muito orgulho dela, pois ela sabia costurar e não dependia de ninguém para viver, como ressaltava minha mãe.

Nesse tempo, década de 1960, Novo Lino era uma cidade muito pequena, ainda menor do que Cupira. A maioria das casas não tinha energia e nem água

encanada, inclusive na casa de minha avó. Na cidade todo mundo se conhecia, sobretudo minha avó que tinha mais de 100 afilhados. Além disso, ela organizava romarias para Juazeiro do Padre Cícero (CE), Santa Quitéria de Flexeiras, São Severino dos Ramos e Santo Amaro de Serinhenhem (PE). Vovó me levava em todas as suas viagens. Passávamos muito tempo viajando em cima de caminhões pau-de-arara. Íamos também às festas que havia em Novo Lino e nos municípios vizinhos, bem como nas casas de parentes e de seus muitos afilhados.

Minha avó havia ficado viúva aos 25 anos de idade, com três filhos: minha tia, Maria Ambrosina, meu tio José Antônio e minha mãe, Maria do Carmo, que era a filha mais nova. Vovó se orgulhava de ter criado os filhos com muita dignidade, somente com seu trabalho e com a ajuda dos seus irmãos. Ela sempre repetia bem forte que depois que havia conhecido meu avô, nunca mais homem nenhum chegara nem perto dela. E que assim iria morrer.

Quando eu não estava viajando com minha avó, ajudava minha prima Ana Rosa a buscar água no riacho, lavar roupa e também nas demais tarefas domésticas. Nessa época, minha prima, que era somente cinco anos mais velha do que eu, já estudava. Todos diziam que ela era muito inteligente, pois até substituíria a professora nas aulas. Eu não estudava, pois como não pagava passagem de ônibus, estava sempre viajando junto com vovó. Eu sentia muita vontade de estudar, ficava olhando minha prima fazer seus deveres de casa. Ela sabia bordar, pintar, ler e escrevia muitas cartas a pedido das vizinhas. Eu não sabia fazer nada disso.

Quando estávamos em casa, eu e minha avó, todos os dias íamos à igreja, pela manhã, à missa das seis horas e no início da noite, à última missa do dia. Nos domingos, assistíamos a três missas, porque havia também a missa das 10:00 horas. Eu queria brincar, mas tinha que rezar... rezar... rezar.

Além disso, minha avó tinha uma rotina de visitas a parentes, amigas e afilhados. Assim, após a missa da manhã, um dia, tomávamos café na casa de Dona Generosa, que era ex-mulher do meu tio avô João (irmão mais novo de Vovó); outro dia, íamos à casa de sua sobrinha Letícia que, na época, já tinha três filhas, com quem eu brincava algumas vezes e as considerava também como minhas

primas legítimas, embora fossem primas de terceiro grau. Pelo menos, dois dias na semana, visitávamos algumas de suas amigas ou comadres. Mas nunca entrávamos na casa de minha tia. Até mudávamos de calçada para não passar defronte à sua casa. Nessa época, a gente andava muito a pé.

No entanto, não passava nem quatro meses e eu pedia para que minha avó me levasse de volta para minha casa, fato que me deixava triste e curiosa. Eu sentia saudade da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos e de tudo que a havia no Sítio Serrote Liso. Na casa de Vovó, não tinha desculpa: hora de rezar era para rezar e muito; hora de buscar água; balde na cabeça; hora de viajar, sacola pronta. Eu gostava muito de conhecer novos lugares e pessoas diferentes, mas depois de muitas idas e vindas, eu me cansava e queria minha casa de volta.

Quando chegava em casa, era uma festa: minha mãe fazia doce de mamão com coco, arroz doce, mostrava-me os novos pintinhos, peruzinhos e gatinhos que haviam nascido enquanto eu estivera fora. Meu pai me mostrava os bezerros, os cavalinhos, as plantações de abóbora, melancia, feijão, milho, batata doce e macaxeira. Meus irmãos me levavam para tomar banho nos açudes, pescar, subir em árvores, pular da parede do açude do meio e brincar de escorregar nas folhas secas, numa encosta bem íngreme, que dava para uma grande lagoa. Depois íamos procurar fruta madura nos pés. Vivíamos apostando quem descobriria os primeiros cajuzinhos da nova safra.

Nessa época, meu pai viajava para vender vassouras, arreios, cangalhas e outros produtos. Ele os comprava em Brejo da Madre de Deus e Caruaru e os negociava em diversas cidades da zona da mata de Pernambuco. Na volta para casa, quase sempre, trazia um cavalo carregado de alimentos. Porém, outras vezes, ele não trazia nada, nem mesmo os cavalos que havia levado, porque perdera todo o dinheiro no jogo de baralho. E aí chegava em casa cabisbaixo e triste. Eu também ficava muito triste. Minha mãe logo descobria o motivo da tristeza e aí aconteciam as brigas. Ele sempre prometia que não iria jogar mais, o que nunca cumprira.

No dia seguinte, logo cedo, minha mãe recomendava para não falarmos nada para nosso tio, que morava numa casa perto da nossa. Mas não demorava

muito e meu tio ia à cidade. Na volta, ele mal entrava no sítio e já gritava o nome de meu pai, desde a porteira. Nessas ocasiões, as brigas eram horríveis, meu tio ameaçava de não mais ajudar meu pai, desistir dele de uma vez, como fizera minha avó paterna e os outros irmãos, desde que ele passou a viver com minha mãe, uma mulher descasada. Dizia meu tio: “és maluco; tu colocas criaturas no mundo para sofrer” e continuava: “és um irresponsável”. “Eu só não te mato, porque Maria, (minha mãe), não merece sofrer mais do que já sofre”. Nessas horas, meu pai retrucava: “tu te consideras um homem decente, sem vícios, mas tua mulher te deixou porque não suportava viver contigo”. Os dois ficavam um tempo discutindo. E várias vezes meu tio quase de fato matou meu pai, chegando a apontar a espingarda ou o revólver para sua cabeça. Nessas horas, minha mãe se ajoelhava e lhe implorava para que não fizesse aquilo. Os dois irmãos ficavam sem se falar vários meses.

Passávamos o resto do dia angustiados, com medo de que meu tio mudasse de ideia e voltasse para recomeçar a briga. Sabíamos que ele era ganhador de medalhas de tiro ao alvo e que, na Segunda Guerra, ele não deixava nenhum inimigo vivo. Por sorte, ele nunca cumpriu as ameaças. Assim, passados dois ou três dias, voltávamos à rotina: pela manhã tirar o leite das vacas, entregar o leite na cidade. Cuidar do gado e dos cavalos. E depois dar uma volta no sítio para ver se não havia cerca furada ou fugido alguma vaca ou cavalo.

À tardinha, meu pai se sentava no alpendre do lado esquerdo da casa com todos os filhos e narrava os principais fatos que haviam ocorrido durante suas viagens. Falava inclusive do “maldito” jogo, argumentando que estava indo bem, ganhando todas as partidas, mas que de repente o jogo virou, alguém burlou e ele começou a perder, mas havia continuado, porque queria recuperar o que já havia perdido. Ele argumentava: “nós quase ficamos ricos, eu já havia ganho duas casas, uma delas perto da casa de sua tia e madrinha<sup>2</sup>”. “Íamos morar bem centro de Cupira”. Nessa hora, ele olhava para mim e dizia: se eu tivesse ganhado o jogo, hoje eu estaria fazendo a sua matrícula no grupo escolar.

---

<sup>2</sup> Meu pai se referia à Rua do Comercio em Cupira.

Nas viagens em que ele não jogava, ao chegar em casa tirava o dinheiro do bolso e ia falando o valor de cada cédula, desafiava-nos a dizer quanto era valor de quatro ou cinco cédulas. E quem acertasse primeiro ganhava uma nota de maior valor. Na maioria das vezes, eu acertava e chegava a juntar muitas cédulas, as quais, depois de um tempo, ele tomava emprestado para viajar e nunca mais me devolvia. Eu ficava muito triste, com uma sensação de impotência diante das atitudes de meu pai.

Outras vezes, meu pai pegava um jornal e lia para a gente, explicando o que estava acontecendo, do ponto de vista político, econômico e social, no Brasil, no Governo do Estado de Pernambuco e na Prefeitura de Brejo da Madre de Deus. Ele falava de Miguel Arraes, que era governador de Pernambuco, como se fosse amigo de infância e nosso amigo. Falava que o senador tal era seu amigo, que o deputado tal havia sido de sua turma, quando cursou o primário em Recife, no período de 1912 a 1916. Além da leitura dos jornais, ele também lia muitos cordéis: Pavão Misterioso, José e Seus Irmãos, A Moça da Pedra Fina, A Chegada do Cavalo Misterioso, entre muitos.

Todos os dias, meu pai tinha histórias para nos contar. Falava da ida de meus tios para a Segunda Guerra Mundial, dizendo que não fora convocado porque tinha uma deficiência na perna esquerda, decorrente de uma paralisia infantil, que sofrera aos cinco anos de idade, deixando-o com uma perna maior do que a outra. Ele narrava os fatos ocorridos na guerra como se deles houvesse participado. Falava dos países envolvidos na guerra, dos meios de transporte utilizados para o deslocamento das tropas, das vitórias e das derrotas dos aliados. Contava e recontava os fatos e aventuras vivenciados quando ainda era mascate e transportava do Brejo da Madre de Deus, no lombo de burros: selas, cangalhas, arreios, queijos, manteiga e feijão para a zona da Mata de Pernambuco. Fatos ocorridos nas décadas de 30 e 40, do Século XX. Na volta, carregava os burros com farinha de mandioca, carne de charque e açúcar, alimentos que iriam abastecer os comerciantes do Brejo e de cidades vizinhas.

Nas suas narrativas, ele relembra todas as paradas que fazia ao longo da viagem que, em geral, durava cerca de um mês ou mais, dependendo do tempo e

das acolhidas ao longo do percurso. Falava dos pernoites que fazia nos diversos lugares, sítios, fazendas, cidades, povoados e até nos cabarés. Com isso, construía muitas amizades com fazendeiros, gente da política, comerciantes, homens e mulheres das mais diversas profissões, inclusive prostitutas e jogadores de baralho. A cada semana, ele narrava a história de um amigo ou de alguém que havia conhecido durante suas viagens. Relatava inclusive os diversos casos amorosos que teve com prostitutas, mulheres casadas e solteiras também. Algumas vezes também relembra de sua vida, na época em que morara em Recife.

Várias vezes, meu pai narrava, com muita admiração, a história de Edi, ex-esposa de meu tio (o dono do sítio, onde morávamos), ressaltando que ela havia se casado com meu tio quando ele já tinha mais de 40 anos e ela tinha menos de 18 anos de idade. Ele dizia que todos falavam mal dela, mas ela fizera muito bem. Segundo meu pai, as pessoas diziam que ela havia se casado com meu tio somente para que ele custeasse seus estudos. Por isso, só viveram juntos cerca de dois anos e depois ela voltou para a Paraíba, para continuar os estudos. Lá, concluiu o curso de Direito. Foi aprovada num concurso para ser procuradora na nova capital do Brasil. E em Brasília, segundo meu pai, ela era muito bem sucedida. Meu pai repetia sempre: “faça como Edi nunca dependa de nenhum homem na vida”.

Dizia meu pai: “vida de mulher sem estudos é sofrimento”. “Veja a história de minha mãe” (referindo-se a Vovó Marquinha), que teve que quase morrer de tanto trabalhar para criar os sete filhos”. E só não foram nove, porque Deus levou dois”. Continuava meu pai, “você não imagina o que é ter que alimentar sete filhos quase sozinha, pois seu avô, antes de ser assassinado, era soldado e vivia na captura de Antônio Silvino. Vivia no mundo. Só voltava para casa para deixar mais um filho para minha mãe criar”.

Ele também contava muitas histórias sobre seus irmãos, mas pouco falava sobre sua única irmã, Erotildes que, aos 14 anos de idade, “se engraçou” por um chofer de ônibus, que fazia a linha Brejo da Madre de Deus – Recife. Relatava que seus irmãos, quando souberam de seu interesse por um homem daquela profissão, quase a mataram, obrigando-a a fugir para Recife e nunca mais, durante toda sua vida, voltar ao Brejo. E assim aconteceu, pois Vovó viveu até os 99 anos de idade

sem nunca mais ter visto sua única filha mulher, embora tivesse notícias de que minha tia havia se tornado uma empresária de sucesso em Recife, no ramo da tecelagem e cujo filho se tornara embaixador. Eu queria conhecer minha tia, mas sabia que meu pai e a família dele nunca permitiriam. Na família de meu pai, mulheres só poderiam ser casadas, viúvas ou solteiras virgens. Fora desses status seriam banidas definitivamente da família.

Dentre as várias histórias que ele narrava, uma se referia à época em que fora seminarista em Recife, na segunda década do século XX. Ele falava dos padres com desprezo e de como eles o haviam assediado. Fato que justificaria eu nunca ter entrado em nenhuma igreja com ele. E ele também nunca permitiu que eu fosse à missa sozinha. Não queria que eu fizesse catecismo ou que nenhum dos meus irmãos fosse à igreja. Sempre tinha histórias escabrosas para contar sobre a religião católica e os padres. Meu pai não tinha “papas na língua”, descrevia com detalhes o que havia lhe ocorrido durante seus anos no seminário. Minha mãe ficava horrorizada com aquelas histórias. Pedia para que ele parasse de contar tais fatos, mas ele dizia: “meus filhos precisam saber o que pode acontecer por trás do altar das igrejas”. Mesmo contra a vontade de meu pai, minha mãe continuava rezando todos os dias e nos ensinando a rezar e a cantar os hinos da igreja.

Ela quase nunca participava dos momentos das narrativas, pois estava sempre ocupada com as tarefas de casa. Ela se levantava antes das 5:00 horas da manhã para ralar milho e fazer o pão (cuscutz), ferver o leite e cozinhar ou fritar ovos, para o café da manhã. Em seguida, alimentava as galinhas, os perus e aguava a horta. Ainda não eram 8:00 horas e ela já havia enchido os potes com água da cacimba ou dos cadeirões (açudes). Depois, era a hora de lavar roupa e de fazer o almoço. Eu às vezes a ajudava nessas atividades; porém, na maioria do tempo, eu ficava com meu pai e com meus irmãos, fazendo as atividades voltadas para o cuidado com o gado.

Quase todos os dias, eu e meus irmãos íamos andar por cima do grande lajeiro, de onde se avistava a maior parte do sítio. Nesses passeios, eu sempre parava para olhar as várias marcas de pés que existiam nos lajeiros, imaginando quem havia pisado daquela forma para ficar gravado nas pedras.

Sempre que eu passava por cima das grandes marcas de pés, eu colocava meus pés. Mas logo eu os retirava, pois aquelas pisadas pareciam enormes, coisa de ser do outro mundo. Parecia que quando alguém pisou naquele local ainda não era pedra, mas um barro mole. Estranho, muito estranho mesmo. As grandes pegadas me deixavam intrigada, curiosa e também com medo do além. Eu vivia fazendo perguntas, mas as respostas nunca me convenciam. Minha mãe dizia que eram os passos de “Nosso Senhor, Deus”. Mas meu pai dizia que aquilo deveria ter sido um bicho que pisara muito forte há muito milênios.

Nesses momentos, muita coisa passava na minha cabeça, eu imaginava que aquelas marcas seriam de seres ou gente que teriam vindo de outros mundos, do espaço, da lua, do céu ou das histórias dos cordéis. As pegadas nas pedras, algumas grutas e o grande lajeiro alimentavam minha mente e eu criava muitas histórias, mas quando, nas minhas narrativas mentais, apareciam os monstros ou os homens do mal, os papafigo ou a comadre “fulozinha”, bem como as pessoas que roubavam crianças para vender, eu saía correndo e pedia ajuda aos meus irmãos. Aí, a gente ia subir nas fruteiras, caçar, pescar, apostar corridas e descer nas escorregadeiras sentados nas folhas secas das bananeiras. Findávamos a manhã tomando banho no Açude do Meio. Porém, durante os 11 anos em que morei no sítio Serrote Liso, as grandes pegadas nas pedras me deixavam sempre impressionada.

Quando chegávamos em casa, o almoço já estava pronto. E logo após, era a hora que nossa mãe tinha para ficar um pouco conosco, porque essa era a hora que meu pai fazia sua sesta. Nesse momento, nossa mãe também falava de sua infância muito difícil na zona rural de Lagoa dos Gatos, pois meu avô, seu pai, havia falecido quando ela tinha somente seis meses de vida. Ela também narrava fatos relacionados à sua vida durante os três anos em que frequentou a escola: os nomes das professoras, o seu desempenho, as leituras que fazia na missa de domingo, sua primeira comunhão, os nomes dos seus primos e amigos de infância, o trabalho nos cafezais e na colheita de frutas da época. Ela também contava muitas histórias da família, das quais nunca era protagonista e nem sequer participante. Não falava sobre sua vida com o primeiro marido e nem como havia sido abandonada por ele. Não me lembro de ter vivenciado um único sorriso de minha mãe durante toda sua

vida. Ela estava sempre com um ar triste, melancólico, parecia distante do momento presente, era como se ela nunca tivesse superado seu passado. Porém não reclamava de nada. Tudo ela “entregava a Deus”.

Os textos que minha mãe lia para mim e meus irmãos quase sempre eram textos religiosos ou hinos da igreja, os quais depois de lidos, eram cantados ou rezados por nós. Ela raramente ia à feira. Quem se encarregava das compras era meu pai. Minha mãe só ia à cidade quando ele estava viajando.

Numa das vezes em que ela foi fazer a feira, em Cupira, comprou uma carta de ABC e uma tabuada, com as quais começou a nos ensinar o alfabeto e os números. Lia o alfabeto em voz alta apontando para cada letra e depois colocava um pedaço de jornal, com um pequeno furo, para que a gente dissesse o nome da letra, sem ver a letra anterior ou a posterior. Nós deveríamos gravar o desenho e os nomes das letras. Ela repetia que não era para decorar e sim para aprender. Assim, aprendi o alfabeto, os números e a fazer contas de cabeça.

A partir de então, toda vez que meu pai lia um jornal ou um cordel, eu ficava bem pertinho dele para tentar seguir a leitura, olhando as palavras e tentando fazer uma relação entre as letras do alfabeto e como elas apareciam nas palavras lidas por meu pai.

Quando eu estava com oito anos de idade, minha avó materna me levou novamente para Novo Lino. Desta vez, dizendo que eu já estava bem grande e deveria estudar. Fiquei feliz e com ela viajei. Fui matriculada por minha prima Ana Rosa no Grupo Escolar da cidade, para fazer a pré-cartilha, com uma professora chamada Dona Consuelo.

No início de 1967, eu já estava com quase nove anos de idade e fiquei muito alegre com o início das aulas, ansiosa e cheia de expectativas. No primeiro dia de aula, eu já fui com minha farda nova, a pré-cartilha e todos os materiais necessários para estudar, os quais haviam sido doados por minha prima Letícia. Na turma, eu era uma das mais velhas, pois como era a fase da pré-cartilha, os alunos tinham entre cinco e seis anos. Para a maioria deles, era a primeira vez que tinha contato com as letras do alfabeto e os números. Eu já tinha esse conhecimento, e tudo o que a professora perguntava eu respondia imediatamente. Quase todos os dias ela

pedia para eu esperar para responder, mas eu queria mostrar que aquilo eu já sabia, porém ela repetia, repetia e tornava a repetir e não deixava ninguém nem olhar a página seguinte.

Depois de uns dias, quando fazia as tarefas de casa, eu pensei...eu vou olhar toda essa cartilha. Aí, comecei logo da última página. E para minha surpresa, lá havia muitas palavras e frases para serem lidas: babá, bolo, bola, bebê, bula, bica; casa, caneta, caderno, cidade; dado, dedo, Didi, Dodô e Dudu. Havia até uma pequena história. No primeiro momento, tive dificuldade para decodificar e pronunciar em voz alta as palavras começadas por b e por c, porém quando chegou na letra “d”, que eu pronunciei daaa.... doo, eu pensei, mas isso dado – bozó - eu sei ler! Isso me deu uma alegria tão grande, um sentimento de poder, eu não cabia dentro de mim de tanta alegria. Queria sair correndo para contar à minha mãe e ao meu pai, mas eles não estavam ali. Eu também queria que logo chegasse a segunda-feira, para eu dizer à professora que eu já sabia ler.

O domingo demorou muito, mas finalmente amanheceu segunda-feira, o dia que eu iria para a escola. Lá chegando, nem esperei a professora entrar na sala, fui ao seu encontro no corredor da escola, para contar a novidade. Entretanto, antes que eu pudesse pronunciar a primeira palavra, dona Consuelo logo me repreendeu, mandando-me esperar na classe.

De volta à sala de aula, nem me sentei, fiquei de pé à sua espera. Quando ela finalmente entrou, deu bom dia e solicitou que todos se sentassem em suas carteiras. Eu me sentava sempre na banca mais próxima do birô dela. A essa altura, eu já estava quase sem fôlego, de tanta ansiedade. Nem me sentei e fui logo dizendo: professora, professora! Eu já sei ler, eu sei ler! Dona Consoelo me olhou de baixo para cima e disse: muito bem, mas escrever que também é necessário, nem as letras você sabe fazer. Aquela resposta me deixou menor do que uma formiga. Sentei-me peguei o caderno e fui cobrir os pontilhados, cantando a “maldita” música... “Sobe e desce... sobe e desce.... sobe e desce sem parar, a criança também cresce sempre, sempre, sempre sem cessar”. À medida que cantávamos, preenchíamos o pontilhado subindo e descendo, entre uma linha e outra do caderno, formando um desenho como se fosse a letra W maiúscula

WWWWWWWW. Aquilo não fazia sentido para mim. Não era palavra, não servia para ler e nem com letra parecia.

A partir daquele dia, eu não gostava mais da professora e nem da escola; só pensava em voltar para casa, para contar aos meus pais que eu já sabia ler. Pedi a minha avó para me levar para casa, chorei, desobedeci várias vezes, mas não teve jeito, permaneci na escola até o final do primeiro semestre, no mês de junho.

Minha avó, que já não estava mais me aguentando, por eu ser desobediente e “preguiçosa” (eu não queria mais ajudar a fazer as tarefas domésticas, principalmente ariar as panelas de alumínio, para deixá-las brilhando como um espelho), nem esperou as festas juninas e me levou de volta para o Sítio Serrote Liso, em Cupira.

Penso que foi a última vez que vi minha avó materna. Ela disse para minha mãe que havia feito tudo para que eu ficasse na escola, mas eu não quis. Aquilo me deixou triste. Parecia contraditório, porque eu queria estudar, mas não na turma daquela professora. Vovó pediu para eu sair de perto das duas, pois queria conversar sozinha com mãe. Fiquei imaginado o que ela iria mais contar. Pensei: - dessa vez eu vou levar uma surra de cinto de couro.

Passado um tempo eu voltei e observei que minha mãe estava com os olhos muito vermelhos, como se tivesse chorado muito. Fiquei com raiva de Vovó, eu nem quis brincar com as calungas que ela havia conseguido com minhas primas.

Na semana seguinte, pedi ao meu pai para me matricular numa escola em Cupira, mas ele logo descartou essa possibilidade, argumentando que eu ainda era muito pequena para andar sozinha até a cidade, tendo em vista que meus irmãos não poderiam ir comigo, pois tinham de tirar capim para as vacas e ajudar no trato dos animais.

Não desisti, logo descobri que havia uma professora, que estava dando aula para as crianças, num sítio que ficava próximo ao nosso. Eu e meu irmão Geraldo montamos nos cavalos e fomos falar com a professora. Lá chegando, fomos bem recebidos, todos nos conheciam, sabiam nossos nomes e o nome de meu pai. Achei estranho, porque todos que moravam nas redondezas sabiam da existência da gente, embora eu nunca tivesse ouvido falar daquela professora e das pessoas

que lá moravam. Ela parecia muito jovem. Eu me perguntei: será que sabe ensinar? Mas aí me lembrei de minha prima, Ana Rosa, que também era bem jovem e muitas vezes havia substituído Dona Olga, a professora do 4º ano, na escola de Novo Lino.

Na semana seguinte, eu e meu irmão fomos para nossa primeira aula. Como lá não havia grupo escolar, as aulas eram ministradas na sala de visitas da casa da professora. A turma era multisseriada. Havia crianças e jovens. A sala era muito pequena, sentávamo-nos em tamboretas, doía muito as minhas costas, por ter que ficar à tarde toda na mesma posição, e quem chegasse atrasado estudava de pé. Não havia livros, nem cartilhas e nem birô. O quadro era bem pequeno, não dava para a professora copiar a atividade de uma só vez. Também não havia merenda. Havia somente um pote com água e um caneco para saciarmos a sede.

Após a primeira semana de aula, eu continuava desconfiada de que a professora não sabia ensinar. E de fato, minha hipótese se confirmou no dia em que ela escreveu a palavra boneca com “ç”. A professora nem terminou de escrever a frase no quadro e eu logo falei bem alto, não é “boneça” é boneca com “c” de “casa”. A professora, meio constrangida, respirou fundo, olhou-me demoradamente, voltou o olhar para a frase escrita no quadro e disse que havia escrito daquela forma para que a gente constatasse o erro. Sua resposta não me convenceu. Cheguei em casa e mostrei ao meu pai, que olhou meu caderno e disse que havia muitas palavras erradas, nas cópias que eu tirava do quadro. Não fomos mais à escola.

Nos anos de 1968 e de 1969, quase não choveu em Cupira, iniciando uma grande seca, como eu nunca tinha vivenciado nos meus 10 anos de idade. Os dois açudes secaram, a lagoa secou e a cacimba estava quase vazia. A cada nova semana, os vizinhos a cavavam mais fundo tentando encontrar água. Além disso, a pouca água que brotava da cacimba era dividida para todos os moradores dos sítios vizinhos, quase não sobrava água para os animais. A água não era mais azulada e sim barrenta, com um sabor estranho. Com a escassez de água, o gado começou a morrer de sede. As palmas e o capim não cresciam por falta de chuva. Não havia mais pasto para gado. Então meu tio resolveu vender o sítio Serrote Liso.

Meu pai e alguns vaqueiros, contratados por meu tio, levaram o gado, que sobreviveu, para o Brejo da Madre de Deus. Os animais foram andando até o pequeno sítio que meu tio comprou nos arredores de sua cidade natal.

Nós esperamos a volta de nosso pai para também mudarmos para o Brejo. Fomos num caminhão bem pequeno. Não deu para levar nem as nossas camas, pois a casa que nos esperava tinha somente dois vãos: a cozinha e sala, que a dividíamos com as palmas e os sacos de ração para o gado. Ficamos vários meses vivendo nessas condições.

A rotina dos meus irmãos não mudou: todos os dias continuavam cortando capim e palma para as vacas, tiravam o leite e trabalhavam nos muitos canteiros de cenoura de meu tio. Eles não tinham mais tempo nem para brincar.

Passado um tempo, meu tio fez uma casa de tijolo, com dois quartos, duas salas e uma cozinha. Mudamos para lá. Essa casa era no mesmo sítio, porém na fronteira com a cidade. A área da casa não era nem metade daquela do Sítio Serrote Liso. Mas ficamos felizes com o gesto do meu tio. Até eu passei a trabalhar nos plantios de cenoura dele.

Algumas vezes, meu pai me levava para a casa de sua mãe, Marquinha. Ela e meus tios não gostavam que eu e meus irmãos os chamassem de vovó e de tio. Ficávamos pouco tempo em sua casa. Eu gostava mesmo era de ir brincar com minha prima na casa de outro irmão de meu pai. Não me lembro de meus irmãos terem conhecido Marquinha, nem mesmo minha mãe chegou a conhecê-la, embora a mãe de meu pai tenha vivido até os 99 anos idade.

Depois da mudança para o Brejo da Madre de Deus, vovó Bó, mãe da minha mãe, também nunca mais foi nos visitar. Com isso, minha mãe não tinha mais ajuda de ninguém para vestir a mim e aos meus quatro irmãos homens. O dinheiro que meu pai recebia de meu tio, pelo trabalho, que ele e meus irmãos faziam todos os dias no sítio, mal dava para a nossa comida. Minha mãe não tinha mais suas galinhas, seus perus e ovos para vender e com o dinheiro comprar nossas roupas. A vida passou a ser bem diferente daquela que tínhamos vivido no Sítio Serrote Liso.

Quando morávamos em Cupira, Vovó nos visitava pelo menos duas vezes por ano. Ela vinha de Novo Lino carregada de roupas, lençóis e muitos brinquedos, que ela conseguia com meus primos e primas ou com suas comadres. Com isso, ajudava minha mãe a nos vestir. Com a mudança para o Brejo, mãe passou a costurar à mão as nossas roupas, aproveitando inclusive, alguns sacos de ração das vacas.

### **3.2. Década de 1970**

Diferente das duas cidades em que eu havia morado, Cupira e Novo Lino, cujos *status* de cidade tinham menos de cinco anos de emancipação política, o município de Brejo da Madre de Deus havia passado a condição de cidade em 1879<sup>3</sup>. Porém, seus registros históricos datam de 1710, quando um português chamado de André Cordeiro dos Santos se estabeleceu na localidade, que chamou de Tabocas, e ali construiu um engenho de cana de açúcar.

O Município de Brejo da Madre de Deus está localizado no planalto da Borborema, com uma altitude média de 636 metros. Lá, conforme dados do IBGE (2018), fica localizado o cume mais alto do Estado de Pernambuco: o Pico da Boa Vista, na Serra do Ponto, com uma altitude de 1.195 metros acima do nível do mar.

O nome da cidade “Brejo” foi motivado em função de sua situação geográfica: um vale formado pelas serras da Prata, do Estrago e do Amaro. O seu complemento “Madre de Deus” foi dado para lembrar os evangelizadores franciscanos, os chamados recoletas, da confraria da Madre de Deus do Recife, mais conhecidos como da Congregação de São Filipe Néri, os quais adentraram ao interior da Capitania de Pernambuco, seguindo o curso do Rio Capibaribe.

No ano de 1969, quando mudamos para o Brejo, a cidade já não estava mais no seu apogeu social e econômico. Porém, a existência de muitos casarios antigos, duas grandes Igrejas: Igreja Matriz de São José, que é o padroeiro da cidade; e a Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, davam-nos indícios de que seus antigos habitantes viveram períodos de glória.

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis in: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Brejo\\_da\\_Madre\\_de\\_Deus](https://pt.wikipedia.org/wiki/Brejo_da_Madre_de_Deus)

A cidade ainda preservava dois grandes cinemas, onde assisti a muitos filmes. Havia um clube de festas, um grupo escolar enorme, onde estudavam os filhos de toda sociedade visível, havia também alguns armazéns de algodão, lojas de tecido, de miudezas, um supermercado e muitas mercearias, além da grande feira livre, que acontecia todos os sábados. O comércio era bem movimentado. Além disso, a cidade era uma das maiores produtoras de cenouras do Estado de Pernambuco. Todos os dias saiam vários toyotas<sup>4</sup> carregados com as raízes para abastecer a capital pernambucana. O Brejo, com suas histórias, filhos ilustres e relevo, logo me deixou encantada.

Somente no início do segundo semestre do ano de 1970, a mãe de minha prima fez minha matrícula no Grupo Escolar de Brejo da Madre de Deus. Ela também comprou os livros, o caderno e a farda para eu estudar, objetos essenciais para se estudar naquele grupo. Além disso, Bia (mulher de meu tio) também fez minha matrícula nas aulas de reforço de matemática e português, que eram ministradas, duas vezes por semana, pela professora Dona Dulce do Caroço.

Dona Dulce do caroço não tinha pena de ninguém. Quando ela perguntava a tabuada, quem não respondesse ia logo abrindo a palma da mão para receber uma forte pancada com a palmatória grossa de madeira, que estava sempre ao lado de sua mão direita na mesa. Nunca errei a tabuada e nem as perguntas de gramática. Mas viva morrendo de medo que um dia pudesse acontecer comigo.

Mal pude esperar passar as festas juninas, para voltar a estudar numa escola de verdade. Embora a aula começasse às 07:00 horas, no meu primeiro dia de aula, às 06:30 eu já havia chegado à escola. Às 07:00 horas, dirigi-me à sala da direção para saber qual seria a minha sala. Lá chegando, observei que havia duas professoras, que logo começaram a me fazer perguntas, sobre o que eu sabia, se já havia estudado, fizeram perguntas sobre o alfabeto e se eu sabia ler.

Diante de minhas respostas, as professoras decidiram que eu iria iniciar numa turma de segundo ano para ver se eu conseguiria acompanhar. Fiquei muito surpresa e feliz, mas também apreensiva, pois não havia nem concluído a pré-

---

<sup>4</sup> Toyotas eram grandes jipes da marca japonesa Toyota, usados para transportar a produção de cenoura e também fazer o traslado dos brejenses para as cidades vizinhas, sobretudo Caruaru.

cartilha, quando estudei em Novo Lino. Eu estava esperando ir, no máximo, para uma turma de primeiro ano primário. Isso, levando em conta meus quase 12 anos de idade.

Dona Margarida pegou no meu braço com carinho e um olhar acolhedor. Em seguida, levou-me para sua sala, apresentou-me à turma e me colocou na primeira carteira, junto ao seu birô. Na sala havia cerca de 40 alunos. Dei uma olhada panorâmica e vi que existiam, pelo menos, mais cinco alunos e alunas mais velhos do que eu, o que me deixou mais tranquila.

A turma era constituída por alunos de todas as classes sociais. Lá estudavam o filho do dentista, o filho do gerente do banco, os filhos dos grandes fazendeiros e comerciantes da região e também gente como eu, que só estava lá porque alguém comprou o material escolar. A escola recebia somente alunos que pudessem comprar a farda e o material didático. Limite que impossibilitou meus irmãos de terem a oportunidade que eu tive, pois meus pais não tinham recursos para comprar o que era exigido e nem meus tios se comprometeram, embora eles tivessem bastante recurso. Fato que eu nem gostava de pensar, porque me dava uma tristeza muito grande. Por alguma razão, eu me sentia culpada por eles não estudarem.

Nessa época, o grupo escolar pertencia à Rede Estadual de Educação do Estado de Pernambuco. O prédio era antigo, pintado numa cor amarelada já bem envelhecida pelo tempo. Era bastante amplo, com muitas salas de aula, sala de professores, sala de direção, sala do Censor, sala da secretaria, vários banheiros, uma cantina enorme, um pátio onde mais de 200 alunos merendavam, assistiam as peças de teatro de fantoche e desenvolviam as atividades culturais e comemorativas ou ensaiavam alguma peça de teatro.

A área externa da escola era tão grande que dava para colocar todos os alunos do turno matutino em fileiras para ensaiar a marcha do dia Sete de Setembro, utilizando somente uma das laterais. Todas as salas de aula tinham várias janelas, que davam para o bosque, de onde se viam as fruteiras, as árvores e os jardins floridos.

Após a merenda, todos corríamos para subir e descer das árvores, para pegar manga, caju, goiaba, pinha e muitas outras frutas. Dava até para brincar de queimado, de se esconder e de roubar bandeira.

A sala de aula do segundo ano também era enorme. Na nossa turma, havia 40 alunos matriculados e frequentando. Sentávamo-nos em carteiras que eram constituídas de duas peças: uma pequena mesa, com uma abertura, onde guardávamos o material escolar, e a cadeira. Esse estilo de móveis possibilitava que Dona Margarida nos agrupasse em equipes, em duplas, em trio e também de forma individual. Havia espaço até para o castigo de quem desobedecesse, bem como um grande birô, com muitas gavetas, nas quais a professora guardava parte do material utilizado em classe.

As paredes da sala de aula pareciam enormes e se destacavam por sua cor amarelada pelo tempo. O quadro de giz era verde. Eu me sentia muito bem naquela sala. Minha banca era vizinha ao birô da professora, que por sua vez ficava junto a uma das janelas que davam para o bosque da escola, de onde eu olhava para encontrar frutas maduras na hora do recreio.

Dona Margarida nunca faltava às aulas e nem eu. Iniciávamos o dia, em fileira cantando o Hino Nacional, seguido do Hino da cidade. Quando entrávamos em classe rezávamos o “Pai Nosso”. Depois desse ritual, dona Margarida se dirigia à classe e perguntava se alguém tinha alguma novidade, que quisesse contar. Alguns poucos alunos falavam de algum filme que estava passando no cinema da cidade, outros falavam da vitória do time de futebol, eu nunca tinha nada que valesse a pena contar. Nessa hora, Dona Margarida dizia que era torcedora do Sport Clube de Recife e por isso, eu também passei a ser torcedora do mesmo time.

Em seguida, ela pedia para que pegássemos o livro de Português (Nordeste), ou de outra matéria e fizéssemos a leitura em voz baixa. Passados alguns minutos, fazíamos a mesma leitura em voz alta, de forma compartilhada. Após esse momento, a nossa professora fazia várias perguntas voltadas para a interpretação do texto, pedindo inclusive para que a gente explicasse como chegamos a tal resposta. Em seguida, ela nos contava alguma história, fato ou uma

experiência, procurando fazer uma interface com o texto que havíamos lido, de modo que pudéssemos ampliar a compreensão do texto.

Ela registrava no quadro as orientações para realização das atividades de escrita. Pedia para que lêssemos o que deveríamos fazer. Sempre perguntava se todos haviam entendido. Lembro que dependendo do gênero textual, ela pedia para que fizéssemos uma pequena composição sobre o mesmo tema do texto lido.

Ao longo da escrita da composição, ela passava de banca em banca olhando a escrita de todos os alunos, observando como estavam escrevendo e o que estavam escrevendo. Parava muitas vezes para conversar com algum aluno ou aluna tentando esclarecer as dúvidas, orientado sobre uma melhor forma de escrever aquela ideia ou como usar uma palavra mais interessante, diferente, porém como o mesmo sentido.

Quando comecei o segundo ano, eu tinha muita vergonha de minha letra, eu a considerava horrível. Eu escrevia com muita força, com letras muito grandes, pareciam mais com letra de fôrma do que cursiva, quase furava a folha do caderno e toda hora eu quebrava a ponta do lápis. Com isso eu ficava morrendo de medo que a professora passasse perto de minha banca e visse minha letra, mas ela nunca parava. Olhava de longe, porém nada dizia.

Após andar a classe toda e ter certeza de que todos haviam concluído a tarefa, Dona Margarida solicitava que fizéssemos a leitura das nossas composições. Nesse momento, eu nem esperava ela perguntar quem queria ler primeiro, eu já me oferecia: professora posso ler a minha? Ela sempre respondia que sim.

Não demorou muito e eu virei a protegida de Dona Margarida, o que causava inveja à maioria dos colegas da classe. Alguém sempre inventava uma história para me deixar mal com ela. Mas ela não acreditava.

Concluí o segundo ano com um ótimo aproveitamento. O período de dezembro de 1970 até março de 1971 demorou uma eternidade. Eu mal via a hora de o ano letivo começar.

Na minha primeira Páscoa na escola, eu ganhei uma colônia no sorteio feito na classe. Era uma Colônia Seiva de Alfazema. Eu nunca havia ganhado nada em sorteio. Como eu fiquei feliz! Foi uma sensação tão agradável que aquele momento permanece até hoje na minha mente. Dona Margarida olhava espantada para mim, como se pensasse... como Auxiliadora pode ficar feliz com tão pouco! Na verdade, o fato de eu ter ganho o sorteio também me fez acreditar que eu era uma pessoa de sorte e que eu podia ter sorte na vida. Que eu poderia ter uma vida diferente da vida de minha mãe, que minha avó materna tanto criticava, repetindo sempre que minha mãe nunca iria ser feliz na vida, porque ela era uma pessoa sem sorte, o que me entristecia muito.

Após o sorteio na nossa classe, toda a turma foi ao bosque da escola procurar ovos de páscoa nas árvores, nas fruteiras e no jardim. Passamos o resto da manhã procurando os ovos e objetos. Dona Margarida nos acompanhava na caça aos ovos sorrindo muito e dizendo você está frio (para dizer naquele local não havia ovo ou outro objeto) ou então você está muito quente, mais quente, até que alguém da classe encontrasse algum dos ovos ou presentes que ela havia escondido em locais difíceis de serem logo encontrados. No final, sempre havia ovos de páscoa para toda a classe.

No início do mês de maio, o tema era sempre o dia do trabalhador, o trabalho, as profissões, os empregos. Ela lia vários textos, revistas, jornais que abordavam o tema e depois nos pedia para fazer uma composição, ou um poema ou um desenho sobre o assunto estudado.

Nas datas comemorativas, Dona Margarida organizava as equipes e orientava o que cada uma deveria fazer: havia uma equipe, que ficava responsável pelo desenho sobre o tema; outra equipe que gostava de versos com rimas, ficava responsável para elaborar um poema ou um cordel. Enquanto isso, as demais equipes folheavam as revistas e selecionavam as fotos e ilustrações que iriam compor o grande cartaz. Assim, cada mês íamos enchendo as paredes com o colorido dos nossos desenhos, pinturas, poemas e cartazes com muitas ilustrações. No final do ano, não havia mais espaço nas paredes.

No mês de maio, além das atividades de leitura e de escrita, a professora nos ensinava a fazer o presente que daríamos a nossa mãe. Para isso, ela comprava todos os materiais necessários. Lembro que o primeiro objeto que fiz, com sua orientação, foi um grande coração de espuma azul, costurado à mão e enfeitado com um bico de renda bem fininho, no qual minha mãe colocaria suas agulhas de costura.

Para a confecção do coração, primeiro, desenhamos um coração, numa cartolina, depois cortamos o molde, escolhemos a cor da espuma, cortamos a espuma, colamos a renda de enfeite numa das suas partes e costuramos. Quando viramos o coração pelo avesso, ele estava lindo. Colocamos espuma cortadinha dentro dele e o fechamos. Foi o primeiro presente que dei para minha mãe.

Todas as semanas, havia um dia dedicado às atividades manuais. No mês de junho, líamos várias receitas de comidas juninas. Depois íamos para o pátio em frente à cantina ajudar as merendeiras a descascar milho, ralar milho e depois fazer bolos, pé de moleque, canjica, milho cozido e pamonha. Esses momentos eram sempre de muita alegria, principalmente porque cantávamos músicas juninas. Quase nunca dava tempo de cozinhar tudo para lancharmos antes da hora de largar. Por isso, no dia seguinte, nossa merenda tinha um sabor especial, pois havia sido preparada com a nossa ajuda.

Na volta das férias em agosto, havia muitos temas para serem estudados: O Dia dos Pais, O Dia de Caxias, O Dia do Soldado. Nesse período, também começávamos a ensaiar a marcha para o grande desfile do dia Sete de Setembro.

No Dia dos Pais do ano de 1971, bordei um lenço com o primeiro nome de meu pai - Romualdo. Fiz a barra com um ponto chamado "meio ponto". Escolhi um tecido azul bebê, que havia sido comprado por dona Margarida. E tal qual havíamos confeccionado o presente do Dia das Mães, para O Dia dos Pais não foi diferente, seguimos todos os passos, do desenho na cartolina ao bordado. Colocamos as medidas do lenço na cartolina, com apoio de uma régua. Depois, marcamos a parte em que seriam retirados os fios para bordarmos o meio ponto.

No dia Sete de setembro, desfilamos pelas principais avenidas e praças de Brejo da Madre de Deus. A cidade estava cheia de gente para assistir ao desfile. A

banda de fanfarra era linda. Os integrantes vestiam roupas muito bonitas. Havia muitos instrumentos, inclusive de sopro.

Assim, a cada mês tínhamos novidades, para além do que aprendíamos em classe. E num piscar de olho, findava o ano letivo. E chegava à época do Natal e das férias escolares. Eu não gostava desse período, porque minha mãe continuava sem dinheiro para comprar roupas para mim e meus irmãos. Nessa época, erámos somente cinco irmãos. Além do fardamento que era doado pela mulher de um dos irmãos do pai, todas as minhas roupas eram doações de conhecidas e primas de meu pai.

Em 1971, eu já ia todos os finais de semana para a casa de dona Margarida, para ajudar na limpeza da casa e dos livros da biblioteca. Ela me ensinava como cuidar dos livros e dos discos. Eu passava muito tempo abrindo e fechando livros. Quando terminava de arrumar a casa e os livros, eu lia as revistas que estavam sobre o sofá. No final da tarde de sábado, ela me dava dinheiro para eu ir ao cinema e para fazer um lanche depois da missa do domingo. Na hora de ir embora, ela sempre me emprestava um livro para eu ler durante a semana.

Quando eu comecei o quarto ano, em 1972, ano de comemorar o sesquicentenário da independência do Brasil, fui logo informada que faria parte da equipe que iria representar o Brejo da Madre de Deus, num concurso em Caruaru, a ser realizado no mês de agosto, na Rádio Difusora de Caruaru. A equipe foi formada por 10 alunos, os quais participariam de atividades, com as quais tivessem mais habilidade. Dessa forma, uma parte da equipe ficou responsável pela elaboração de um grande cartaz, com um desenho original, que representasse a independência do Brasil, o qual deveria ser elaborado no momento do concurso. Outra parte da equipe iria produzir uma redação, de um dos temas relacionados à independência do Brasil, que seria sorteado no momento do concurso. Eu e mais duas colegas ficamos com a incumbência de responder as 50 questões dos temas relacionados à independência do Brasil, dentre os quais eu lembro da Inconfidência Mineira, dos muitos fatos que antecederam O Grito do Ipiranga, bem como dos fatos que o sucederam.

Duas vezes por semana, a equipe se reunia com alguns professores para estudarmos a história da independência do Brasil. Tais encontros ocorriam no contraturno, nos quais, líamos textos, ensaiávamos possíveis perguntas e respostas relacionadas aos temas previstos para o concurso e recebíamos orientações de como nos portar no momento do concurso, que seria transmitido ao vivo pela Rádio Difusora de Caruaru.

A direção da escola mandou confeccionar roupas e comprou calçados para todos da equipe. Para as meninas, foram confeccionados vestidos na cor verde bandeira. O modelo escolhido foi do tipo melindrosa, cuja saia começava na altura dos quadris indo até os joelhos. A saia era de pregas fundas e largas. Eu gostei do vestido, mas a cor me incomodava, estava sempre me lembrando a Bandeira do Brasil. Para os meninos, foram confeccionadas bermudas na cor verde e camisetas brancas. Nossa roupa, para a participação no concurso em Caruaru, foi feita por uma costureira de renome da cidade. Todos fomos à sua casa para que ela tirasse as medidas. Eu nem imaginava que seria necessária tanta matemática para fazer uma roupa. Voltamos à casa da costureira várias vezes, para experimentar as roupas.

A preparação do concurso durou cerca de cinco meses. Nesse período, estudávamos muito. Líamos muito. Os brejenses falavam muito sobre a gente. Quando eu passava em frente às mercearias alguém sempre perguntava: quando vai ser o concurso? E diziam: o Brejo tem tradição! Nós somos um povo vitorioso. Contamos com você para nos representar. Aquilo me deixava um pouco ansiosa, mas também muito orgulhosa por fazer parte da equipe que iria defender o Brejo da Madre de Deus em Caruaru. Até meus tios, que quase nunca falavam comigo, passaram a me cumprimentar e a me tratar diferente. Meu pai saia falando para todo mundo: “minha filha vai defender o nome do Brejo em Caruaru. Vocês vão ver que ela é muito inteligente mesmo”! Quando eu estava perto, sentia-me meio constrangida diante do seu orgulho e da forma como ele confiava de mim. As pessoas me olhavam diferente, a ponto de me incomodar. Dos colegas dessa época, lembro de Denise, que morava perto da casa de minha avó, (Marquinha) e de Milton, que era filho de Dr. Milton.

Finalmente chegou o mês de agosto de 1972, mês em que a gente iria participar do concurso. Nessa época, eu já estava com quase 14 anos e já pensava em fazer o exame de admissão para cursar o primeiro ano ginásial no ano seguinte.

Uma semana antes de irmos para Caruaru, toda a escola ensaiou conosco a participação no concurso. O pátio ficou cheio de alunos, não somente do turno matutino, mas também do vespertino e até do ginásio. Um professor fez o papel do locutor da Rádio, fazendo as possíveis perguntas. Houve um sorteio de um dos possíveis temas para o desenho do quadro, a ser desenhado e pintado. A equipe da redação também ensaiou sua produção.

Não lembro o dia exato do concurso, penso que foi na terceira semana de agosto e que na véspera da viagem, eu dormi na casa de dona Margarida. Acordamos muito cedo, nos vestimos e fomos com uma grande caravana, em jipes, toyotas, para a Rádio Difusora de Caruaru.

A viagem passou bem rápido. Antes de 08:00 horas da manhã, já estávamos no prédio da Rádio Difusora. Lá havia um grande auditório superlotado de alunos, de professores e pessoas que os acompanhavam. Lembro que concorriamos com várias cidades do semiárido pernambucano, inclusive com a equipe de Caruaru que, na ocasião, era considerada a equipe mais forte do concurso. O nosso desafio era grande: ganhar de Caruaru.

Por volta das 09:00 horas, um radialista famoso na época convidou para o palco os alunos que iriam participar dos sorteios dos temas da redação e do cartaz. Em seguida, chamou ao palco, os alunos que iriam responder as perguntas. Nesse momento, fui avisada que somente eu iria responder. Fiquei meio aflita. Mas não deu tempo nem de processar aquela informação e eu, junto com mais quatro ou cinco alunas e alunos de várias cidades, fomos colocados na frente do palco.

No início, foi realizado um sorteio, para ver que cidade responderia primeiro as suas 50 perguntas. Fui logo presenteada. Respondi corretamente, não somente a primeira questão, mas as 48 seguintes. Ao longo das perguntas, havia muitos fotógrafos tirando fotos. Os flashes me incomodaram muito, porque era a primeira vez que eu estava sendo fotografada.

Sai do palco triste, porque não consegui acertar todas as perguntas. Os professores e os colegas, bem como os pais de vários alunos que havia nos acompanhado também me parabenizavam muito, diziam que eu tinha sido maravilhosa, que estavam orgulhosos de mim, que íamos ganhar, porque os outros alunos também não haviam respondido todas questões. No entanto, nada me aliviava a cabeça. Eu só pensava nas duas questões que não conseguira responder.

Minha esperança era que a equipe que ficou de elaborar a redação e também o cartaz tirasse a nota máxima. E de fato, após uns 30 minutos, saiu o resultado. Nesse momento, o apresentador anunciou que a equipe de Caruaru havia ganho o primeiro lugar. E depois de um eterno suspense ele informou que Brejo da Madre de Deus havia conquistado o segundo lugar.

Mesmo com os muitos parabéns e abraços que recebi, eu não me senti vitoriosa. Voltamos para o Brejo da Madre de Deus e fomos recebidos pelas autoridades. Nos dois dias seguintes não houve aula na escola. Fomos informados que as aulas seriam retomadas na próxima segunda-feira. Aquela notícia me deixou triste, porque eu queria comentar com os colegas, eu queria falar sobre o concurso com os professores, mas tinha que esperar até a próxima aula.

De volta às aulas na segunda-feira, dona Margarida deu bom dia, parabenizou os alunos que haviam participado do concurso e deu prosseguimento à aula. A consciência de que o concurso havia terminado deixou com um vazio enorme dentro de mim. Nós não éramos mais uma equipe, não tínhamos atenção da direção e dos professores de forma diferenciada.

A boa notícia nos foi transmitida pela diretora da escola, informando que não iríamos mais precisar fazer o exame de admissão, para cursar o primeiro ano ginásial, porque a nova Lei da Educação havia mudado e, a partir daquele ano, quem fosse aprovado no quarto ano passaria direto para a quinta série do primeiro grau. Minhas notas eram sempre 10,0 (dez). Eu já me sentia estudando na quinta série, porque embora ainda fosse setembro eu já somava 70 pontos em todas as disciplinas, pontuação que garantia minha aprovação. Porém, também lembrava que para estudar na quinta série seriam necessários um caderno grande, com 12

matérias, muitos livros; e meu pai, embora tivesse conseguido se aposentar e arrumado um trabalho na Prefeitura de Brejo da Madre de Deus, continuava sem condições de custear meus estudos, porque nessa altura, meus irmãos também já estavam estudando numa pequena escola municipal, numa turma multisseriada.

No dia 7 de setembro de 1972, a equipe que participou do concurso em Caruaru desfilou no pelotão da frente. A Praça Nossa Senhora do Bom Conselho estava cheia de gente para assistir ao desfile. Desfilamos pelas principais ruas da cidade e ao final nos dirigimos ao coreto, que ficava defronte à Igreja, no qual recebemos as medalhas do sesquicentenário da Independência do Brasil e também fomos apresentados a todos que assistiram ao desfile.

No início do mês de outubro, fomos informados que, pela nossa conquista com o segundo lugar no concurso, havíamos ganhado da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco uma viagem à Recife e à Olinda, bem como um sobrevoo, em um avião da Força Área Brasileira, sobre Recife e cidades vizinhas. Antes da viagem, passamos uma semana estudando a história e a geografia de Olinda e de Recife.

Para a viagem à capital pernambucana e à Olinda, organizamos uma grande caravana: vários pais, muitos professores e diretores. A equipe do concurso do Sesquicentenário da Independência do Brasil, bem como os nossos professores fomos de ônibus. Os demais acompanhantes foram de toyotas.

Inicialmente, fomos à Olinda. Lá visitamos os principais monumentos: o Palácio dos Governadores, o Fortim de São Francisco e vários outros pontos históricos. Almoçamos em Olinda e depois nos dirigimos ao Centro Histórico de Recife. Fomos também ao Porto e depois ao aeroporto, onde fomos recebidos por soldados da Aeronáutica.

A primeira que vez voei não tive medo. Mas lembro de ter tentado ficar de pé para ver o exterior e logo fui bem repreendida. O voo durou cerca de 30 minutos sobrevoando as cidades de Recife, de Olinda e outras.

No mês de outubro de 1972, nasceu minha irmã Maria Aparecida da Silva Cavalcanti Holanda. Aí passamos a ser seis irmãos.

Em novembro do mesmo ano, recebemos a notícia de que a nossa avó (Bó), que morava em Novo Lino havia falecido num acidente, a caminho do Juazeiro do Padre Cícero. Ficamos muito tristes.

Conclui o primário também com um aproveitamento excelente. No final do ano, um dos meus tios me informou que iria comprar todos os meus livros e material escolar. Fiquei feliz.

Iniciei a quinta série cheia de expectativas com a nova fase dos estudos. Meu pai e todos da família dele já me consideravam como uma promessa de futuro promissor.

Por volta do mês de maio de 1973, uma fatalidade mudou nossa vida num piscar de olhos.

Nessa época, meu pai continuava trabalhando à noite numa construção. Porém, numa triste manhã, ele não voltou, ficamos muito apreensivos com sua ausência. Após algumas horas, meu tio chegou à nossa casa e informou que pai havia viajado e que logo voltaria. Achamos estranho pois meu tio nos pediu para que ninguém saísse de casa, porque meu pai voltaria a qualquer momento.

Passados uns cinco dias, numa madrugada de um sábado para o domingo, um caminhão parou à nossa porta e meu pai desceu e disse para subirmos e levarmos o que pudéssemos pegar imediatamente.

Passamos mais de um ano mudando de engenho em engenho, de usina em usina em Pernambuco e Alagoas.

No início de 1974, outro caminhão nos levou até a cidade de Pesqueira, localizada também no semiárido pernambucano, para trabalharmos na lavoura de tomate, para a Fábrica Peixe.

Morei e trabalhei no plantio e na colheita de tomate, na fazenda Campo de Aviação da Fábrica Peixe nos anos de 1974 e 1975.

No período de 1975 a 1979, fui várias vezes para São Paulo para trabalhar como empregada doméstica. Lá trabalhava seis meses e voltava trazendo dinheiro para ajudar meus pais e irmãos.

Aos 17 anos, engravidei da primeira filha, Ana Tercia. Mas como eu não quis casar, a partir de então, meu pai nunca mais olhou nos meus olhos e nem me dirigiu a palavra. Ameaçou me expulsar de casa, mas minha mãe me defendeu dizendo que se eu fosse embora de casa, a mala dela iria na frente. Após o nascimento de minha filha, eu não via nenhuma perspectiva de uma vida, que fosse menos sofrida do que a da minha mãe.

Porém, mesmo muito triste por ter que deixar minha filha com minha mãe, decidi trabalhar novamente em São Paulo. Lá chegando, a vizinha de minha prima, Ana Rosa, perguntou se eu queria trabalhar para uma família de estrangeiros que havia chegado ao Brasil recentemente, para a qual o seu marido estava trabalhando como motorista.

No dia seguinte, o marido da vizinha me levou para acertar o trabalho na casa dos estrangeiros. Comecei imediatamente. A dona da casa era inglesa, o marido dela era italiano e os dois filhos canadenses, que mal falavam português.

A mansão era linda, com muitos jardins, piscina, quadro de vôlei, de tênis, casa de hóspedes. Nem nos filmes, eu havia visto uma casa daquele tamanho e com tantas dependências. O quarto que eu ocupava era o maior no qual já havia dormido, estava equipado com cama boa, guarda roupa, cômoda, banheiro integrado ao quarto. havia uma pequena escrivaninha e até um aparelho de televisão só para mim. A área da casa me assustou. Pensei como poderei dar conta de tudo isso. Mas, diferente das antigas patroas, que só mandavam, dona Rose trabalhava tanto quanto eu: cozinhava, passava roupas, cuidava da cachorra Lessy e me ensinava a otimizar meu tempo. Além disso, havia um jardineiro e muitos equipamentos domésticos, que a família havia trazido do Canadá, que facilitava muito o meu trabalho, de modo que todas as tardes, após o almoço, minha principal atividade era ensinar as tarefas da escola às crianças, bem como, ler para elas e com elas, com objetivo claro de que logo aprendessem a falar bem português. Eu lia contos, fábulas, gibis e pequenos romances. O menino estava com nove anos de idade e a menina com oito. Eles tentavam fazer com que eu também aprendesse inglês, mas eu não avançava, porque eu pensava que aquilo não era para mim. E também eu sentia vergonha de não conseguir pronunciar as palavras de forma

correta. No entanto, o fato de ver os livros, pegar os livros e ler com as crianças fazia eu me sentir bem.

As crianças falavam do que queriam ser quando crescessem de forma muito segura. O menino que, já cursava a quarta série do primeiro grau, dizia que iria ser engenheiro químico, como o pai; a menina dizia que queria ser bailarina clássica, que queria viajar o mundo todo numa companhia de dança.

Eu olhava para os filhos de Dona Rose e tinha certeza de que eles teriam o futuro que falavam. Nessas horas, eu pensava na minha vida, na vida de minha filha e dos meus irmãos. Mas tudo era incerto na minha vida. A única coisa que eu tinha certeza era de que não queria passar o resto de minha vida trabalhando em casa de família.

Além de ajudar as crianças com as tarefas da escola, eu também ficava muito tempo conversando com dona Rose, porque ela também queria aprender português. Ela me fazia muitas perguntas sobre diversos assuntos. Eu falava sobre minha vida de estudante e do meu desejo de um dia voltar a estudar. Ela me contava a sua história de vida, as dificuldades por que passara na infância, pois sua mãe havia ficado viúva muito jovem e que para sustentar a casa, ela e sua mãe costumavam até altas horas da madrugada. Também falava da sua vida no início de casada no Canadá, quando ela e o marido haviam migrado para lá.

Dona Rose me mostrava as fotos dos seus filhos bebês com muito orgulho. Porém, narrava com uma certa tristeza os fatos vivenciados no início de seu casamento, pois tivera que esperar mais de três anos para ter o primeiro filho. Com isso, ela dizia ter se sentido muito sozinha e que fingia falar ao telefone com sua mãe para diminuir a tristeza. No entanto, ressaltava que a espera pelo nascimento de seu primogênito fora necessária porque o casal havia planejado ter o primeiro filho somente depois de ter condições financeiras para arcar com as novas despesas decorrentes da vinda de um bebê.

A história de vida de Dona Rose me deixava intrigada, sobretudo a ênfase que ela dava as palavras **planejamento, objetivo e futuro**. Eu achava muito estranho o fato de um casal planejar ter um filho. Na minha visão, ter ou não ter filhos era coisa do destino, coisa de Deus ou da natureza. As palavras de Dona

Rose sempre mexiam muito comigo, sobretudo, porque eu também tinha uma filha, que amava muito, mas que nunca fora planejada. Eu tinha medo de falar sobre sua existência e não ser mais aceita por aquela família.

Uma vez perguntei a Dona Rose por que era tão importante planejar, pensar no futuro e ter objetivos de vida. Ela me respondeu: “Dora<sup>5</sup>, não podemos deixar que a nossa vida seja entregue ao acaso e nem ao destino”. “Temos sim que planejar tudo, pensar no que queremos para nossa vida no futuro”. Nesse momento, ela disse: “veja, agora é o mês de junho, mas eu vou fazer o bolo do Natal esta semana, porque em dezembro estarei muito atarefada, com os preparativos, os presentes das crianças, a organização da casa.... Continuou Dona Rose: “nos próximos cinco anos, não vamos passar o Natal com minha mãe e nem com os pais do meu marido, porque estamos economizando para comprar a nossa casa”.

Eu continuava achando muito estranho o modo de vida daquela família. Eu me indagava: como uma família ganha 200 salários mínimos por mês, tem tudo pago pela empresa, e não pode viajar para visitar seus parentes? Essa e muitas outras questões me traziam novamente à mente as palavras: planejamento, futuro, objetivo e estudo.

O marido de Dona Rose também conversava muito comigo. Falava de sua cidade natal, que ficava no Nordeste da Itália. Nesses momentos, em várias ocasiões, ele pegava o pequeno globo das crianças e me mostrava onde ficava sua cidade, bem como os outros lugares onde havia morado antes de vir trabalhar no Brasil. Ele também falava sobre sua vida, como estudante em Londres. Dizia para eu voltar a estudar, porque a vida dele, como estudante na Inglaterra, também havia sido muito difícil, pois tivera que trabalhar durante cinco anos como garçom durante as noites, para custear seus estudos durante o dia. Lembrava que havia passado mais de cinco anos dormindo somente cerca de três horas por dia, das 03:00 às 06:00 horas da manhã. Ressaltava que nesse período nem férias ele tirava porque precisava de um dinheiro extra para levar dona Rose ao cinema.

---

<sup>5</sup> Dona Rose pronunciava meu nome com a vogal “O” bem aberta, como de se fosse Dóra.

De tanto ouvir as narrativas de história de vida do casal, passei a pensar que eu também poderia mudar de vida, ter um futuro, planejar minha vida, pois até então eu acreditava que tudo na vida dependia da sorte, do destino e de Deus. E assim, mesmo com muitas dúvidas, receios e medos de ouvir um não, decidi que queria voltar a estudar. Perguntei a dona Rose se ela poderia me ajudar a encontrar uma escola que me preparasse para os exames supletivos de primeiro grau.

Comecei a estudar à noite, mas não demorou nem um mês e os problemas começaram, porque dona Rose recomendou ao motorista da casa para me levar ao curso todas às noites antes de ele largar do trabalho. No entanto, o motorista não se conformava por ter que fazer tal atividade. Dizia que os patrões só estavam fazendo aquilo comigo porque estavam aprendendo português muito rápido. Falava que as crianças aprendiam mais rápido comigo do que na escola. Ele dizia: “eles estão se aproveitando de você. Deixe de ser inocente, cobre por seu trabalho extra”. Mas, na verdade, eu me sentia muito grata ao casal por tudo que eles me proporcionavam.

Lembro que logo na primeira semana, que comecei a trabalhar com os estrangeiros, eu passei a fazer as refeições junto com eles. No segundo dia, fui levada ao médico da empresa e fiz vários exames de saúde. Passei a nadar na piscina com dona Rose e as crianças, bem como a viajar quase todos os finais de semana com eles para várias cidades do interior paulista e também para praias, do litoral de São Paulo e do Rio de Janeiro. Com isso, o motorista, começou a sentir muita inveja de mim. Ele passava mal quando me via nadando na piscina ou jogando tênis com dona Rose.

No começo, eu achava que com o tempo ele mudaria, por isso eu não falava nada para dona Rose. Mas cada mês que passava o motorista ficava pior, ao ponto de me assediar de forma insuportável. Até que um dia ele quase me violentou.

Ameacei contar a dona Rose que ele estava o tempo todo me assediando e que eu não aguentava mais. Ele aí disse que se eu falasse com ela sobre isso, ele iria dizer que era mentira, e que eu estava tendo um caso com o patrão. Além disso, ele sabia que eu era mãe solteira, pois havia revistado todos os meus pertences e encontrado uma foto minha com minha filha. Eu não queria que dona Rose

soubesse que era mãe solteira porque, com certeza, ela nunca mais iria confiar em mim. Passei muitas noites sem dormir pensando como poderia me livrar daquele motorista. Não queria sair daquela casa. Não queria parar de estudar. Além disso, eu ganhava mais de dois salários mínimos, dos quais, uma parte eu colocava na caderneta de poupança e outra parte enviava para minha mãe.

O motorista continuava a me assediar e a tentar me violentar. Eu continuava também o ameaçando de contar a patroa. Num de final semana em que fui visitar minhas primas, ele contou a dona Rose que eu era uma mentirosa, uma mulher sem coração pois tinha uma filha pequena que morava com minha mãe e que sequer eu havia contado para ela. Na volta do final de semana, dona Rose me perguntou e eu confirmei. Morri de vergonha de ter omitido a existência de minha filha. Dona Rose se ofereceu para buscar minha filha e me ajudar a criá-la. Depois de uns dias pensando, a única saída que me veio à cabeça foi voltar para casa no semiárido pernambucano.

Muito triste, mas também com saudades de minha filha, decidi que o melhor seria voltar para Pesqueira, onde ainda morava minha família. Quando informei ao casal e às crianças que precisava voltar ao Nordeste, todos choramos muito. Dona Rose me fez prometer que eu continuaria a estudar.

Quando cheguei em Pesqueira, meus pais e meus irmãos estavam morando em uma outra fazenda, agora pertencente à Fábrica Rosa. A casa que minha família morava era feita de taipa e coberta de lata. Tinha somente três vãos: um quarto, uma cozinha e uma sala maior. Aquele cenário me deixou apavorada. Eu me indagava: como posso tirar minha família dessa situação? A única possibilidade que vinha a minha mente era que eu precisava voltar a estudar. Mas como? Onde? Quem iria me ajudar? Iria eu novamente deixar minha filha?

Voltar para o Brejo da Madre de Deus, eu não poderia porque meus tios e minha avó não me aceitariam na cidade. Eu poderia até correr risco de vida. Voltar para São Paulo, eu também não queria. Enquanto isso, eu trabalhava na colheita de tomate. Até que um dia, passei a mão na minha cabeça e senti que uma parte estava sem cabelos. Fiquei apavorada. Falei com algumas pessoas que trabalhavam junto comigo, que me disseram que o ácido do tomate juntamente com

o veneno que era colocado na plantação queimara meu couro cabeludo e que se eu continuasse a carregar caixotes de tomate na cabeça poderia ficar careca. Fiquei desesperada e pensei: eu não quero essa vida para mim. Também não queria ser amante de homem casado e nem mesmo passar a viver com algum morador da Fazenda Viração, que fatalmente me levaria de volta aos caixotes de tomate na cabeça e possivelmente teria um monte de filhos, como acontecia com quase todas as mulheres da fazenda.

### **3.3 Décadas de 1980 e 1990**

No início de 1980, decidi visitar minha família em Novo Lino. Lá fiquei na casa de dona Generosa, que era a ex-mulher de meu tio avô João Lã, irmão de minha avó materna. Fiz amizade com minha prima Ana Maria e a partir de então viramos grandes amigas, mais do que irmãs.

Dona Generosa era de fato uma mulher muito generosa. Nunca fez perguntas sobre minha vida. Acolheu-me como filha. Ela era costureira e vendia roupas prontas na feira-livre aos domingos. Passei a ajudá-la na feira, bem como a fazer as compras em Caruaru para repor a mercadoria vendida.

Nesse período, uma das filhas de dona Generosa tinha uma churrascaria e me perguntou se eu queria trabalhar lá durante a noite. Aceitei, mas combinei com ela que só iniciaria o trabalho a noite, após voltar das minhas aulas em Palmares - PE. Trabalhei durante quase um ano todas as noites na churrascaria. Todos os dias da semana, eu ia para a cidade de Palmares, no transporte disponibilizado pela prefeitura de Novo Lino -AL, junto com os estudantes do segundo grau, porque na cidade só havia o primeiro grau. Na época eu continuava somente com minha 5ª série incompleta, e como já estava com mais de 20 anos de idade eu não queria estudar em classe de criança ou de adolescente, sentia muita vergonha por ter parado os estudos. Mesmo assim, decidi estudar com o professor Valdivino, que ministrava aulas para concursos públicos e exames supletivos de 1º grau das disciplinas matemática e português. Lá eu me sentia bem porque o Professor Valdivino era conhecido como ótimo matemático, que havia sido funcionário do Banco do Brasil e após sua aposentadoria passou a lecionar de forma gratuita para

quem quisesse fazer concurso ou exames supletivos. As aulas ocorriam das 19:00 às 21:00 horas, mas o professor sempre ficava me ensinando mais matemática até às 21:40, porque o transporte para Novo Lino só voltava às 22:30 horas.

Nessa época, minha vida era extremamente diversificada, porque após as aulas eu ia direto para a churrascaria trabalhar até às 07:00 horas da manhã, atendendo os pedidos de caminhoneiros e de clientes da cerveja, que chegavam a qualquer hora da noite. Além disso, havia na cidade um grupo de funcionários públicos graduados que gostavam de jogar dominó e baralho na churrascaria. Quase sempre só terminavam o jogo quando o dia estava a clarear. Lógico que, quando não havia cliente, eu também jogava e conversava muito com os homens da noite.

Embora fosse cansativo trabalhar à noite, também era bastante divertido. Além disso, eu sempre ficava sabendo de tudo o que ocorria na cidade do ponto de vista político, financeiro e comportamental. Os amigos da noite também me davam uma certa segurança, pois durante mais de um ano em que lá trabalhei ninguém nunca me faltou com respeito na churrascaria e nem sequer fiquei “mal falada”. As pessoas me tratavam com muito respeito, porque diziam que eu era muito estudiosa, trabalhadeira e decente, pois nesse tempo nunca namorei ninguém. Só trabalhava, dormia pouco e estudava muito.

Muitas vezes, eu dormia somente cerca de três horas, porque precisava estudar e fazer as atividades das aulas ou mesmo viajar a Caruaru, para fazer as compras para dona Generosa. E quando o cansaço chegava, eu lembrava sempre da história de vida do casal de estrangeiros, para quem eu havia trabalhado como doméstica, e também de uma das histórias que dona Margarida Pinto, minha professora do primário, havia me contado, quando ela começou a estudar Letras em Caruaru-PE.

Dona Margarida narrava com muita ênfase e admiração a história de vida de uma colega sua do Curso de Letras, que havia parado de estudar, quando ainda fazia o quarto ano primário e que passados 20 anos ela havia feito os exames de supletivos de 1º e de 2º graus e em seguida havia sido aprovada no Curso de Letras, sendo inclusive uma das melhores alunas do curso. Essas histórias alimentavam a esperança de que eu também poderia seguir o mesmo caminho. E

assim, comprei os módulos do telecurso de 1º grau da Globo. Assinei a revista Globo Ciência e comprei livros de autores clássicos da literatura, bem como de matemática financeira.

Como o movimento na churrascaria à noite era pequeno, eu passava parte do tempo lendo. Lia os romances de José de Alencar, de Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Raquel de Queiroz, Aluísio de Azevedo e muitos outros. Lia também livros de história do Brasil, história do Paraguai, história do mundo. Todo e qualquer gênero textual me interessava, inclusive fotonovelas, gibis, banguê-banguê americano. Lia também muito romances, que na época eram os preferidos pelas adolescentes: Júlia, Sabrina, Bianca e depois a super Júlia, super Sabrina e muitas revistas de variedades. Estes últimos, no início da década de 1980 eram considerados leituras sem valor, no máximo passatempo, textos para serem lidos e escondidos, pois na visão das pessoas mais letradas, essas leituras só serviam para criar “minhocas na cabeça” de quem as lia.

Após seis meses de estudos com o Professor Valdivino, chegou a notícia de que iria haver exames supletivos em Caruaru-PE. Realizei minha inscrição e fiz os exames. Fui aprovada em todas as matérias. Mas continuei estudando, porém agora para os exames de supletivo segundo grau.

Com o trabalho na churrascaria, o fato de morar na casa de dona Generosa e ser prima da Ana Maria, uma das mulheres mais bonitas de Novo Lino, na época, logo também fiquei muito conhecida na cidade e passei a participar da maioria dos eventos sociais e políticos mais importantes.

Diante disso, eu fui convidada para ser representante de uma marca de adubos e insumos destinados à cultura da cana de açúcar. Conte novamente com o apoio de Ana Maria e de dona Generosa, que me cederam uma parte de sua casa para que instalasse meu escritório de vendas de adubo.

Durante uns seis meses, fiz muitas vendas de adubo, mas não passou nenhum ano e começaram a ocorrer muitos roubos com as cargas de adubo. Eu vendia, os agricultores pagavam, mas a mercadoria nunca chegava aos destinados. Fiquei com muito medo porque havia muitas histórias de mortes e de pessoas desaparecidas. Diante disso, decidi fechar meu escritório.

Graças a Deus, logo fui chamada para trabalhar na Junta de Serviço Militar de Novo Lino. Lá eu mesma fiz minha segunda e última carteira de trabalho, porque a primeira eu tinha vergonha de mostrar, pois não queria que ninguém soubesse que eu havia trabalhado como empregada doméstica em São Paulo, tendo em vista que agora eu era uma moça bonita, inteligente, elegante, que tinha até um escritório chique na cidade.

Com o novo emprego, carteira assinada e um ótimo salário para à época (cerca de dez salários mínimos), comei a planejar a mudança de minha família para Novo Lino. No entanto, após o primeiro mês de trabalho, a prefeitura começou a atrasar o pagamento. Com isso, eu tive que adiar os planos com relação à minha família.

Ao longo dos anos de 1981 e 1982, eu só recebi quatro meses de salário. Nessa época, meu pai não conseguia mais trabalhar, porque já estava com 77 anos de idade. E para complicar, Pesqueira-PE, cidade em que eles continuavam morando, estava passando por uma seca terrível, que provocou a falência da maioria das indústrias de extrato de massa de tomate e doces de goiaba, banana e outros, deixando milhares de trabalhadores das fazendas de tomate desempregados, o que obrigou meus irmãos a migrarem para a zona da mata de Pernambuco e passarem a trabalhar no corte da cana de açúcar. Porém, minha mãe, meu pai, minha filha e minha irmã continuavam morando na fazenda de tomate, agora sem contar com ajuda de ninguém.

Ao saber dessa situação pelos telejornais, entrei em pânico. Não conseguia mais dormir, comer, fiquei desesperada. Eu só pensava em arrumar um emprego que recebesse pelo menos um salário, para eu poder ajudar minha família. E aí passei a pedir ajuda a todo mundo, dizendo que eu precisava de emprego que recebesse salário em dia. Depois de falar com muita gente, um dos donos de engenho, que havia sido meu cliente de adubos, falou-me de uma nova destilaria de álcool, que estava precisando de pessoas para trabalhar no escritório. Não tive dúvida, no dia seguinte viajei a Maceió e na semana seguinte já havia me mudado para a destilaria. Lá consegui uma casa de alvenaria, com água encanada, luz, com

quatro quartos, duas salas, dois banheiros, cozinha, varanda, jardim e até garagem de carro.

Após um mês de trabalho na destilaria, a prefeitura de Novo Lino pagou quase todos os salários atrasados e me chamou para trabalhar lá novamente na Junta de serviço Militar. Porém, com medo de novos atrasos no pagamento dos salários, decidi continuar trabalhando na destilaria de álcool. Falei com o gerente da empresa sobre meus irmãos. Este me garantiu que conseguiria emprego para todos. De posse dos meus salários atrasados, consegui um caminhão da destilaria e fui finalmente buscar minha família em Pesqueira. Ao passar por Caruaru -PE, fui ao centro da cidade e enchi o caminhão com móveis, geladeira, fogão a gás, televisão, tudo o que uma casa precisava eu comprei.

Na volta, passei no engenho, onde meus irmãos estavam trabalhando e fomos todos para a nova casa na zona da mata de Alagoas. Na semana seguinte, meus irmãos estavam trabalhando com carteira assinada e aprendendo várias profissões na indústria de álcool.

Quando o novo prefeito de Novo Lino assumiu em março de 1983, eu fui novamente chamada para reassumir meu antigo emprego, mas decidi permanecer junto com meus irmãos, pois tinha medo que se eu saísse de lá eles poderiam ser demitidos. Assim, lá fiquei os três anos seguintes. Nunca tirei um dia de férias. Passei por quase todos cargos do escritório da indústria. Trabalhava muito. Havia dias em que eu entrava na indústria às 07:00 horas da manhã e só voltava para casa às 23:00 horas. Com isso, eu não tinha tanto tempo para lazer, embora, quando podia, ainda continuasse apreciando e folheando os meus romances “água com açúcar”, aqueles que criavam “minhocas na minha cabeça”.

O tempo passou, mas diferente do que eu imaginava, minha mãe continuava triste. Dizia que sentia saudades do sertão. Eu não entendia como alguém podia sentir falta de uma vida com tanta seca e tanta fome. No final de 1983, meu pai faleceu. Meus irmãos aprenderam novas profissões.

Mesmo sendo bem sucedida no trabalho, eu não me sentia mais feliz com o trabalho. Eu não tinha mais nada para aprender. Sentia-me parada no tempo. Não podia estudar porque trabalhava dia e de noite. O sonho de voltar estudar não

saia de minha mente, era maior do que minha vontade de continuar junto de minha família.

O meu chefe era um senhor muito educado, decente e paciente, que me ensinou todas as atividades que eu deveria aprender para elaborar semanalmente a folha de pagamento de mais de três mil trabalhadores rurais, vinculados às 32 fazendas da destilaria.

Seu Cláudio era uma pessoa muito culta. Tinha uma estante com centenas de livros de todas áreas. Ele me emprestava sempre vários livros para eu ler nos finais de semana ou quando sobrava um tempinho ou mesmo quando eu estava esgotada de tanto calcular os dias de trabalhos para fechar a folha de pagamento do campo, eu lia um livro. Após a leitura, eu e seu Claudio ficávamos horas discutindo os temas abordados nos livros.

No entanto, mesmo lendo muito, eu sentia que cada dia meus sonhos de voltar a estudar continuavam parados. Além disso, o fato de ser mãe solteira incomodava a maioria das esposas dos gerentes da indústria e dos donos de engenho, com quem eu sempre estava em contato, pois eu era a responsável pelo pagamento dos trabalhos realizados durante a semana nas 32 fazendas de cana de açúcar, vinculadas à destilaria.

Além da desconfiança das esposas dos gerentes e de alguns funcionários com quem eu trabalhava, havia alguns gerentes que me assediavam da forma mais nojenta possível. Estes, eu dava um fora e me livrava, ameaçava de contar ao seu Cláudio e ao dono da destilaria. No entanto, havia um tipo de assédio que me deixava doente e com ódio, que ocorria quando alguma jovem de 15 e 16 anos começava a trabalhar no escritório como minha auxiliar e aí alguns dos gerentes do alto escalão, quase me obrigavam a assediar as garotas para que elas tivessem casos com eles. Graças Deus, alguns colegas sabiam do meu sofrimento e passavam a fingir que estavam namorando as garotas para que estas não fossem abusadas sexualmente por alguns dos gerentes.

Alguns colegas de trabalho até queriam casar comigo, mas eu pensava que se eu me casasse nunca mais voltaria a estudar. Eu iria continuar morando naquele lugar. Poderia enveredar por um caminho sem volta e ter que matar meus sonhos.

Nesses momentos, lembrava de minhas avós, das minhas tias e sobretudo do sofrimento de minha mãe, que nunca sorria.

Penso que foi no ano de 1985, que o Banco do Brasil abriu um concurso para escriturário, com duas vagas para o município em que eu morava. E mesmo sem ter concluído o segundo grau, decidi fazer. Desse concurso participaram 402 candidatos e eu fiquei em segundo lugar. Porém não pude assumir porque eu não tinha concluído o segundo grau.

No entanto, aquela aprovação, mesmo sem eu poder assumir a vaga no banco do Brasil, me fez refletir que era hora de eu dar um novo rumo à minha vida, porque a cada dia que passava eu me sentia mais triste, sem perspectiva de vida e não podia crescer mais no trabalho. Alí, naquela destilaria, eu não teria um futuro decorrente de meus estudos.

Eu sentia necessidade de mudar, mas tinha muito medo de que a minha vida enveredasse para um caminho sem volta, caso eu resolvesse assumir um compromisso matrimonial com alguém da destilaria. Eu lembrava o que havia acontecido com minha mãe, minhas duas avós, minhas tias, minhas primas e várias colegas de trabalho, com quem eu convivía. Minha conclusão era que nenhuma das mulheres que eu havia conhecido até então tinha sido feliz com seus maridos ou companheiros. Suas narrativas eram sempre de sofrimento, controle, muito ciúme, dificuldades de várias ordens, afastamento da família e dos amigos, ter que trabalhar na empresa, cuidar dos filhos, da casa, de marido bêbado e violento nos finais semana e continuar sem saída, como muitas amigas relatavam.

Nessa época, meus irmãos já eram todos adultos. Eles também se incomodavam com o fato de eu não querer assumir compromisso matrimonial com ninguém. Por mais que eu trabalhasse e me dedicasse à família, um dos meus irmãos estava sempre me criticando, agindo de forma preconceituosa para comigo e com minha filha. Até que um dia, ele passou dos limites e joguei suas roupas pela janela do quarto e nunca mais o deixei entrar em minha casa.

No fim do segundo semestre de 1985 até o mês de março de 1986, quando ia ao trabalho, eu só fumava e lia, lia e fumava e assim o dia passava, a noite chegava e novamente eu amanhecia sem energia, vivia procrastinando no trabalho,

as tarefas se acumulavam, eu perdi o cargo de chefia. Nada mais me apetecia. Com isso, pilhas e pilhas de documentos referentes à folha de pagamento se acumulavam. O meu chefe e amigo se aproximava de meu birô e perguntava: “o que está acontecendo com você menina?” Eu só chorava, chorava sem saber o porquê. As pessoas queriam me ajudar, mas era como se eu não quisesse ser ajudada. Eu sentia vergonha de me sentir fraca. Eu não sentia fome, cada dia ficava mais magra, cheguei a pesar 46 quilos. Alguns achavam que eu estava com tuberculose.

Nesse contexto, eu não tinha mais motivação, energia, coragem para trabalhar, para lutar e muito menos para mudar de endereço e de vida. Sentia-me muito doente e quase fui submetida a uma cirurgia para curar uma patologia que sumiu entre os exames que confirmaram a doença e o pré-operatório. Por sorte, graças a Deus, a operação atrasou e quando o médico me examinou novamente a doença havia sumido, do contrário, hoje eu só teria um pulmão.

Passei a faltar ao trabalho sem apresentar justificativa ou chegar bastante atrasada. Seu Cláudio me aconselhou a tirar uns dias folga. Mas eu continuava muito mal. Minha vida estava um caos, até que, em março de 1986, resolvi visitar minha prima, Ana Maria, aquela que já havia me acolhido em Novo Lino. Nessa época, ela trabalhava no Palácio do Vice-Governador de Alagoas. Ao chegar em seu trabalho, ela logo me apresentou a um carioca que havia acabado de se separar. Ela me disse baixinho: “Joaquim é do Rio de Janeiro, não tem preconceito, é muito trabalhador e decente, além de bonito”

Nesse mesmo dia, 20 de março de 1986, uma quinta feira, saímos para almoçar. Em seguida, passeamos pelas praias de Maceió. À noite saímos para jantar e dançar. Na sexta feira, decidimos morar juntos. Minha prima nos cedeu sua casa, localizada no conjunto residencial Benedito Bentes, que havia sido inaugurado recentemente. No sábado, fui à casa de minha mãe e avisei que iria viver na capital. Na segunda feira, voltamos para Maceió e vivemos mais 21 anos de relacionamento. Tivemos dois filhos e criamos a minha filha mais velha. Desses 21 anos, 18 foram muito bons e felizes, crescemos muito juntos, sobretudo porque eu nunca disse um não e “nunca tinha dor cabeça”, mesmo que discordasse ficava

sempre calada. No entanto, com o meu crescimento acadêmico e profissional, meu companheiro não se adaptou. E fez da nossa vida (minha, dele e dos meus filhos) um inferno durante mais de três anos, até a separação, que foi bastante estressante e violenta, que me deixou diabética, hipertensa e com crises depressivas. Graças a Deus, às psicólogas, aos colegas da Ufal e à própria Universidade Federal de Alagoas, bem como, ao apoio de meus filhos, consegui superar grande parte das sequelas decorrentes dos anos de sofrimento.

Atualmente, sinto-me bem, feliz e realizada. Não guardo mágoas do pai de meus filhos. E sou grata a ele porque reconheço que ele criou condições para que eu voltasse a estudar e conseguisse construir minha formação acadêmica.

#### 4. FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

##### 4.1 Preparação para o vestibular

Em 1989, decidi estudar para fazer os exames supletivos do segundo grau. Porém, com receio de que não passaria na área de Física, Química e Biologia, porque só havia estudado pelos módulos do Telecurso da Rede Globo, não fiz a inscrição para essas disciplinas. Em todas as outras fui aprovada.

Passados uns seis meses, soube que havia a possibilidade de eu cursar somente as disciplinas que eu não havia me inscrito no exame supletivo de segundo grau, em um curso oferecido pelo Secretaria de Educação de Alagoas, que estava sendo ministrado em um dos prédios do Centro Educacional Antônio Gomes de Barros-CEPA.

Para a minha surpresa, o prédio era o primeiro, do lado direito quando se entrava no CEPA. Fiquei feliz, pois nem precisei procurar. Senti que aquele lugar estava me esperando. A partir de então, de segunda à sexta feira, eu ia estudar os conteúdos e depois fazia uma prova. Ao final de três meses concluí o segundo grau. Como fiquei feliz! Pensei... agora eu não paro mais de estudar.

Nesse mesmo ano, quando começaram as inscrições para o vestibular da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, eu fiz minha inscrição para o Curso de Meteorologia. Queria ser meteorologista para estudar a seca do sertão e encontrar uma solução para o sofrimento das pessoas que moram no semiárido.

Estudei somente em casa, com apoio do material do Telecurso da Globo e os livros de literatura que eu tinha. Para minha surpresa, fui reprovada. Mas não me conformei, pois eu achava que havia feito uma boa prova de Língua Portuguesa, de Estudos Sociais, de Matemática, de Química e Biologia.

Passados uns dois meses, após a divulgação do resultado do vestibular, fui à UFAL para ver as minhas notas e de fato constatei que não me tornei meteorologista porque só acertei 11 questões de física e 11 questões de inglês. Nessa época, para ser aprovada, eu precisaria acertar, no mínimo, 12 questões de cada uma dessas disciplinas, obrigatórias para o curso pretendido.

No ano seguinte, 1990, decidi fazer um cursinho pré-vestibular no Impacto Curso. Iniciei somente no segundo semestre, porque o cursinho era muito caro. E por estar com 32 anos de idade, eu me achava muito velha para ficar tentando fazer vestibular e não passar. Então, analisei o meu desempenho no vestibular anterior e decidir fazer o Curso de Letras, pois das 40 questões de língua portuguesa, eu havia acertado 35.

Quando comuniquei minha decisão ao meu companheiro e aos meus amigos, todos ficaram chocados e decepcionados. Perguntavam se eu estava louca para fazer uma licenciatura, que era desvalorizada e num estado em que os professores não tinham nem um piso salarial e estavam com mais de seis meses de salários atrasados. Além disso, não havia concurso para professores efetivos do estado havia muito tempo. E ser professora das redes municipais era pagar para trabalhar.

Confesso que a reação dos colegas e do meu companheiro me deixaram triste, apreensiva, com muito medo, sobretudo pelo fato de os professores ficarem muitos meses sem receber salário. Nessas horas, eu lembrava do meu trabalho na prefeitura de Novo Lino, mas também lembrava de dona Margarida, minha professora do primário. Me vinha à mente a vida dela, sua casa, suas viagens ao

Rio de Janeiro, seu fusca amarelo, tudo o que ela havia conquistado com seu salário de professora. Ela estava sempre alegre na classe. Embora, nos finais de semana, ela parecesse um pouco triste, melancólica, pois me falava sobre seus namorados na adolescência e como os havia perdido para colegas mais atiradas do que ela.

Para o vestibular de 1990, o curso de Letras Português-Literatura ofertou 30 vagas. 17 candidatos fizeram o vestibular e 13 foram aprovados, dentre estes, eu.

#### **4.2 Graduação em Letras- Português e Literatura**

Em fevereiro de 1991, iniciei o Curso de Letras. E logo no primeiro bimestre, eu soube que havia uma professora que estava selecionado alunos para participar de um grupo de pesquisa. Eu não tinha a mínima ideia do que seria integrar um grupo de pesquisa, mas somente a palavra pesquisa já era suficiente para eu querer fazer parte. Na minha cabeça, a palavra pesquisa se ligava a cientista e esta era a profissão mais bonita que alguém poderia exercer. Embora eu nunca me permitisse sonhar com tal profissão. Até porque eu sempre me sentia com menos conhecimentos, menos capacidade dos que os demais colegas da turma, tendo em vista que eu não havia cursado a Educação Básica de forma regular, pois só havia estudado de forma regular até o 4º ano primário e nem sequer cheguei a concluir o primeiro semestre da 5ª série. Por conta desse sentimento de inferioridade em relação aos conhecimentos científicos que, eu deveria ter aprendido no primeiro e segundo graus, eu me dedicava muito aos estudos, lia os textos sempre mais de uma vez e os copiava de forma manuscrita num grande caderno.

Fui selecionada para fazer parte do Grupo de Pesquisa Coordenado pela Profa. Dra Maria Denilda Moura, porém como eu já estava com 32 anos de idade, não iria receber bolsa do CNPq, porque estas estavam destinadas a estudantes com no máximo 24 anos. No entanto, a coordenadora do projeto, a quem eu sou e serei eternamente grata, recorreu à agência de fomento, para que abrisse uma exceção, tendo em vista as minhas notas no vestibular e a motivação que eu

demonstrava para com as atividades de estudo e pesquisa. Desde então, até a defesa do doutorado, recebi bolsa do CNPq.

Ao longo do curso de Letras, houve duas grandes greves, fato que me deixava em estado de contradição: eu queria defender os professores, mas também sentia muita falta das aulas. Por sorte, ser bolsista do CNPq significava que os participantes poderiam ficar sem aulas no curso, mas teriam que desenvolver todas as atividades de estudo e pesquisa vinculadas ao projeto.

Mesmo com as duas longas greves, consegui concluir o curso de Letras Português-Literatura em janeiro de 1996. Nessa época, eu tinha um mercadinho no Bairro do Benedito Bentes 1. Pensava em fazer concurso para ser professora da Educação Básica, mas não havia nenhuma perspectiva de concurso. Para além disso, eu não me sentia preparada para ser professora da Educação Básica, pois toda a minha formação foi em linguística, área na época destinada a formar pesquisadores e não professores da educação básica.

Em 1996, também foi um ano de eleição para prefeito e vereadores e como meu companheiro trabalhava como assessor de políticos me convenceu a me candidatar para ser vereadora de Maceió. Confesso que logo gostei da ideia, pois podia falar em público, participar de caminhadas, fazer muitas reuniões e prometer desde agência bancária até cemitério para o povo do Benedito Bentes.

Uma das visitas que fiz, junto com a comitiva da candidata à prefeita, foi à Edufal, pois na época o reitor da Ufal apoiava o PSB<sup>6</sup>, partido ao qual eu havia me filiado. Durante o coquetel, alguém tocou no meu braço e quando me virei vi que era a Professora Dra. Renira Lisboa, que me olhou pausadamente e perguntou: “o que fazes aqui Auxiliadora? És candidata? Não acredito. Esse mundo aí não te pertence”. Confesso que me senti envergonhada, pequena e ela parecia decepcionada comigo, pois havia sido minha professora várias vezes. Novamente, ela olhou para mim e disse que as inscrições para mestrado estariam abertas até o dia 30 de setembro. Além disso, me informou que a professora Denilda Moura iria

---

<sup>6</sup> Partido Socialista Brasileiro.

ofertar vagas. Pensei: meu Deus, eu vou fazer. A Professora Renira parecia ler meus pensamentos e falou: “faça sua inscrição, que você será aprovada, você é estudiosa, não desista de sua formação, seu lugar é aqui na Ufal sempre”. Aquelas palavras soaram muito forte na minha mente. De repente, todos os meus sonhos acordaram. Naquele momento, decidi fazer a seleção, mas o tempo não queria me ajudar, pois faltava menos de uma semana para eu elaborar um projeto e tentar a seleção do mestrado. Parei as atividades de campanha durante quatro dias. Quase não dormi e para piorar o projeto deveria ser digitado. Sai pedindo ajuda a todo mundo que tinha computador, que aliás eram poucos, até que um colega aceitou digitar meu projeto. No penúltimo dia, fiz minha inscrição para o mestrado, para as vagas ofertadas pelo grupo da professora Denilda e fui aprovada. Passei com a nota mínima: sete (7,0).

Feita a inscrição, voltei para as atividades de campanha. Vivia o presente. Pensava que ganharia a eleição e seria vereadora em Maceió, pois, na minha cabeça toda a população do Benedito Bentes votaria em mim. Tive cerca de 200 votos. Que decepção! Fiquei triste. Além disso, por conta das minhas atividades de campanha política, gastei o que tinha e o que não me pertencia, vendi fiado e não recebi, levei o mercadinho à falência e fiquei com muitas dívidas, as quais passei mais de três anos para pagar.

#### **4.3. Pós-Graduação *Stricto Sensu***

Passada a decepção do resultado das urnas, e com a falência do mercadinho, resolvi que era hora de mudar de vida e de endereço. O que foi bem aceito por meus filhos e também por meu companheiro.

Assim, em março de 1997, iniciei o mestrado em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Denilda Moura e com bolsa do CNPq, que na época equivalia a quase quatro salários mínimos. Cursei todas as disciplinas ofertadas na minha linha de pesquisa, bem como as disciplinas ofertadas pelas outras linhas de pesquisa.

Os meus dois primeiros anos na Pós-graduação foram como se eu estivesse iniciando os meus primeiros anos de vida numa boa escola. Nesse período, tive de fato oportunidade de vivenciar a universidade, elaborar trabalhos em equipe, fazer amizades que perdurarão para o resto de nossas vidas. Dentre as amigas e os amigos, cito o depoimento da amiga e Profa. Dra. Fabiana Picho.

Em outubro de 1996, nas dependências da Biblioteca Central, funcionava o Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Denilda Moura. Importante destacar que foi a primeira pós-graduação dessa instituição.

Na época, a seleção para Mestrado disponibilizava 10 vagas e os candidatos tinham que entregar um ensaio e o currículo. Lembro que estava um pouco assustada com a quantidade de inscritos e o receio de não ser aprovada. Além disso, não conhecia ninguém, pois estava concluindo a graduação em outra universidade.

No dia da inscrição, conheci Auxiliadora. Tenho uma nítida lembrança de caminharmos juntas em direção ao ponto de ônibus. Nesse percurso, conversávamos sobre o desejo de ingressar na pós-graduação. Aprovadas na seleção, formamos um grupo de estudo muito atuante nas aulas de Teorias Linguísticas, Fonologia, Semântica, Tópicos Especiais em Coesão e Coerência, Sociolinguística, Lexicologia do Português, Metodologia Científica, entre outras. O grupo de estudo era composto por outros integrantes, como Maria Aparecida Silva, Ranieri Melo, Teresa Queiroz e Ilka Cedrim, que se reuniam inclusive nos finais de semana para estudar.

Auxiliadora era uma estudante curiosa, ávida por conhecimento. Participava ativamente das aulas, discutindo os textos lidos e realizando os trabalhos solicitados. Nas aulas de Semântica, ficávamos todos “hipnotizados” pelas reflexões da Profa. Claudia Lemos que nos exigia uma questão de cada texto lido. No trabalho do final da disciplina, Auxiliadora foi elogiada pela professora por ter feito o melhor trabalho da turma. Apresentou uma questão instigante sobre o funcionamento do significante linguístico na teoria estruturalista de Saussure.

A estudante de mestrado Auxiliadora Cavalcante era assim: motivada, curiosa, inteligente, amiga generosa que partilhava com os colegas as suas descobertas. Desses 10 colegas que ingressaram juntos na turma de 1997 do mestrado, Auxiliadora foi a única que não parou e ingressou logo no doutorado. Para mim, isso comprova o desejo de não perder tempo, de querer muito aprender, a coragem para enfrentar desafios; a vida parece pulsar com mais força para Auxiliadora.

Maceió, 10 de fevereiro de 2021.

Fabiana Pincho de Oliveira

Professora da Faculdade de Letras / UFAL

Ao final de 18 meses, eu já estava com a dissertação concluída. Nesse período a Capes havia publicado uma Portaria que permitia que alunos de mestrado, que estivessem em fase adiantada, poderiam qualificar e ir direto para o doutorado, porém não teriam o título de mestre. Não tive dúvida, decidi que iria fazer minha qualificação para o doutorado. Muita gente me aconselhou a não fazer isso. Afirmavam que quando surgissem os concursos para as universidades eu não poderia fazer, porque não teria o título de mestre. Mesmo assim, decidi esperar a implantação da portaria da Capes e fazer o chamado doutorado direto.

Esperei cerca de um ano para ter a autorização de qualificar para o doutorado. Havia momentos em que eu ficava muito aflita, porque eu queria concluir e nada se definia. Já havia feito a prova para uma segunda língua estrangeira, diferente da que eu havia feito para o mestrado.

No entanto, enquanto a Capes não autorizava, eu avançava com minha pesquisa. Até que, no segundo semestre de 1999, eu pude qualificar para o doutorado. Nessa época, já se começava a falar que, em breve, o MEC abriria concurso, pois a grande maioria dos professores das universidades públicas era constituída por docentes substitutos, tendo em vista que, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, até então, não tinha havido concurso para as universidades federais. Com isso, eu que não tinha o título de mestre teria que concluir meu doutorado antes que os editais fossem lançados.

Dois anos após minha qualificação, no dia 24 de setembro de 2001, defendi minha tese de doutorado, que teve como título “O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso”. Ao longo de minha pesquisa eu procurei demonstrar que o português brasileiro está em processo de mudança com relação à forma de realização dos sujeitos pronominais, porque se observa uma clara preferência pelas realizações plenas em detrimento dos chamados sujeitos nulos ou ocultos. Parto de estudos que investigam o mesmo fenômeno, porém justifiquei a necessidade de mais pesquisas, tendo em vista que a maioria dos estudos que se debruçam sobre os casos de variação e mudança linguística é baseada em amostras extraídas da fala da Região Sudeste, o que não invalida as pesquisas, mas dá margens a alguns questionamentos, principalmente

se levarmos em conta a grande extensão territorial brasileira e sua complexidade social e cultural. Assim, utilizando uma amostra da fala de 12 informantes alagoanos, de ambos os sexos, distribuídos em três faixas etárias e com escolaridade variada, a pesquisa objetivou analisar 616 ocorrências de sujeitos pronominais decorrentes da língua falada em Alagoas, com a intenção de observar se o processo de variação e mudança linguística já detectado por Duarte (1995) no Rio de Janeiro também estaria ou não ocorrendo em Alagoas. Para tanto, adotamos uma fundamentação teórica baseada na Teoria da Variação Linguística em interface com o modelo gerativista de princípios e parâmetros.

Nessa perspectiva, o *corpus* foi submetido ao programa computacional Varbrul (SHERRE 1992/1993), cujas análises revelaram que a língua falada em Alagoas também está em processo de mudança, em relação à forma de realização dos sujeitos pronominais, pois, no *corpus* estudado, os falantes alagoanos realizaram 69% da posição sujeito na sua forma plena, demonstrando inclusive, que esse processo de mudança linguística está afetando o português brasileiro de uma forma bastante regular, uma vez que esses resultados se aproximam dos 71% encontrados por Duarte (1995)<sup>7</sup>, quando analisou o mesmo fenômeno na língua falada no Rio de Janeiro.

As análises também revelaram que o processo de mudança no sistema pronominal do português brasileiro está instaurando diversos outros casos de variação linguística e mudança linguística, com consequência para toda a estrutura sintática.

#### **4.4. Pós- Doutorado**

Iniciei o estágio pós- doutoral na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto- Portugal no dia 01 de abril de 2010, com uma bolsa da Capes. Conclui meu estágio em 31 de janeiro de 2011<sup>8</sup>. O projeto de estágio teve como título ATIVIDADE DOCENTE: DA PRESCRIÇÃO À

---

<sup>8</sup> O relatório de atividades desenvolvidas foi enviado a Capes para conclusão e certificação do Estágio Pós-Doutoral consta nos anexos.

REALIZAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS NO BRASIL E EM PORTUGAL e foi supervisionado pela Profa. Dra. Maria Amélia Lopes.

Com esse projeto pretendia-se analisar as propostas de atividades docentes voltadas para o processo ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental em livros didáticos de português, utilizados em escolas da rede pública municipal de ensino de Maceió -AL/Brasil e em escolas de nível equivalente na cidade do Porto/Portugal. Para tanto, seria realizada uma análise qualitativa em livros didáticos de português; bem como entrevistas semiestruturadas com professores que atuavam nos anos iniciais no ensino da Língua Portuguesa em Maceió e em níveis equivalentes na cidade do Porto. A pesquisa foi fundamentada com base em autores como Geraldini (2001); Dionísio e Bezerra (2001); Brasil (1998, 1997, 2001; 2007); Aguiar (2001,2006), entre outros. Defende-se a necessidade de pesquisas dessa natureza, porque o processo de reestruturação do trabalho pedagógico que se constata, sobretudo nas duas últimas décadas, trouxe novas demandas, novas formas de organização de gestão, para todos os educadores, inclusive, e sobretudo, para o professor de Língua Portuguesa, a quem geralmente se atribui o fracasso em relação ao mal desempenho dos alunos. Isso, não somente, no diz respeito aos usos linguísticos, mas também em relação às novas formas de utilização do livro didático em sala de aula. No entanto, mesmo diante dessa intensificação das atividades docentes, ainda se verifica uma carência de pesquisas voltadas para o conhecimento sobre os pressupostos teóricos que orientam (prescrevem) a realização de atividades de Língua Portuguesa em livros didáticos de português, nos anos iniciais e em nível equivalente na cidade do Porto Portugal, bem como para a investigação de como se constitui essas atividades, seus sentidos e significados. Com isso, buscou-se, sobretudo, contribuir para a melhoria da realização das atividades docentes voltadas para o ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental no Brasil e em níveis equivalentes em Portugal.

Ao longo dos dez meses em que estive em Portugal<sup>9</sup>, entrei em contato com a cultura de Portugal em diversos aspectos, desde os aspectos mais voltados para

---

<sup>9</sup> O texto apresentado no tópico 4.4. é parte do relatório de atividades enviado a Capes, como requisito para conclusão do Estágio de Pós-Doutorado, cuja certificação se encontra nos anexos.

o espaço escolar (Educação Básica e Pós-Graduação), até os aspectos referentes à vida do povo português numa perspectiva mais ampla. Esse contato possibilitou uma boa adaptação ao ambiente de estágio na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), bem como um maior conhecimento sobre os vários projetos/assessorias/consultorias desenvolvidos pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, inclusive sobre os projetos desenvolvidos pelo Núcleo de pesquisa “Escola, Currículo e Formação de Identidades”, da Área 2 de investigação FORSA – Formação Saberes e Contextos de Trabalho e de Educação do Centro de Investigação e Intervenção Educativas – CIIE, que era coordenado pela Profa. Dra. Amélia Lopes.

Dentre os projetos, chamou-me atenção os TEIP- Território Educacional de Intervenção Prioritária, do Ministério da Educação de Portugal, que objetivava a territorialização de políticas educativas levando em conta critérios de prioridade e de discriminação positiva em contextos socioeducativos particulares, notadamente em escolas cujos indicadores educacionais apontassem baixo rendimento escolar, e por conseguinte o insucesso educativo.

Vale ressaltar que a concepção e organização do projeto educativo deveria corresponder às mais diversas prioridades, como de desenvolvimento pedagógico, permitindo a promoção de condições para a conquista do sucesso educativo e escolar das crianças e dos jovens com vista a prevenir a retenção, o absentismo e o abandono escolar, através da diversificação das ofertas formativas, sobretudo do recurso aos percursos curriculares alternativos, planos de recuperação, cursos de educação e formação; bem como a criação de modalidades flexíveis de gestão do currículo e dos programas disciplinares e não disciplinares de modo a atuar precocemente sobre o risco de abandono e insucesso e a orientar a avaliação da progressão dos alunos para as competências definidas de final de ciclo ou nível de ensino.

Para participar dos TEIP, as escolas de Educação Básica precisavam elaborar um projeto de ações, e após sua aprovação, essas escolas receberiam recursos do Ministério da Educação para desenvolver as mais diversas ações com vistas ao sucesso escolar, podendo contratar pesquisadores, profissionais,

sobretudo técnicos para atuarem nas áreas consideradas prioritárias, como assistentes sociais, animadores socioeducativos, psicólogos, educólogos, bem como professores para atuarem como tutores/mediadores e auxiliares de professores nas diversas áreas do currículo em parceria e sob a orientação/supervisão/acompanhamento de pesquisadores vinculados a programas de Pós-Graduação.

Após tomar conhecimento da existência dos TEIP, optei por fazer também uma pesquisa de campo em escolas que estivessem desenvolvendo TEIP. Dessa forma, fiz observação em duas turmas de 4ª série do 1º ciclo do Ensino Fundamental, nas quais também fiz entrevistas com as professoras das referidas turmas, sobre o uso dos manuais escolares (livros didáticos) de Língua Portuguesa. Essa atividade possibilitou-me uma maior inserção na FPCEUP, porque pude acompanhar o desenvolvimento dos TEIP, cujos resultados foram apresentados através de seminários que ocorreram ao longo de 2010. Nos seminários era possível perceber que os TEIP de fato melhoraram os indicadores educacionais de forma significativa das escolas, pois os alunos apresentaram um avanço com relação ao maior sucesso nas competências de leitura e escrita em Língua Portuguesa.

Além dessa maior inserção na FPCEUP, também fui bem acolhida nas duas escolas, cujas professoras de 4ªsérie permitiram que eu não somente realizasse observações, mas também participasse das aulas e vivenciasse de forma plena o cotidiano escolar em escolas de 1º ciclo em Portugal. As professoras permitiram-me acompanhar os alunos em atividades em sala de aula, em visitas a museus, atividades realizadas nas bibliotecas e reuniões de planejamento, além de participar das festas comemorativas realizadas nas duas escolas, onde pude sentir o envolvimento dos docentes, dos discentes e principalmente das famílias dos alunos.

Em dezembro de 2010, participei como examinadora externa de uma banca de mestrado no PPG da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da UP, e em janeiro de 2011, ministrei uma oficina voltada para a construção da

escrita acadêmica, tendo como público-alvo alunos e professores do mestrado e do doutorado.

A partir da realização do estágio Pós-Doutoral, pude fazer observações em duas turmas de 4ª série do 1º ciclo do Ensino Fundamental de escolas da Educação Básica de Portugal, no período de 20 de maio/2010 a 20 de junho de 2010. Além disso, fiz entrevistas com as professoras das referidas turmas, sobre o uso dos manuais escolares (livros didáticos) de Língua Portuguesa. Essa atividade possibilitou-me um maior conhecimento sobre a metodologia de ensino da Língua Portuguesa utilizada em Portugal, numa perspectiva interdisciplinar, bem como sobre a utilização de livros didáticos de português nos anos iniciais.

Além disso, pude acompanhar o desenvolvimento dos TEIP, cujos resultados demonstram que tais projetos de fato melhoraram os indicadores educacionais de forma significativa das escolas, pois os alunos apresentaram avanços com relação a um maior sucesso nas competências de leitura e escrita em Língua Portuguesa. Esse acompanhamento me permitiu observar bem de perto a realização bem sucedida de pesquisas com intervenção na Educação Básica, e por conseguinte uma feliz articulação da Pós-graduação com a Educação Básica.

Dessa forma, considero que o estágio Pós-Doutoral ampliou minha forma de atuação como professora da graduação no Curso de Pedagogia da UFAL, no qual leciono as disciplinas Alfabetização e Letramento e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, porque pude observar na condição de pesquisadora aulas de língua Portuguesa em turmas dos anos iniciais. No Brasil, fiz entrevistas com duas professoras que lecionavam em turmas de 4ª série (atual 5º ano) para colher os dados para o estudo comparativo sobre os impactos na atividade docente do uso de livros didático. Para além disso, elaborei um trabalho em coautoria com a Professora Dra. Amélia Lopes, que foi aprovado e apresentado no ISATT<sup>10</sup> 2011 Conference.

---

<sup>10</sup> O ISATT é um evento que foi fundado em outubro de 1983, em um Simpósio para Pesquisa sobre o Pensamento do Professor na Universidade de Tilburg, Holanda. Ocorre a cada dois anos em uma universidade da Comunidade Europeia. Site: <https://www.isatt.net/>

Como resultado do meu Estágio Pós-Doutoral, planejei e coordenei, juntamente com a professora Amélia Lopes a realização do I Encontro Luso Brasileiro sobre Trabalho Docente e Formação, que aconteceu na Universidade Federal de Alagoas em parceria com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. O II Encontro Luso Brasileiro ocorreu na Universidade do Porto em 2013. O III evento ocorreu em 2016 na Ufal e o IV, ocorreu na Universidade de Lisboa. Todas as três primeiras edições do evento, que foi decorrente do meu Pós-Doutorado foram coordenadas por mim e pela professora Amélia Lopes. Como a última edição ocorreu na Universidade de Lisboa, sendo coordenador por mim e pelas Profas. Dras. Ana Paula Caetano e Isabel Freire.

## 5. ATIVIDADE DOCENTE NA GRADUAÇÃO

### 5.1. Concursos para professor adjunto

No dia primeiro de outubro de 2001, sete dias após minha defesa de doutorado, fiz minha inscrição para uma das duas vagas ofertadas para professor adjunto do Curso de Letras da Ufal, cuja exigência principal era ter o título de doutor.

Até então, tudo que eu sonhava e planejava, com relação à minha formação acadêmica, acontecia de forma bem-sucedida. As vagas ofertadas pelo edital para concurso de professor adjunto do curso de Letras da Ufal eram duas, sendo uma para o ensino da Língua Portuguesa e outra para o ensino de Linguística. As quais haviam sido demandadas por grupos de pesquisas diferentes do grupo do qual eu fazia parte, que era o grupo da Profa. Dra Denilda Moura.

Nessa época, eu era extremamente ingênua, acreditava que, pelo fato de ter tido um bom desempenho na graduação e na pós-graduação e ter sido aluna de quase todos os professores do Curso de Letras e também ter cursado quase todas

as disciplinas ofertadas na pós-graduação de Letras e Linguística da Ufal, eu pensava que poderia concorrer e ser aprovada sem problemas.

Algumas vezes ao longo do desenvolvimento de minha pesquisa de doutorado, eu sentia que havia uma certa inveja por parte de algumas pessoas em relação aos participantes do grupo da Profa. Dra. Denilda, porque, por vezes, eu era indagada sobre o que de fato se pesquisava no nosso grupo, que relevância o objeto de minha pesquisa teria para a questão da Educação. Esse fato me deixava meio apreensiva. Quando eu comentava com a Profa. Denilda, ela dizia: “não ligue, isso é só para puxar conversar, ou tal vez seja para me atingir”. Lógico que eu percebia que ela ficava bastante estranha e magoada. Mas como era muito discreta, nunca fazia comentários negativos a respeito de seus colegas da pós e de ninguém. Várias vezes, eu sentia um certo teor de ironia nas indagações dirigidas a mim nos corredores, por parte de professores de algumas linhas de pesquisa, mas deixava para lá, porque eu sentia muito orgulho de pertencer ao grupo de pesquisa da Língua Usada em Alagoas – LUAL<sup>11</sup>, pois tudo acontecia no nosso grupo. Tínhamos sempre palestras, cursos e minicursos ministrados por expoentes tanto da Sociolinguística quanto da Teoria Gerativa e até da corrente funcionalista, professores vindos de Portugal, da Holanda, dos Estados Unidos, além dos muitos que vinham da Unicamp-SP, da USP e da UFRJ.

Além de participar das atividades do meu grupo, eu também participava das muitas atividades promovidas por outros grupos de pesquisa. Eu não perdia uma banca de defesa de mestrado ou de doutorado. Eu queria era conhecer mais, aprender mais, saber mais e sabia que nenhuma corrente teórica dava conta de compreender e explicar a linguagem humana. Também sentia que para ser professor precisava ter uma visão ampliada; e lembrava sempre de uma frase que ouvira em uma das disciplinas da pós-graduação: é necessário e importante para todo e qualquer professor não ter visão de cabresto. Essa afirmação me orientou como aluna e continua me guiando como professora.

---

<sup>11</sup> LUAL - na época era esse o nome do nosso grupo de pesquisa: Língua Usada em Alagoas, depois passou a ser denominado de Prelin.

Quando formalizei minha inscrição para concorrer a uma das duas vagas, para ser professora do Curso de Letras, eu saí anunciando por todos os cantos: na cantina, nos corredores, nos banheiros, para quem eu encontrasse, logo escancarava minha satisfação. Eu sentia muita alegria e muita gratidão por ter conseguido concluir meu doutorado a tempo de poder participar do edital, cuja principal exigência era justamente ter o título de doutor.

Quando comuniquei que iria fazer o concurso a Profa. Denilda, pela primeira vez, ela me disse pausadamente: “Auxiliadora... vá com calma, estude muito. As coisas nem sempre são como parecem ser”. Confesso que fiquei sem entender nada, porém, logo me bateu um medo gigante. Mas não tive coragem de perguntar de forma direta o que era aquilo que ela me dizia, que parecia tão sério, poderia ter a ver com o fato de eu concorrer para ser docente do meu curso.

Os dez temas do concurso eram iguais para as duas vagas: Língua Portuguesa e Linguística. Logo na primeira semana, saí pedindo aos professores e colegas, livros, cópias de textos, apostilhas, capítulo, artigos, bem como orientações de como me preparar para o concurso, porque minha experiência como docente era mínima, pois pelo fato de ter sido bolsista do CNPq, desde o primeiro semestre da graduação, que não permitia aos pós-graduandos que atuassem nem como professor eventual, com isso, eu tinha menos de dois anos de experiência no magistério.

Em menos de 15 dias, eu já tinha uns trinta quilos de material impresso para ler, fichar, resenhar e elaborar textos em formato de artigos. Eu lia tudo sobre um tema, depois voltava a ler e a fazer os fichamentos, tornava a ler e aí elaborava as resenhas e depois as transformava em artigos. Eu estudava cerca de 15 horas por dia. Minhas pernas inchavam e doíam; meus olhos viviam vermelhos de tanto ler. Eu parava um pouco e colocava os pés dentro de um balde com água morna e sal para descansar; colocava compressas de água gelada nos olhos. Passados 20 minutos, eu retornava aos estudos. Isso acontecia de domingo a domingo. Entre outubro e dezembro de 2001, eu não fiquei um único dia sem estudar no mínimo 15 horas.

No início de dezembro de 2001, houve um evento de Letras e eu fui à Ufal. No corredor, tive a felicidade de encontrar com a amiga Fabiana Oliveira. Parei e falei que estava me preparando para o concurso, que estava estudando feito louca, porque queria muito ser aprovada e já me sentia quase professora do Curso de Letras. Lembro que Fabiana me olhou com um olhar meigo, mas um pouco receoso e me informou que iria também haver concurso para professor adjunto do Centro de Educação-Cedu, ressaltando que seria para área de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa. Nessa ocasião, disse-me Fabiana: “por que você não se escreve também para lá?” “Se eu fosse você, eu me inscreveria”. Achei tão estranho, o conselho da Fabiana. Ela parecia muito séria. Disse-me que era professora substituta do Cedu e que gostava muito do ambiente e dos colegas de lá. Até aquele momento, eu nunca havia pensado em fazer concurso para qualquer outro lugar que não fosse o curso de Letras da Ufal.

Confesso que na hora pensei: eu não vou estudar para dois concursos. Só tem quatro candidatos, eu vou ser aprovada para uma das duas vagas aqui no curso de Letras. Mas volta e meia as palavras e o olhar da Fabiana me vinham à cabeça. Eu lembrava que ela havia me dito que as inscrições iriam até o dia 21 de dezembro, e que o concurso só correria em fevereiro de 2002.

Passei uns 15 dias quase certa de que não iria me inscrever para o concurso do Cedu. Mas, precisei ir novamente à Ufal e lá encontrei com outras pessoas que me perguntaram se eu sabia que havia quatro candidatos inscritos e que os três tinham mais de 30 anos de experiência em docência e que a experiência no magistério, cada ano valia um ponto no currículo. Senti novamente o aperto no coração, tal qual havia sentido quando a Profa. Denilda havia me dito que as coisas nem sempre são como parecem ser. Senti um medo enorme de não ser aprovada, porque eu não tinha experiência docente, como os demais candidatos.

Corri para casa, peguei todos os documentos e certificados, que por sorte estavam todos arrumados, em função da inscrição anterior, tirei cópias e fui autenticar no cartório. Subi para Ufal e fiz minha inscrição no dia 20 de dezembro de 2001.

Passei o Natal e o Ano Novo me preparando para o concurso de Letras, pois as provas ocorreriam na segunda semana de janeiro de 2002. No primeiro dia de prova, cheguei uma hora antes. Chamou-me atenção o fato de a banca do concurso parecer ansiosa e até estranha, porque estava quase na hora de começar a prova escrita e só havia chegado eu e uma candidata de Campina Grande. Parte dos membros da banca olhava insistentemente para o relógio e para a porta. Deu 13:30h e nada dos demais candidatos chegarem. A banca parecia incrédula. Esperou cerca de 15 minutos além da hora prevista para o início da prova e nada de candidatos. Lógico que a esta altura, eu já estava torcendo para que os demais candidatos não aparecessem. Eu pensava: duas candidatas, duas vagas, duas aprovações. Mesmo assim, fiz o melhor que pude e o tema que foi sorteado eu gostei muito.

A outra candidata, que já era docente há mais de 30 anos e havia se aposentado recentemente, como me relatou em conversa antes do início da prova, parecia angustiada, contei pelo menos 10 vezes que ela foi ao banheiro. Achei muito estranho todas aquelas idas e vindos do banheiro. Mas nada falei. Continuei fazendo minha prova escrita. Meus dedos doíam muito, mas minha mente queria escrever mais.

No dia seguinte, às 08:30h foi publicado o resultado da prova escrita. Sem surpresa, fui aprovada. A outra candidata também havia sido aprovada. Após a divulgação do resultado da prova escrita, houve o sorteio da prova didática, que foi marcada para o dia seguinte às 14:00 horas, cujo tema sorteado não poderia ser melhor: oralidade na sala de aula.

A partir desse momento, minha cabeça fervilhava: emoção? Não! Razão? Sim, mas também não. Minha mente respondia: bom senso e equilíbrio nessa hora. O medo por não ter experiência significativa na docência superior e o fato de nunca ter assistido a uma aula para concurso geraram muitas dúvidas: que tipo de aula planejar? Que recursos utilizar? Que autores usar para fundamentar as discussões? Como ministrar uma aula interativa, inovadora e interessante, na qual os alunos pudessem aprender o conteúdo, sem as “malditas” ameaças veladas? Como me portar diante da banca sem poder dialogar verbalmente com os membros

e nem com o os colegas do meu grupo de pesquisa que assistiriam a aula? Como administrar o tempo? Que roupa vestir? A aula deveria ser ministrada num período de 50 a 60 minutos. Decidi que ministraria em cerca de 55 minutos.

Como já havia estudado os 10 temas previstos no edital para a prova escrita e para a prova didática, não foi difícil planejar a aula prática. No entanto, as minhas perguntas de natureza metodológica continuavam sem respostas e me angustiando muito. A Profa. Denilda estava viajando para participar de outra banca de concurso fora do estado, e mesmo que estivesse em Maceió, por razões éticas, não iria me orientar em nada e nem eu teria coragem de perguntar. No entanto, antes de viajar, telefonou-me e desejou boa sorte e me disse que se eu tivesse alguma dúvida poderia conversar com Núbia Faria<sup>12</sup>, que na época era aluna de doutorado.

No dia seguinte, uma hora antes do início da prova didática, eu já estava na cantina do CHLA<sup>13</sup>. Antes do início da prova, houve o sorteio da ordem de quem iria ser a primeira a ministrar a aula. Fui sorteada para iniciar a prova didática.

Às 14:00 horas iniciei a aula. A sala de aula da pós era pequena, cabia cerca de 20 pessoas, mas parecia enorme. Na época, usar retroprojektor e transparências era muito chique e moderno. Mas eu me preparei para todas as possíveis situações, pois conhecia histórias de candidatos de concursos que haviam se preparado para usar somente as novas tecnologias e na hora faltara eletricidade. Então, eu não iria correr esse risco. Além das transparências, também imprimi os textos que iria trabalhar ao longo dos intermináveis 55 minutos.

Para a aula didática, convidei todos os meus colegas do grupo de pesquisa e do grupo do Pet, que a Denilda coordenava. Apareceram cerca de 15 colegas. Confesso que olhar todos aqueles rostos conhecidos me deixou menos tensa, embora soubesse que ninguém poderia falar comigo durante a prova didática e nem eu poderia dialogar com nenhum dos presentes.

---

<sup>12</sup> Sou e serei eternamente grata a professora Núbia Rabelo Faria por ter passado a madrugada, véspera da prova didática, me acalmando e me orientando de como atuar na prova didática. Suas palavras me deram a segurança que eu precisava naquele momento. Gratidão Núbia!

<sup>13</sup> Na época, a pós de Letras e linguística funcionava no CHLA.

Diante disso, pensei numa estratégia, em que eu poderia fazer de conta que estaria ministrando uma aula estilo conferência, na qual eu poderia fazer perguntas para sujeitos arbitrários, utilizando os pronomes você, vocês e a gente sem um referente definido no discurso, para não violar as regras do concurso.

Graças a Deus, durante prova didática não faltou energia e pude utilizar todos os recursos que havia planejado. Iniciei fazendo várias perguntas sobre o tema oralidade, deixando claro que as perguntas seriam para a gente refletir e responder somente na aula seguinte. Mostrei pelos menos três livros que abordavam o tema (BEZERRA 2001; MARCUSCHI, 2001, CASTILHO 1999) falando como a oralidade estava sendo objeto de pesquisas e de sua importância inclusive para as atividades de escrita. Lembro que os dois primeiros minutos foram meio artificiais, mas depois me soltei, brinquei, fiz muitas perguntas, comentei algumas possíveis respostas. Lógico que ninguém poderia responder numa linguagem verbal, mas os olhares dos meus colegas e até dos membros da banca me diziam que minha aula estava sendo muito boa. Senti-me feliz, como se o meu propósito tivesse sido alcançado.

De fato, no dia seguinte quando foi publicado o resultado da prova didática, fui aprovada. Tirei uma boa nota, acho que foi 8,5. Mas, enquanto olhava a nota no mural e somava com a nota da prova escrita, alguém, que também estava olhando, mas posicionado às minhas costas, me saudou pausadamente: “parabéns Auxiliadora, você está quase lá, porém não esqueça que a outra candidata tem mais de 30 anos de experiência docente e ainda falta a nota do currículo”. Aquela frase me atingiu como se fosse uma sentença de morte, com relação aos meus sonhos e planos. Naquele momento, senti que algo não estava bem. Eu não era bem-vinda como professora do Curso de Letras. Respirei pausadamente, tornei a respirar, engoli a resposta emocional e disse: - claro, é verdade, mas posso ficar em segundo lugar não tem problema. Afinal temos duas vagas e duas candidatas aprovadas. Mesmo respondendo com aparente calma, aquelas palavras vindas de alguém do departamento que solicitara o concurso me deixou confusa, insegura, com medo do porvir e muito triste. Saí dali com um aperto no coração, que parecia maior do que meu tórax.

Mesmo angustiada, conseguia colocar a razão acima da emoção e pensava: a partir de agora nada depende mais de mim, tudo que eu poderia dar de mim eu havia dado. Havia me dedicado, havia estudado muito, havia me preparado da forma mais adequada possível. Restava-me esperar o resultado.

No Início da semana seguinte, fui ver novamente o mural do CHLA para conferir o resultado final. Fui aprovada, mas como esperado, os 30 anos de experiência da outra candidata me deixaram em segundo lugar, embora eu tivesse várias publicações e participasse de pesquisa, o que contou mesmo foram os 30 anos de docência da outra candidata.

A aprovação me deixou muito, muito feliz. Queria saber quais os passos seguintes, quando eu iria assumir o cargo de professora da Ufal, o que teria que fazer, eu não cabia dentro de mim de tanta alegria. Saí perguntando, até que alguém me informou que essas perguntas poderiam ser respondidas pela secretária do Curso de Letras. Achei estranho, pois nenhum dos professores com quem falei parecia querer me responder, tinham um semblante diferente daqueles que eu já conhecia.

Ainda cheia de alegria, com um sorriso quase saindo da cabeça, digeri-me à secretaria do Curso de Letras. Lá chegando com minha cara enorme de felicidade, saudei a secretária, que me respondeu de forma estranha, para alguém que me conhecia há vários anos e com quem sempre me dei muito bem. Perguntei: o que houve? Você parece triste! A secretária me olhou e disse: “Auxiliadora você foi aprovada, mas não poderá assumir a vaga, porque, conforme orientações do departamento que solicitou o concurso, você não tem o perfil exigido para ser professora de Língua Portuguesa”. A outra candidata, que foi aprovada em primeiro lugar, vai ministrar Linguística.

Ao ouvir aquelas palavras, despenquei por completo, fiquei sem fala e sem força. Comecei a chorar desesperadamente. Não conseguia sequer perguntar nada. Fui direto até o carro, onde meu ex-companheiro me esperava. Lá chegando, eu não consegui dizer uma palavra. Meu companheiro me olhava sem entender nada. Mas também não me perguntou nada. Eu chorei uns três dias seguintes. Não

entendia o que havia acontecido. Muitas perguntas me vinham a mente: por que ninguém nunca me alertou sobre a questão do perfil? O que era esse tal perfil que eu não tinha? Eu queria me culpar por não ter o perfil, mas não sabia o que de fato era o tal perfil exigido.

Minha mente se recusava a acreditar que professoras tão doces, tão admiradas por todos os alunos, tão decentes, tão polidas, que para falar com elas era preciso chegar bem perto, pois suas vozes eram quase sussurros, tidas como exemplos de equilíbrio, bom senso e ética, pudessem estar me excluindo do meu maior sonho – ser professora do curso de Letras da Ufal e para o qual eu havia me preparado desde o início da minha graduação.

Eu sentia muita raiva, mas também sentia vergonha de não ter conseguido me tornar professora da Ufal, como havia sonhado desde o primeiro dia em que entrei na Ufal e vi todos aqueles pés de azeitonas (brinco de viúva, jamelão). Eu tinha vergonha inclusive de telefonar para algumas professoras e perguntar o porquê daquele resultado. Nunca telefonei para ninguém, porque, na minha cabeça, alguma coisa havia de errado comigo, embora eu não soubesse o quê e nem o porquê. Relembrava o tempo em que havia sido aluna daquelas professoras, mas não encontrava nada que eu pudesse relacionar com aquela situação. A partir de então não voltei mais ao CHLA, não falei com ninguém.

Passados os três dias de choro, desapeguei do sonho de ser professora do Curso de Letras da Ufal. E lembrei que havia me inscrito também para o concurso do Cedu. Novamente corri atrás dos textos, livros e cópias. Saí pedindo ajuda e orientação a todo mundo que fosse ligado ao Cedu. Agora eu estava num campo novo, do qual eu pouco conhecia. Lembrava que havia me saído bem em todas as disciplinas didáticas, ministradas pelos professores do Cedu. Lembrei também que havia ministrado aulas para os Sem Terra e Assentados do PRONERA, cuja coordenadora era a professora Sandra Lyra, docente do Centro de Educação.

O susto e o medo apareceram mesmo foi quando eu li os dez temas do concurso, dentre estes, alguns que eu conhecia com outro sentido, como o tema currículo, que eu até então somente o relacionava com a palavra Lattes,

planejamento que eu associava aos meus objetivos domésticos ou pessoais. Pior mesmo foi o tema novas tecnologias, que eu associava aos recursos didáticos, como data show, retroprojektor, ferramentas. O tema formação de professores não fazia sentido para mim. Eu me indagava eu estudei para ser professora por que eu tenho que estudar para formar professores? Então os cursos de licenciatura não formam professores? Essas perguntas me deixavam intrigadas.

Mas como eu só tinha cerca de 30 dias para estudar para o segundo concurso, não havia tempo para responder as minhas inquietações. O jeito era pedir ajuda sobre os temas do concurso no próprio Cedu. E assim fiz. Descobri que no Cedu, diferente do curso de Letras, lá já havia muitos professores que publicavam artigos, capítulos de livros, livros e até apostilhas e que tais textos eram utilizados nas aulas da graduação em Pedagogia. E como eu não tinha referência sobre quais autores utilizar, estudei com base nos textos publicados e utilizados pelos professores do Cedu. Além dos autores citados nos textos desses professores.

Nos 30 dias que antecederam ao concurso, eu li, ficei, resenhei e transformei em artigos os dez temas do concurso. Agora eu não estudava 15 horas por dia, como no concurso anterior, mas cerca de 18 a 20 horas. Nos primeiros três dias de estudo, eu mal conseguia resenhar uma página, mas na segunda semana eu já conseguia produzir textos com cinco páginas; na penúltima semana antes do concurso do Cedu, eu já conseguia escrever 15 páginas num dia. Logo nas primeiras leituras, descobri que todos os temas dialogavam e se relacionavam, pois todos tinham como objeto de estudo o processo ensino e aprendizagem. Além de que o sujeito principal era sempre o aluno, concebido não como sujeito pronto e acabado, mas como um ser humano que está sempre a aprender, a evoluir e a crescer, nas diversas dimensões da vida acadêmica e pessoal.

Cada leitura que eu fazia abria novos horizontes na minha cabeça. Muitas questões relativas à Educação Brasileira, que me incomodavam muito no Curso de Letras e mesmo na Pós-Graduação, passaram a ser compreendidas, de forma mais intensa, no sentido de que é preciso ter pessoas que contribuam e que estudem a Educação, sobretudo, que amem fazer Educação. Tudo aquilo parecia um

chamamento: aqui é seu lugar. Aqui você pode contribuir, pode fazer a diferença na vida de muita gente. As leituras e a preparação para o concurso do Centro de Educação, mostravam quanto eu, até então, estava longe da Educação Básica, longe das questões de ensino e aprendizagem.

No início da segunda quinzena de fevereiro de 2002, eu fiz o concurso para o Setor de Métodos e Técnicas do Centro de Educação. Fui a única aprovada. E na primeira semana de abril de 2002, recebi um telegrama me chamando para tomar posse da vaga no concurso do Cedu, no dia 15 de abril. Dois dias depois, recebi um segundo telegrama para tomar posse da vaga no curso de Letras. O Reitor inclusive me chamou e perguntou se eu queria desistir do concurso do Cedu e assumir a vaga de Letras. Num segundo, o cenário de exclusão ao qual eu havia sido submetida por alguns professores do curso de Letras me veio à mente de forma muito nítida. Nem pensei duas vezes. Logo respondi que não e afirmei: eu quero ser professora do Centro de Educação.

## **5.2. Docência na graduação**

No dia 22 de abril de 2002, iniciei as atividades docentes no Centro de Educação. E desde então passei a ministrar as disciplinas Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 3 e 4 e Didática Geral no Curso de Letras. No curso de Pedagogia presencial e a distância, passei a ministrar disciplinas da área de linguagem: Alfabetização e Letramento, Leitura e Produção de Textos, Saberes e Metodologia da Língua Portuguesa 1 e 2, Planejamento, Currículo e Avaliação e Projetos Integradores. Além das atividades de ensino também orientei diversas monitorias, 53 trabalhos de Conclusão de Curso – TCC e coordenei dois projetos de Iniciação à Docência no Período de 2012 a janeiro de 2020.

No primeiro semestre de atuação como docente do Cedu, fui acompanhada pela Professora Dra. Wilma Bezerra, que me recebia uma vez por semana, em sua casa para debater comigo os textos da disciplina alfabetização, pois embora eu tivesse o curso de letras, não havia estudado, até então, nada sobre alfabetização e aquisição de linguagem.

Além da orientação da Professora Wilma Bezerra, a quem eu sou muito grata, também ampliei minha formação na área de Educação com as Professoras Abdizia Barros e Cibele de Mello Costa, quando elaboramos um módulo de Didática Geral, no início de 2003, para ser utilizado por alunos da Educação a Distância do Curso de Pedagogia. Além dessa produção, no ano seguinte elaborei, juntamente com as professoras Elisângela Mercado e Adna de Almeida Lopes, outro módulo, agora, voltado para a Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa.

A elaboração desses manuais, juntamente com a convivência e estudos em parceria com as já referidas professoras, muito contribuíram para minha formação continuada voltada para a área de Educação.

### **5.3. Coordenação de Projetos de Iniciação à Docência – Pibid/Capes**

Embora o Programa de Iniciação à Docência – Pibid tenha sido lançado pelo Ministério da Educação em 2007 e coordenado pela Diretoria de Educação Básica Presencial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Curso de Pedagogia da Ufal só passou a fazer parte desse programa a partir do Edital MEC/Capes/DEB nº 01/2009. Mesmo assim, somente os alunos da graduação presencial puderam participar.

No primeiro semestre de 2012, o MEC lançou um novo Edital voltado para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- Pibid/Capes, Nº 011 /2012. Porém, tal qual as versões anteriores, este também não contemplava os cursos a distância. Mesmo assim, elaboramos um subprojeto e submetemos ao processo de seleção, que foi rejeitado. No entanto, a Pro-Reitoria de Graduação recorreu e nosso projeto foi aprovado.

Assim, em outubro de 2012, iniciei as atividades de coordenação do subprojeto de Pedagogia EaD, financiado com bolsas Pibid/Capes para graduandos, supervisores e coordenadores, bem como recursos para aquisição de material didático e de custeio para as escolas envolvidas no subprojeto.

O projeto de Pedagogia UAB da Ufal teve como título: **Ampliando a formação inicial em leitura, escrita e oralidade com autonomia e criticidade**, cujo objetivo

principal era contribuir para a formação inicial dos licenciandos de Pedagogia UAB, através da vivência e do desenvolvimento de forma sistemática de práticas pedagógicas interdisciplinares, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), tendo como eixo articulador os saberes da língua portuguesa em interface com as tecnologias da informação e da comunicação-TIC. O projeto foi desenvolvido nos municípios de Maceió, Maragogi, Olho d'Água das Flores e Santana do Ipanema, locais onde também existiam Polos de apoio da Educação a Distância. Dentre as muitas ações desenvolvidas ao longo do Pibid, citamos algumas:

- Realização de duas palestras ministradas pela Profa.. Dra. Neiza Fumes, com o título: POLÍTICA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CONQUISTAS E DESAFIOS;
- Estabelecimento de diálogo entre a UFAL e escolas da Educação Básica do interior alagoano, o qual tem permitido a inserção dos licenciandos no cotidiano escolar de suas realidades;
- Realização de reuniões periódicas com a participação da coordenação, dos bolsistas e dos supervisores nas escolas campo do Pibid/UAB/Pedagogia/Ufal, para acompanhamento, reflexão, replanejamento das ações desenvolvidas, possibilitando uma maior inserção da UFAL no cotidiano das escolas, objetivando uma rotina no cotidiano escolar de forma produtiva, significativa e feliz, tanto para os bolsistas e supervisores quanto para a comunidade escolar num todo;
- Participação em grupos de estudos, nos quais os bolsistas vivenciaram de forma rotineira, estudo, reflexão, análise, pesquisa e fomento de práticas pedagógicas interdisciplinares no cotidiano escolar. Formação de grupos de estudos para discussão de teorias, com foco no desenvolvimento de práticas interdisciplinares, possibilitando atividades voltadas para os anos iniciais (1º ao 5º ano), sobretudo para a fase de alfabetização, com base nos referenciais do Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa PNAIC);
- Desenvolvimento de projetos didáticos, de forma interdisciplinar, com foco na identificação e superação dos problemas de aprendizagem em turmas

do Ensino Fundamental, dentro e fora da escola: bibliotecas, laboratórios de informática, espaços de recreação e com a coordenação pedagógica, fomentando a prática docente de forma sistemática e orientada, por meio do exercício do planejamento e avaliação, motivando os licenciandos para o exercício das docências na Educação Básica;

- Realização de oficinas sobre gêneros textuais integrados às tecnologias digitais e aos diferentes recursos de mídia, estudando as relações entre textualidade e novas tecnologias, através da formação de um grupo gerador de metodologias e estratégias voltadas ao desenvolvimento da leitura, da escrita e oralidade. Com essas oficinas, ampliamos a formação inicial dos bolsistas no uso das TIC de forma pedagógica e interdisciplinar;
- Elaboração de registros do trabalho pedagógico pelos bolsistas e supervisores, de forma sistemática em portfólio, os quais serviram como objeto de avaliação, reflexão e estudo da prática e vivência pedagógicas realizadas nas escolas de Educação do Ensino Fundamental. Essa sistematização possibilitou a identificação dos problemas de ensino e aprendizagem, contribuindo para a reflexão e análise crítica, bem como superação dos limites;
- Participação dos bolsistas em atividades diversas, com as quais puderam vivenciar a leitura e a escrita como prática social, tais como: apresentação de trabalhos completos em eventos científicos, feiras e lançamentos de livros; pesquisas em ambientes virtuais; visitas a bibliotecas; elaboração e divulgação em jornais e sites; realização de jornadas pedagógicas; realização do circuito da leitura com narração de histórias, dramatização, ações que incentivam a constituição de leitores e produtores críticos reflexivos.

De uma forma geral, bolsistas e supervisores avaliaram o Pibid de forma bastante positiva, como demonstra os vários depoimentos de egressos do Pibid de

Olho d'Água das Flores e de Maceió, dentre os muitos, citarei este da egressa Claudiana Lima<sup>14</sup>,

Começo este depoimento relatando, depois de tudo que vivenciei durante a minha graduação, que ser estudante da modalidade EAD é algo desafiador, se sentir realmente preparada para encarar uma sala de aula após receber o diploma de conclusão, fazer jus e se mostrar apta ao título de graduada em uma Universidade Federal chega a ser algo laborioso para alguns “docentes” recém-formados. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência é, sem dúvida alguma, um importante aliado na formação dos acadêmicos da área da educação, o que me possibilitou vencer os tabus da formação na modalidade EAD. Foi por meio desse programa que tive a oportunidade de ser desafiada, compartilhar desafios e aprender com a experiência desta profissional da qual tenho bastante admiração e respeito (Maria Auxiliadora Cavalcante). Foi graças a todos os seus ensinamentos e firmeza que conclui minha graduação sem nenhum dos “medos” que citei anteriormente. Obrigada por me “fazer” ler os textos enormes, produzir os resumos, os relatórios. Por sua exigência na construção dos projetos, os quais orientava fazer revisão e mais revisão, por solicitar tantas referências, por sempre acreditar que poderia fazer melhor. Enfim, foi devido às suas instruções nas práticas do Pibid como também na orientação do meu TCC que me sinto apta, capaz de enfrentar qualquer desafio inerente a minha área de formação, de poder “encarar” qualquer sala de aula e fazer aquilo que amo fazer, ensinar. Hoje posso afirmar cheia de orgulho que fui aluna EAD da UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS e me sinto inteiramente capacitada para desempenhar as atribuições às quais minha profissão exige e muito disso devo a sua contribuição para com a minha formação acadêmica e pessoal. Obrigada por sempre acreditar que sou capaz, que consigo ir além. Aproveitando a oportunidade para dizer que nunca vou esquecer-me do dia em que alojou mais de meia dúzia de acadêmicas em sua casa com o intuito de nos incentivar a apresentar um projeto na Semana Intencional de pedagogia. Gratidão por compartilhar comigo e com tantas outras estudantes todo o seu conhecimento, por dispor do seu tempo para auxiliar e nos ajudar a trilhar os nossos próprios caminhos. Desejo-lhe muito sucesso e muita luz no seu caminhar, embora tenha certeza que tais coisas são constantes em sua vida, pois é uma profissional exemplar, bem como um ser humano cheio de qualidades, dona de um coração gigante e bondoso. PS: Quando crescer, quero ser igual a você.

Olho d'Água das Flores, 06 de fevereiro de 2021.

Claudiana Lima

As atividades de formação do Pibid de Olho d'Água das Flores foram desenvolvidas em duas escolas públicas da rede municipal: Escola Vereador Prof. Izidro Pereira e Escola Municipal Profa. Elisa Abreu. Os bolsistas eram alunos do

---

<sup>14</sup> A Profa Licenciada em Pedagogia Claudiana Lima foi bolsista do Pibid/Capes no período de 2016 a 2018.

Curso de Pedagogia a Distância, mas todas as ações ocorriam de forma presencial<sup>15</sup>.

Auxiliadora, seu nome já diz muito e muito mais sua presença. Para mim, foi e é uma honra poder dizer que construí muitos dos conhecimentos docentes ao seu lado, sua força, coragem me fizeram muitas vezes levantar a cabeça e seguir em frente, mesmo quando tudo parecia não ter jeito. Realizar o planejamento, avaliar, pensar no currículo quantas formações nos foram proporcionadas por meio do Pibid. Quantas lições! E a segurança de trabalhar com ortografia depois da leitura da obra de José de Moraes, falar práxis sabendo o que ela realmente significa e a importância de colocá-la em prática, valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, como nos mostra Ângela Kleiman. E, acima de tudo, unir teoria e prática para fazer realmente da sala de aula um ambiente onde se constrói o conhecimento.

Monteirópolis, 04 de fevereiro de 2021, Raquel Santos de Moura<sup>16</sup>.

Em relação à formação continuada dos supervisores, decorrente das ações do Pibid, as descobertas foram grandes, pois as supervisoras ressaltaram o seguinte: “ficar com os bolsistas está fazendo com que se renove e volte a gostar de estudar, [...] pois todos carregados de novas metodologias adquiridas na teoria e um espírito inovador, mesmos diante das dificuldades encontradas, eles não desistem” (depoimento extraído do relatório parcial de 2014). A supervisora Quitéria Medeiros Ferreira Costa, que atuava na Escola Prof. Vereador Izidro Pereira, deu o seguinte depoimento sobre o Pibid:

O período em que fiz parte do Pibid como supervisora foi muito importante para minha vida pessoal pela convivência com diversas pessoas e opiniões diferentes, principalmente para minha vida profissional, onde pude crescer bastante com os ensinamentos da Coordenadora Professora Maria Auxiliadora Cavalcante, a qual sou muito grata por tantos ensinamentos e tenho certeza que todas as pibidianas que passaram por ela também expressam esse mesmo sentimento, pois foram muitas pesquisas e ações desenvolvidas, uma busca incansável de conhecimento para que todas tivessem uma formação de qualidade. Hoje não estou em sala de aula, pois já estou aposentada, mas todos os ensinamentos ficarão para sempre, pois o Pibid marcou minha vida e de

---

<sup>15</sup> A cada 15 dias, viajamos cerca de 220 Km, num transporte da Ufal, para fazer as reuniões de acompanhamento, de planejamento e de estudos de forma presencial. Nesse sentido, gostaria de agradecer a Coordenadora do Curso de Pedagogia a Distância, Profa. Dra. Elza Maria da Silva, pelo apoio que nos deu ao longo dos seis anos que coordenamos o Pibid de O D'Água das Flores.

<sup>16</sup> A Profa Licenciada em Pedagogia Raquel Santos de Moura foi bolsista do Pibid/Capes no período de 2012 a 2014.

outros tantos. Posso afirmar que Maria Auxiliadora é aquela que faz a diferença por onde passa!

Olho d'Água das Flores, 03 de fevereiro de 2021,

Quitéria Medeiros Ferreira Costa

A partir de agosto de 2018, passei a coordenar, juntamente com as professoras Kátia Melo e Maria Inez Matoso Silveira, o subprojeto do Pibid Pedagogia presencial, no Campus A.C Simões, com o seguinte título: **Alfabetização e Letramento na Primeira Etapa do Ensino Fundamental.**

O Subprojeto do Curso de Pedagogia “Alfabetização e letramento na primeira etapa do Ensino Fundamental” foi desenvolvido a partir da organização de dois núcleos de iniciação à docência, cujos planos de atividades contemplaram ações desenvolvidas em turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. As práticas pedagógicas no campo da Língua Portuguesa possibilitaram a apropriação da leitura e da escrita, não apenas no que concerne à mera aquisição da “tecnologia” do ler e escrever, mas à inserção nas práticas sociais de uso da linguagem (SOARES, 2006).

Esse Subprojeto foi desenvolvido em três escolas da Rede Pública de Ensino de Maceió, tendo os seguintes objetivos: a) ampliar o domínio dos/das licenciandos/as e professores/as do Ensino Fundamental sobre os processos de alfabetização e letramento; b) possibilitar a participação dos/as licenciando/as no planejamento e desenvolvimento de atividades de alfabetização e letramento dos estudantes c) contribuir para a ampliação das habilidades de leitura, de escrita, de análise linguística e da oralidade dos/as licenciandos/as, professores/as e estudantes do Ensino Fundamental; d) ampliar o acesso dos/as licenciandos/as, professores/as e estudantes do Ensino Fundamental a práticas pedagógicas que favoreçam a interação, a criatividade e o desenvolvimento do trabalho coletivo. Partindo desses objetivos o trabalho a ser desenvolvido contribuirá para a ampliação da articulação entre teoria e prática no processo formativo dos/as licenciandos/as e para o fortalecimento da relação interinstitucional entre a universidade e as escolas da Educação Básica.

O plano de atividades foi constituído pelas seguintes ações: reuniões de estudo sobre as pesquisas no campo da alfabetização e letramento e sobre práticas pedagógicas concernentes a essa temática; planejamento e desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, explorando diversas modalidades organizativas do trabalho pedagógico, a partir dos referenciais curriculares para a Primeira Etapa do Ensino Fundamental; elaboração de relatórios, diários de campo e textos para registro e socialização do trabalho desenvolvido no Pibid; participação em eventos acadêmico-científicos para apresentação e discussão dos resultados do trabalho desenvolvido no Pibid.

Na visão das egressas do Subprojeto Pibid Pedagogia Maceió, o programa foi de extrema importância para sua formação docente, como declaram vários ex-pibidianos, dentre os quais a egressa do Pibid Any Cristina Felix.

“O conhecimento é algo que ninguém pode tirar de vocês... Busquem conhecimento e alcancem novos horizontes<sup>17</sup> [...]”. (Auxiliadora Cavalcante, 2020)

O ano era 2018, eu recém-chegada a Ufal tive a oportunidade de concorrer e ser aprovada na seleção do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Por meio dessa nova experiência conheci a professora Auxiliadora Cavalcante que na ocasião era a professora que orientava o grupo de pibidianos ao qual fui alocada. De orientação em orientação fui percebendo meu amadurecimento acadêmico para a pesquisa bem como para a formação docente com a contribuição e sempre muita, muita alegria, da professora Auxiliadora. O bom desenvolvimento do trabalho no Pibid rendeu um capítulo de livro a partir da execução das atividades do projeto que construímos sob orientação da professora e essa experiência literária foi um divisor de águas para mim, foi do incentivo e de suas orientações que dessa experiência ainda frutificaram mais dois artigos que foram aceitos, apresentados e publicados em anais de eventos.

Após o término do Pibid no início de 2020, a professora Auxiliadora continuou nos informando sobre oportunidades enquanto passávamos o período de início da pandemia do coronavírus e a universidade pensava em que decisões tomar a respeito das aulas, assim que foi decidido pelo PLE (Período Letivo Excepcional) e aberta seleção para monitoria das disciplinas me inscrevi para a disciplina Alfabetização e Letramento. Após a minha aprovação lá estávamos nós juntas para mais uma experiência pedagógica. A monitoria foi algo desafiante, mas que permitiu como bem frisou a professora “a busca pelo conhecimento”. A orientação concomitante a regência das aulas junto com a professora e mais duas

---

<sup>17</sup> Texto produzido oralmente durante uma aula de graduação no PLE 2020.

colegas foi tão rica que me inspirou a escrever o poema “Alfabetizar e rimar é só começar” apresentado no encerramento da disciplina.

Ao mesmo tempo em que fui monitora fui também aluna da disciplina de Saberes da Língua Portuguesa II e integrante do Pibic - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (continuo participando) com a professora Auxiliadora e destaco o quanto aprendi, nesse novo momento de aulas totalmente on-line, por meio da sua didática sempre alto astral e visão de um futuro sempre melhor (destacando aqui boas gargalhadas com suas histórias e exemplos que sempre trouxeram ânimo e vivacidade para as aulas, reuniões e afins).

Finalizo com gratidão por tudo que vivenciei e vivencio por meio das experiências pedagógicas com muito ensino, compromisso, discussão, reflexão, produções acadêmicas e ampliação de conhecimentos atrelados à alegria, bom humor, vivacidade, risadas e olhar humano para com o próximo. Eu quero agradecer a contribuição de maneira significativa com a minha formação docente e despertar em mim a percepção da concretização de objetivos e sonhos com muito estudo e esforço e também com fé, alegria, bom humor, alto astral e muitas risadas.

Any Cristina Felix

## 6.ATIVIDADES DE DOCÊNCIA, GESTÃO, PESQUISA, ORIENTAÇÃO, PRODUÇÃO E BANCAS DE CONCLUSÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO

Iniciei minhas atividades docentes na Pós-Graduação em Educação da Ufal, no segundo semestre de 2002. No início de 2003, passei a orientar alunos de mestrado e a ministrar algumas disciplinas na Pós-Graduação. Assim, ao longo de 18 anos, orientei 13 monografias de especialização, 20 dissertações de mestrado e 03 teses de doutorado. Assumi também por duas vezes a gestão da pós-graduação.

No período de janeiro de 2006 a janeiro de 2008, assumi (juntamente com a Profa. Dra. Laura Cristina Pizzi (vice coordenadora) a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE/Cedu/Ufal. Nesse período, o PPGE passava por sérios problemas com relação à avaliação da Capes. Estávamos de fato correndo o risco de sermos descredenciados e perdemos a grande conquista do Centro de Educação e da Ufal, cuja batalha havia se iniciado desde a década de 1990 e da qual participaram muitos docentes do Cedu, dentre os quais cito

alguns porque não lembro de todos. Mas sei que o Professor Dr. Élcio de Gusmão Verçosa, o Prof. Dr. Luís Paulo Leopoldo Mercado, as Professoras Dras. Maria das Graças Tavares, Maysa Kulok, Tania Moura e tantos outros professores lutaram muito para o credenciamento do PPGE.

A coordenação do PPGE/Ufal foi um dos maiores desafios que vivenciei na Ufal, pois eu e a Profa. Laura Pizzi, ao assumirmos o programa, constatamos que, além da nota baixa da Capes, lá também faltava tudo: computadores que não funcionavam, impressora que não imprimia, grampeadores que não tinham grampos, funcionários super desmotivados, Proap que não dava para convidar examinadores externos para as bancas e muito menos custear a participação de docentes e discentes em eventos fora de Maceió.. Além disso, uma sala que não comportava a montanha de pastas e documentos impressos referentes à vida acadêmica dos mestrandos. Aquilo parecia um caos. Para piorar a situação, nós teríamos que coordenar e promover o XVIII ENCONTRO DE PESQUISA DO NORTE E NORDESTE – EPENN. Porém, sou adepta de um provérbio chinês: “Por não saber que era impossível ela foi lá e fez”. E assim, melhoramos a nossa avaliação na Capes e realizamos um dos maiores eventos que o Nordeste já vivenciou na área de Educação.

Tal como aconteceu com a minha formação continuada em Educação na graduação, na pós-graduação também não foi diferente. Lá, logo no início, as professoras Tânia Moura e Ângela Maia me inseriram em seus grupos de pesquisa, deram-me orientação de como eu criar o meu próprio grupo de pesquisa. Em seguida, muitos colegas do PPGE participaram de forma ativa do meu crescimento como pesquisadora e como gestora. Dentre os vários colegas, cito o Prof. Dr. Luís Paulo Leopoldo Mercado, a Profa. Dra. Laura Pizzi, a Profa. Dra. Neiza Fumes, a quem sou e serei grata pelas imensas parcerias e orientações de como proceder em determinadas situações.

## 6.1. Coordenação de projetos de pesquisa Pibic

No início de 2003, submeti o meu primeiro projeto de Iniciação Científica ao Edital da Propep, o qual teve como título **Alfabetização e Letramento de jovens e adultos vs. variação linguística**. Para esse projeto, selecionei somente alunas do turno noturno e que tivessem estudado em escolas públicas, porque até então somente alunos do turno diurno participavam do Pibic. Além da opção minha por alunos do turno noturno, ainda convenci algumas colegas a fazerem o mesmo, pois não considerava justo excluir alunos do turno noturno simplesmente por não terem conseguido uma boa nota para estudar no turno diurno. Assim, ao longo dos meus 19 anos de Cedu, coordenei 14 projetos de iniciação à pesquisa.

### **2020 – Atual: CONHECIMENTOS SOBRE OS USOS DA LÍNGUA: ATIVIDADES GRAMATICAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS**

**Descrição:** Este projeto pretende investigar os conhecimentos sobre os usos da Língua Portuguesa, observando em que medida as propostas de atividades gramaticais presentes em livros didáticos de Língua Portuguesa (LDP), utilizados em turmas de 4° e 5° do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Maceió, estão ou não contribuindo para um uso mais consciente e adequado da língua nos mais diversos contextos sociais. Para tanto, serão analisados LDP, no que diz respeito às propostas de atividades e às orientações para o processo metodológico de ensino e aprendizagem dos diversos usos da língua, levando em conta as questões gramaticais.

Situação: Em andamento; Natureza: Projetos de pesquisa;  
Alunos envolvidos: Graduação (5);  
Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável).

### **2018 – 2020: PRONOMES PESSOAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS**

**Descrição:** Este projeto pretende analisar os pronomes pessoais, apresentados em livros didáticos de Língua Portuguesa (LDP), utilizados em turmas de 4° e 5° ano do Ensino Fundamental. Para tanto, serão analisadas coleções de livros didáticos, no que diz respeito à abordagem e às orientações para o processo ensino e aprendizagem dos pronomes pessoais, que ocupam a função sintática de sujeito. A pesquisa será qualitativa, com uma abordagem de análise documental. Os pressupostos teóricos são oriundos tanto da sociolinguística variacionista, sobretudo, da vertente denominada de sociolinguística educacional, bem como de outros estudos que possam contribuir para um maior esclarecimento sobre os conhecimentos linguísticos, dentre os quais Bortoni-Ricardo (2004), Cavalcante (2001), Labov (2008), Martins e Abraçado (2015), Martins, Vieira e Tavares (2016) e Neves (2000). Sua realização justifica-se porque embora já existam muitos estudos sobre a variação e mudanças que ocorrem no uso dos pronomes pessoais no Brasil, ainda são poucas as investigações voltadas para saber com os

pronomes são abordados nos LDP.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (2);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável)

### **2015 - 2018 :SENTIDOS E SIGNIFICADOS CONSTITUÍDOS POR BOLSISTAS E SUPERVISORES DO PIBID SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE VIVENCIADA EM ESCOLAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Descrição:** Este projeto é parte de uma pesquisa maior que tem como título “Tecendo redes de colaboração no ensino e na pesquisa em educação: um estudo sobre a dimensão subjetiva da realidade escolar” tendo como objetivo geral investigar a dimensão subjetiva da realidade escolar, focando, especialmente, as significações constituídas pelos professores, gestores, alunos, funcionários e pais sobre esta realidade e suas relações com o processo de (trans)formação do indivíduo como ser mediado pela história e pela cultura. Para isso, pretende implantar uma rede de cooperação acadêmica no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), Edital Nº 071/2013, entre pesquisadores integrantes dos seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação (PED), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), campus Mossoró e o Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) As atividades de ensino e pesquisa a serem desenvolvidas estimularão a formação em nível de pós-graduação e, de maneira complementar em de nível de graduação e, ainda, a mobilidade docente e discente, as quais serão orientadas pelo eixo temático: Dimensão Subjetiva da Realidade Escolar. Nesta direção, o estudo da Dimensão Subjetiva da Realidade significados constituídos por alunos e supervisores do PIBID sobre a realidade escolar, reconhecendo as especificidades. Para a realização deste projeto, faremos uma pesquisa qualitativa, com dados coletados em entrevistas semiestruturadas e análises de relatórios de pesquisa. A perspectiva adotada é a Sócio-histórica em Psicologia, entendida como capaz de orientar os pesquisadores no processo de compreensão da realidade destacada, criando condições de analisar de maneira mais complexa a escola, como fenômeno histórico-social. Os resultados almejados, em linhas gerais, são: fortalecimento didático e científico dos programas de pós-graduação participantes; propiciar a articulação do ensino de graduação com o de pós-graduação nas instituições parceiras e a ampliação e aprofundamento dos estudos produzidos acerca da dimensão subjetiva da realidade escolar.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (3); Mestrado acadêmico (2); Doutorado (2);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável); ;

Número de produções C,T & A: 4/ Número de orientações: 7

### **2014 – 2020: Tecendo redes de colaboração no ensino e na pesquisa em educação: um estudo sobre a dimensão subjetiva da realidade escolar**

**Descrição:** Este projeto é uma proposta de implantação de uma rede de cooperação

acadêmica no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), Edital Nº 071/2013, entre pesquisadores integrantes dos seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação (PED), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), campus Mossoró e o Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). As atividades de ensino e pesquisa a serem desenvolvidas estimularão a formação em nível de pós-graduação e, de maneira complementar em de nível I de graduação e, ainda, a mobilidade docente e discente, as quais serão orientadas pelo eixo temático: Dimensão Subjetiva da Realidade Escolar. O objetivo geral é investigar a dimensão subjetiva da realidade escolar, focando, especialmente, as significações constituídas pelos professores, gestores, alunos, funcionários e pais sobre esta realidade e suas relações com o processo de (trans)formação do indivíduo como ser mediado pela história e pela cultura. Nesta direção, o estudo da Dimensão Subjetiva da Realidade Escolar se revela como possibilidade de dar visibilidade a particularidades que a caracterizam e que, ao mesmo tempo, revelam nossa sociedade. Estudar a escola é estudar a sociedade, reconhecendo as especificidades que se constituem na própria realidade escolar. Para a realização desta pesquisa, a perspectiva adotada é a Sócio-histórica em Psicologia, entendida como capaz de orientar os pesquisadores no processo de compreensão da realidade destacada, criando condições de analisar de maneira mais complexa a escola, como fenômeno histórico-social. Os resultados almejados, em linhas gerais, são: fortalecimento didático e científico dos programas de pós-graduação participantes; propiciar a articulação do ensino de graduação com o de pós-graduação nas instituições parceiras e a ampliação e aprofundamento dos estudos produzidos acerca da dimensão subjetiva da realidade escolar.

Situação: Concluído  
Natureza: Projetos de pesquisa  
Alunos envolvidos: Graduação (2); Mestrado acadêmico (2); Doutorado (2);  
Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante; Laura Cristina Vieira Pizzi;  
Neiza de Lourdes Frederico Fumes (Responsável); Wanda Maria J.de Aguiar.

### **2013 – 2017: O Ensino da leitura e da Escrita em Escolas Públicas Alagoanas: recursos, estratégias e práticas inovadoras para redução do analfabetismo escolar.**

**Descrição:** Este projeto visa construir um diagnóstico da realidade de quatro escolas públicas de ensino fundamental da cidade de Maceió -AL, com a finalidade de identificar as práticas efetivas de ensino em sala de aula, considerando os recursos e estratégias didáticas e metodológicas utilizadas pelo professor na perspectiva da prevenção do analfabetismo escolar. A pesquisa se configura como qualitativa, colaborativa e interventiva, utilizando como instrumentos, técnicas e procedimentos como a observação participante, entrevistas, diário de bordo, análise documental e grupos focais. Como resultados do projeto, almeja-se o fortalecimento do diálogo entre a comunidade acadêmica, especialmente os programas de Pós-Graduação em Educação e em Letras, os gestores das escolas envolvidas na pesquisa, bem como os atores participantes do

processo educacional no nosso Estado Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa  
Alunos envolvidos: Graduação (4); Mestrado acadêmico (1); Doutorado (1);  
Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante; Maria Inez Matoso Silveira  
(Responsável); Aldir Santos de Paula;

### **2013 – 2014: CONCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS PRESENTES NAS PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE LEITURA EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS**

**Descrição:** Este projeto vincula-se a uma pesquisa maior, no âmbito do Observatório da Educação, aprovada para o Edital CAPES/INEP Nº 049/2012, Projeto Nº 22456, que tem como título “O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA EM ESCOLAS PÚBLICAS ALAGOANAS: RECURSOS, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS INOVADORAS PARA REDUÇÃO DO ANALFABETISMO ESCOLAR, tendo como principal eixo temático a leitura e a escrita na Educação Básica. Em consonância com a pesquisa maior, pretendemos, neste projeto, analisar as principais concepções que subsidiam às propostas de atividades de leitura, bem como as estratégias mais frequentes voltadas às atividades de leitura em livros didáticos de português, que estejam sendo utilizados em turmas de 3º e 5º anos do Ensino Fundamental em escolas da Rede Pública de Maceió. Para tanto, faremos uma análise documental das propostas de atividades de leitura nesses livros. Fundamentaremos as análises numa perspectiva interdisciplinar, (CAVALCANTE et AL. 2008; LEFFA 1986; GERALDI 2001; KLEIMAN 1993 e 1996, SILVEIRA 2005, SILVA 1998<sup>a/b</sup>, entre outros). Dentre as questões que norteiam essa pesquisa, buscaremos respostas para as seguintes questões: as concepções de leitura subjacentes às propostas de atividades permitem simplesmente que os alunos atribuam sentidos, extraiam sentidos ou permitem que eles interajam com gêneros textuais veiculados no livro didático de português de forma significativa e inovadora? E ainda, as orientações presentes nos manuais dos professores permitem que estes tenham clareza sobre as concepções que subsidiam às atividades de leitura nos livros didáticos de português de 3º e de 5º anos do Ensino Fundamental? Dessa forma esperamos pode contribuir com um maior conhecimento científico sobre algumas questões relativas as propostas de atividades em livros didáticos de português, bem como contribuir para a formação inicial de bolsistas de Pedagogia.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável);

Maria Inez Matoso Silveira

Número de orientações: 1.

### **2011 – 2012: FORMAÇÃO INICIAL E EDUCAÇÃO CONTINUADA NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**Descrição:** Esta pesquisa é parte de uma investigação maior, "Currículo, Práticas Culturais e Educação Continuada", desenvolvida no âmbito do Procad, através da Chamada Pública MCTI/CNPq/MEC/CAPES - Ação Transversal nº 06/2011 do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica PROCAD, entre pesquisadores integrantes dos Programas de Pós-Graduação em Educação das Universidades: UFAL; UFRN e UERJ. A pesquisa tem como eixo temático a formação inicial e a educação continuada de professores que

atuam nos anos iniciais, notadamente no processo ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Dessa forma, ao tempo em que a pesquisa pretende contribuir para com a produção de um maior conhecimento sobre a formação inicial e continuada em Língua Portuguesa; visa também contribuir para a consolidação de pesquisas nesse campo e, por conseguinte, melhorar a qualidade não somente da formação inicial realizada no Curso de Pedagogia, mas também da Educação Continuada de professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Situação: Desativado Natureza:

Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (2); Mestrado acadêmico (1); Doutorado (1);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante; Marinaide Lima de Queiroz Freitas (Responsável);

Nadja Naira Aguiar Ribeiro

Financiador(es): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-INEP/MEC

Número de orientações: 4.

### **2011 – 2012: INDICADORES EDUCACIONAIS DE ALAGOAS E SUA RELAÇÃO COM AS POSSÍVEIS DEMANDAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MACEIÓ**

**Descrição:** Este projeto é parte de uma pesquisa maior, que tem como eixo temático a Leitura na Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa é desenvolvida por pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da UFAL, e tem título **A Leitura e a Formação de Leitores, no Estado de Alagoas: estudo e intervenção de alfabetização em Educação de Jovens e Adultos**. Essa pesquisa é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, no âmbito do Edital nº 038/2010 - CAPES/INEP – Programa Observatório da Educação. Tem como objetivo principal investigar as práticas de leitura e formação de leitores no processo de alfabetização de Jovens e Adultos ao longo de 4 anos, em 04 escolas públicas, sendo 02 municipais e 02 estaduais, situadas no Município de Maceió. Dentre os objetivos da referida pesquisa, a serem alcançados ao longo dos 4 anos da pesquisa, pretendemos para o 1º ano, neste subprojeto, a realização de uma análise documental dos instrumentos de avaliação do SAEB, IDEB, Prova Brasil, Projeto Pedagógico das escolas campo da pesquisa, entre outros, no sentido de relacionar os indicadores da educação com as possíveis demandas de jovens e adultos ainda com índices de insucesso muito comprometedores para a melhoria da educação em Alagoas. Para tanto, utilizaremos as bases de dados disponíveis do INEP, do IBGE, bem como os documentos orientadores da Educação de Jovens e Adultos em interface com estudos voltados para as práticas de leitura, dentre os quais Cavalcante (2008), Soares (2002), Geraldi (2001), Dionísio e Bezerra (2001), entre outros.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (2); Mestrado acadêmico (1);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável).

### **2009 – 2010: ATIVIDADE DOCENTE: DA PRESCRIÇÃO À REALIZAÇÃO EM LIVROS**

## **DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS**

**Descrição:** Neste projeto, pretendemos conhecer os principais pressupostos teóricos presentes nos documentos que orientam a realização das atividades docentes voltadas para o processo ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental; bem como, comparar as propostas de atividades presentes nos livros didáticos com o que propõe tais documentos. Além disso, queremos compreender os sentidos e significados nas orientações para realização das atividades de Língua Portuguesa nos livros didáticos de Português, observando sua relação com os documentos oficiais. Para tanto, vamos realizar uma pesquisa nos moldes de uma análise documental, tendo como base os documentos que orientam o processo ensino e aprendizagem da língua Portuguesa nos anos iniciais (DCN, PCN); bem como, livros didáticos de português, mais utilizados em turmas de 4º e 5º ano, por escolas da rede pública municipal de ensino de Maceió. Iremos fundamentar a pesquisa em autores como Marcuschi (2001), Cavalcante e Freitas (2008), Dionísio e Bezerra (2001), entre outros. Defendemos a necessidade dessa natureza porque o processo de reestruturação do trabalho pedagógico, que se constata, sobretudo nas duas últimas décadas, trouxeram novas demandas, novas formas de organização de gestão, para todos os educadores, inclusive, e sobretudo, o professor de Língua Portuguesa, a quem geralmente se atribui o fracasso em relação ao mal desempenho dos alunos. Isso, não somente, no diz respeito aos usos linguísticos, mas também em relação às novas formas de utilização do livro didático em sala de aula. No entanto, mesmo diante dessa intensificação das atividades docentes, ainda se verifica uma carência de pesquisas voltadas, por um lado, para os pressupostos teóricos presentes nos documentos oficiais (DCN, PCN) que orientam (prescrevem) a realização de atividades de Língua Portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental; e por outro lado, para a investigação de como se constitui essas atividades, nos livros didáticos.

**Situação:** Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (2);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável); ;

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq  
Número de orientações: 2.

## **2008 – 2013: TRABALHO DOCENTE E SUBJETIVIDADE: ASPECTOS INDISSOCIÁVEIS DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR**

**Descrição:** O objetivo desse projeto é realizar uma proposta de cooperação acadêmica no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – PROCAD, Edital PROCAD No 01/2007, entre pesquisadores integrantes dos seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – UFAL; Programa Pós-Graduado em Educação: Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá – R.J. Pretende-se, por meio dessa proposta de intercâmbio, desenvolver atividades de pesquisa, de ensino e de formação de recursos humanos em nível de pós-graduação, as quais serão orientadas por um único eixo temático: o TRABALHO DOCENTE. As atividades de pesquisa envolvem

estudos sobre essa temática, promovendo ao mesmo tempo, o desenvolvimento do indivíduo e do coletivo profissional mais amplo a que pertence, ampliando o olhar para essa categoria, de modo a responder várias questões relacionadas às atividades dos professores.

Situação: Concluído

Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (2); Mestrado acadêmico (4); Doutorado (3);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável);

Laura Cristina Vieira Pizzi; Neiza de Lourdes Frederico Fumes;

Adriana Almeida Sales de Melo; WANDA MARIA JUNQUEIRA DE AQUAR;

ALDA JUDITH ALVES-MAZZOTTI

Financiador(es): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES

Número de produções CT & A: 18/ Número de orientações: 2.

## **2006 – 2007: SABERES E PRÁTICAS DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA SALA DE AULA**

**Descrição:** Este projeto pretende investigar saberes e práticas utilizadas por professores que atuam no Ensino Fundamental para trabalhar a variação linguística em sala de aula, em turmas do turno diurno e do noturno, inclusive turmas de Jovens e Adultos, da rede pública de ensino de Maceió. Para tanto, serão realizadas, de forma sistemática, observações de aulas de Língua Portuguesa, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários. A pesquisa será fundamentada em pressupostos teóricos oriundos tanto da sociolinguística variacionista quanto da sociolinguística interacionista, sobretudo, da vertente denominada de sociolinguística educacional, bem como de outros estudos que possam contribuir para um maior esclarecimento do tema.

Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (4); Mestrado acadêmico (2);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável); Ana Carolina

Faria Coutinho; Abdizia Maria Alves Barros; Gláucia dos Santos Marinho; Marta

Minervino dos Santos; Aline Ferreira da Silva; Isabela Rosália de Araújo Lima

Financiador(es): Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas-FAPEAL

## **2005 – 2006: A variação Linguística na Sala de Aula**

**Descrição:** Esta pesquisa investiga procedimentos e estratégias utilizados por professores do Ensino Fundamental para trabalhar questões de variação linguística em sala de aula, em turmas do diurno e do noturno.

Situação: Concluído

Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (2); Mestrado acadêmico (1);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável); Naila Lins da Silva;

Rose Karla Cordeiro Lessa

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq

## **2004 – 2005: Letramento e Alfabetização de Jovens e Adultos vs. Variação Linguística**

**Descrição:** Esta pesquisa investiga a influência dos fenômenos de variação linguística na aquisição da língua escrita por Jovens e Adultos, ex-alunos dos PAS.

Situação: Concluído

Natureza: Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (3); Mestrado acadêmico (1);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável);

Naila Lins da Silva; Simone da Silva; Rose Karla Cordeiro Lessa

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico-CNPq, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas-FAPEAL

Número de orientações: 3

## **2003 – 2004: Alfabetização e Letramento de Jovens e Adultos vs. Variação Linguística**

**Descrição:** Esta pesquisa investigou a influência dos fenômenos de variação linguística em relação às questões de aquisição da língua escrita por alunos Jovens e Adultos, ex-alunos PAS, em dois municípios alagoanos: União dos Palmares e Viçosa.

Situação: Concluído Natureza:

Projetos de pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (2);

Integrantes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Responsável);

Ana Carolina Faria Coutinho; Naila Lins da Silva; Rose Karla Cordeiro Lessa

Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq

### **6.2. Coordenação de projeto interinstitucional (Procad 2008-2013)**

No período de 2008 a 2013, coordenei o Programa Nacional de Cooperação Acadêmica- Procad/Capes, que foi desenvolvido por pesquisadores integrantes dos seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – UFAL; Programa Pós-Graduado em Educação e Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá – R.J. Pretendeu-se, por meio da proposta de intercâmbio, desenvolver atividades de pesquisa, de ensino e de formação de recursos humanos em nível de pós-graduação, as quais foram orientadas por um único eixo temático: trabalho docente e subjetividades. As referidas atividades foram bastante exitosas, formamos parcerias profissionais e amizades pessoais para o resto das nossas vidas.

Esse Procad teve como objetivos consolidar uma rede de cooperação científico-acadêmica entre Programas de Pós-Graduação integrantes da Área de

Educação e Psicologia da Educação, em torno do eixo temático: “Trabalho Docente”, tendo em vista elevar o padrão de qualidade da formação de profissionais em nível de pós-graduação; bem como elevar a produção científica desses programas e contribuir com subsídios para a qualificação dos programas que materializam as Políticas Públicas de Capacitação de Professores. Para isso, mobilizamos, de um lado, docentes, pesquisadores e orientadores e, de outro, estudantes de pós-graduação dos grupos de pesquisa envolvidos no programa, contribuindo para ampliação da formação de mestres e doutores no país e da produção científico-acadêmica no âmbito dos Programas de Pós-Graduação envolvidos.

Ao longo dos anos 2012 e 2013, o Programa de Cooperação Acadêmica-Procad possibilitou que o grupo da Ufal avançasse na área da temática Trabalho Docente, através da sua produção e de orientações de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Além disso possibilitou a REALIZAÇÃO DE 04 MISSÕES DE PESQUISA; APRESENTAÇÃO DE 12 TRABALHOS EM EVENTOS; PUBLICAÇÃO DE 10 TRABALHOS COMPLETOS EM ANAIS; 08 CAPÍTULO DE LIVRO; 04 PESQUISAS DE MESTRADO CONCLUÍDAS; 02 PESQUISA DE DOUTORADO em andamento; ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL NA PUC-SP; PARCERIA COM A UNIVERSIDADE DO PORTO, A PUC-SP E A UNESA-RJ. Realização do I ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO SOBRE TRABALHO DOCENTE.E FORMAÇÃO, realizado no período de 01 a 05 de novembro de 2011, em Maceió, bem como do II ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO SOBRE TRABALHO DOCENTE.E FORMAÇÃO, realizado no período de 01 a 03 de novembro de 2013, na Cidade do Porto-PT (<http://www.fpce.up.pt/trabalhodocenteformacao>). Desses eventos participaram, com apresentação de trabalhos e debates em mesas redondas, todas as equipes do PROCAD: UFAL; PUC-SP e UNESA, pesquisadores, mestrandos e doutorandos.

A Equipe do PROCAD 168/2007-Ufal realizou uma missão de pesquisa e de trabalho na PUC-SP, no período de 09/05/2012 a 13/05/2012, com a participação das três pesquisadoras, Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante; Neiza de Lourdes F. Fumes e Laura Cristina Vieira Pizzi) e alunas de mestrado Alessandra Donis; Arlete Rodrigues dos Santos, Wanessa Lopes de Mello e das doutorandas: Isabela

Rosália Lima de Araújo e Soraya Dayanna Guimarães Santos. No período de 29/07/2012 a 01/08/2012, a pesquisadora Laura Cristina Vieira Pizzi participou de uma missão de trabalho e de uma Banca de Mestrado, na Universidade Estácio de Sá- RJ. A missão da Equipe da PUC-SP na Ufal ocorreu no período de 03/a 05/10/2012.

No período de 21/11/2012 a 25/11/2012 as três pesquisadoras, Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante; Neiza de Lourdes F. Fumes e Laura Cristina Vieira Pizzi, a aluna de mestrado Alessandra Donis e as doutorandas Isabela Rosália Lima de Araújo e Soraya Dayanna Guimarães Santos participaram de missão de pesquisa e de trabalho na UNESA-RJ. No período de agosto de 2011 a abril de 2012, a pesquisadora Neiza de Lourdes Frederico Fumes fez o estágio de pós-doutorado no Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Educação da PUC-SP, com 3 (três) bolsas de estudos financiadas pela CAPES previstas no PROCAD/UFAL, com o objetivo de aprofundar as análises dos dados já coletados no PROCAD UFAL. Esse estágio pós-doutoral foi avaliado pela professora como muito significativo para elevação do processo de formação e de intercâmbio entre as equipes do PROCAD.

Vale ressaltar que não estava previsto no projeto inicial, mas três participantes do PROCAD Ufal quando concluíram o mestrado foram aprovadas para cursar o doutorado, sendo 02 na UFAL e 01 na PUC-SP, tendo inclusive feito doutorado sanduiche em Portugal com bolsa da CAPES.

As pesquisadoras do Procad Ufal participaram de bancas de mestrado e de doutorado na Estácio de Sá-RJ e na PUC-SP. As pesquisadoras da PUC-SP participaram de diversas bancas de mestrado na UFAL.

Vale ressaltar que todas as metas previstas para o período foram realizadas com bastante sucesso. E partir da participação no PROCAD e, por conseguinte, do intercâmbio com as demais instituições associadas, foram realizadas muitas outras ações exitosas para além das ações previstas no projeto inicial.

A partir de 2014, com o lançamento de um novo Edital da Capes, a Professora Neiza Fumes passou a coordenar o Procad-Ufal, numa parceria com a PUC-SP, a

Universidade Federal do Piauí e a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. E eu continuei como pesquisadora nesse Procad até 2020.

### **6.3. Orientações**

Ao longo dos 19 anos de atuação docente lotada no Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, orientei 102 trabalhos de pesquisa científica, sendo 20 dissertações de mestrado, 03 de doutorado, 13 especializações, 16 pesquisas de Pibic e 53 orientações de trabalhos de Conclusão de Curso-TCC.

#### **6.3.1. Orientações concluídas de doutorado**

Gostaria de ressaltar que considero todas as atividades de orientação como fundamentais para a formação de novos professores com uma base sólida no desenvolvimento de pesquisas científicas. Para além disso, também contribui de forma extremamente significativa para a nossa própria formação continuada. No entanto, ao longo da minha carreira, por vezes, tinha dúvidas se de fato estava no caminho certo. Diante dessa inquietação, pedi a alguns ex-orientandos que falassem um pouco sobre como veem minha atuação como formadora docente. Adriana Nunes de Souza<sup>18</sup> descreveu minha atuação da seguinte forma:

A professora Maria Auxiliadora Cavalcante foi extremamente importante para minha formação. Orientou-me no doutorado e com ela pude adquirir conhecimentos das áreas pedagógica e linguística com os quais eu não tinha nenhuma intimidade; a neurolinguística, por exemplo, que por ela me foi apresentada foi muito relevante para os meus estudos e para meu exercício profissional, pois possibilitou-me compreender alguns problemas dos processos de ensino e de aprendizagem dela leitura. Além disso, ela me apresentou a clínica da atividade que foi base para minha pesquisa no doutorado e que me proporcionou o conhecimento da leitura e da interdisciplinaridade e nas mais diversas áreas do conhecimento, o que me proporcionou não apenas uma lucidez maior como pesquisadora e como profissional da área, mas também um crescimento do meu desempenho acadêmico e didático. A professora Maria Auxiliadora se constituiu não apenas uma grande orientadora, mas também uma grande

---

<sup>18</sup> A pesquisa de doutorado da Profa. Dra. Adriana Nunes de Souza foi desenvolvida no âmbito do Procad-PUC-São Paulo; UFPI, UFAL e UERN. Esse Procad foi coordenado pela professora Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar.

amiga, uma pessoa que é muito importante não apenas para minha formação acadêmica, mas para a minha vida. Serei sempre grata à Auxiliadora por todo conhecimento compartilhado, pelo respeito, pelo amor e pela dedicação.

Arapiraca, 09 de fevereiro de 2021.



Além da Profa. Dra. Adriana Nunes de Souza, a Profa. Dra. Abda Alves Vieira de Souza<sup>19</sup> também narrou um pouco de sua vivência acadêmica ao longo da sua pesquisa de doutorado sob a minha orientação. A Profa. Dra. Abda disse o seguinte:

A professora Auxiliadora foi e é, muito importante na minha formação acadêmica. Nos conhecemos em janeiro de 2014, na entrevista da seleção do doutorado. Desde o primeiro momento, fui acolhida por ela. Nossa convivência começou em abril desse mesmo ano, quando ela passou a ser minha orientadora do Doutorado em Educação. Sua competente orientação possibilitou-me desenvolver a minha pesquisa de forma tranquila e sem o estresse, que é comum aos doutorandos. A temática da minha pesquisa foi a formação de professores alfabetizadores. Sua orientação atenta e cuidadosa foi primordial na escolha dos caminhos teóricos e metodológicos para escrever minha tese. Outro aspecto muito positivo na sua orientação foi o grande incentivo para participar de congressos nacionais e internacionais. Esses eventos foram fundamentais, pois possibilitaram desenvolver melhor a escrita do meu trabalho.

Gostaria de destacar também o aspecto que considero ser o mais importante em qualquer profissional, a competência das relações humanas, e inspirada em Paulo Freire, quando dizia que “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.” vejo muita semelhança nessa frase de Paulo Freire com a prática pedagógica da professora Auxiliadora, com sua maneira gentil e humana de tratar a todos. Por tudo isso, Auxiliadora nunca será minha ex-orientadora, será sempre minha orientadora, pois o seu exemplo me inspira a ser uma professora e um ser humano melhor.

Recife, 09 de fevereiro de 2021,



Abda Alves Vieira de Souza

---

<sup>19</sup> A Profa. Dra. Abda Alves Vieira de Souza é professora e formadora da Educação Básica e também Professora da Universidade Estadual de Pernambuco.

1.  Adriana Nunes de Souza. **LEITURA E PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES DA CLÍNICA DA ATIVIDADE.** 2018. Tese de doutorado. 2018. Universidade Federal de Alagoas. Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Home page: [http://sibi.ufal.br/conteudo\\_digital.html](http://sibi.ufal.br/conteudo_digital.html)
  
2.  Abda Alves Vieira de Souza. **O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA E A FORMAÇÃO DOCENTE: entre saberes e fazeres.** 2018. Tese (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Home page: [http://sibi.ufal.br/conteudo\\_digital.html](http://sibi.ufal.br/conteudo_digital.html)
  
3.  Marta Minervino dos Santos. **A leitura nos anos iniciais: a contribuição na formação continuada de professores.** 2017. Tese (Educação). Universidade Federal Alagoas. Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

### 6.3.2. Orientações concluídas de mestrado

Iniciei as atividades de orientação de mestrado em 2003. Confesso que foi um início cheio de desafios e medos, sobretudo porque toda a minha formação acadêmica, até então, havia sido em Linguística. No entanto, decidi orientar uma pesquisa na linha de Educação e Linguagem, com o tema **Práticas e eventos de letramento de jovens e adultos**: um estudo com porteiros de Maceió. Os meus receios de estar ou não fazendo o meu melhor para formar professores pesquisadores me perseguem até hoje, por isso, pedi também a um ex-orientando de mestrado que narrasse um pouco sua trajetória sob minha orientação. Nádson Araújo dos Santos<sup>20</sup> deu o seguinte depoimento:

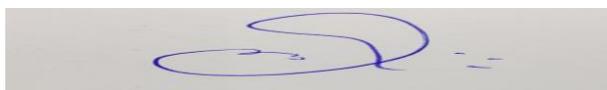
Conheci a professora Auxiliadora Cavalcante em 2017, durante o processo seletivo para o Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Naquele primeiro contato, por ocasião da arguição do projeto de pesquisa, ainda não tinha noção de que se iniciava um processo formativo que seria um divisor de águas na minha carreira profissional e formação docente. Há pessoas que tem o poder de transformar as nossas vidas, seja por meio do ensino, da orientação e pelo exemplo, a professora Auxiliadora é uma delas. Mais do que uma professora, ela é mestre, amiga; uma pessoa que nos inspira a quereremos ser a melhor versão de nós mesmos. Lembro-me bem dos construtivos momentos de orientação, das nossas conversas produtivas e do compartilhamento de experiências. Seu apoio foi fundante para que pudesse me tornar docente no ensino

---

<sup>20</sup> O Prof. Nádson Araújo dos Santos atualmente é doutorando do PPGE/Ufal, sob a orientação da Profa. Dra. Adriana Cavalcanti os Santos.

superior. Como foi importante para mim cada conselho, orientação e palavras motivacionais que plantou com muito afeto em minha vida. Professora Dra. Auxiliadora Cavalcante, por nossos diálogos fui afetado. Ressalto que você foi responsável por minha inserção em estudos sobre Educação e Linguagem e me fez acreditar que a Educação pode transformar vidas. Você acreditou em mim e fez parte de uma etapa fundamental de minha carreira. Com você aprendi muito mais do que teoria, aprendi valores humanos para colocarmos em prática. Você é generosa e tem o dom de ensinar com simplicidade. Consegue despertar nas pessoas a curiosidade e a vontade de aprender sempre mais. Sempre será para mim uma referência de ética e amor pela profissão. Obrigado, querida professora, pela sua dedicação e paciência. Agradeço por me afetar com todo o seu conhecimento e sabedoria, obrigado por me fazer sonhar e acreditar que somos capazes. Você tem um discípulo, quero seguir teus passos. Por tudo, gratidão!

Maceió, 09 de fevereiro de 2021,



Nádson Araújo dos Santos

1.  NADSON ARÚJO DOS SANTOS. **DAS PÁGINAS ÀS TELAS: O LUGAR DO (NÃO) LUGAR DOS GÊNEROS DIGITAIS NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS.** 2019. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas  
Áreas do conhecimento: Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa  
Setores de atividade: Educação.
2. Simone de Souza Silva. **Leitura deleite: uma investigação sobre a influência da leitura em voz alta na formação do aluno leitor.** 2017. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas  
Áreas do conhecimento: Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa  
Alfabetização e Letramento. Setores de atividade: Educação
3.  Sérgio Rocha da Silva. **Avaliação e mediação da compreensão leitora de alunos de 5º ano de uma escola pública municipal de Maceió.** 2016. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Áreas do conhecimento: Educação, Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa, Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa  
Setores de atividade: Educação
4.  Maria Luédna Ferreira de Melo. **Práticas de leitura no Segundo Segmento da Educação de Jovens e Adultos.** 2014. Dissertação

- (Educação) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas  
Áreas do conhecimento: Educação  
Home page: [www.ufal.cedu/ppge](http://www.ufal.cedu/ppge)
5.  Elaine de Holanda Rosário. **Análise dos sentidos e significados do trabalho docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental público em Alagoas.** 2012. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas  
Áreas do conhecimento: Educação.  
Home page: [www.ufal.cedu/ppge](http://www.ufal.cedu/ppge)
  6. Hosana Claudia Barbosa Borges. **O Ensino de Língua Portuguesa no PROEJA do IFAL.** 2011. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. Áreas do conhecimento: Educação
  7.  Eneida da Silva Flôres. **O uso da TV e do computador nas práticas docentes de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos.** 2011. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação
  8.  Isabela Rosália Lima de Araújo. **Sentidos e Significados da atividade Prescrita e Realizada: analisando o processo da alfabetização e letramento.** 2011. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação  
Home page: [www.cedu.ufal.br/ppge](http://www.cedu.ufal.br/ppge).
  9.  Naila Lins da Silva. **A variação Linguística no Orkut: Usos e Preconceitos.** 2010. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Áreas do conhecimento: Educação  
Home page: [www.cedu.ufal.br/ppge](http://www.cedu.ufal.br/ppge).
  10.  Marta Maria Minervino dos Santos. **Procedimentos Pedagógicos para abordar a variação linguística a partir de programas assistidos por alunos do Ensino Fundamental.** 2010. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. Áreas do conhecimento: Educação  
Home page: [www.cedu.ufal.br/ppge](http://www.cedu.ufal.br/ppge)

11.  Glaucia dos Santos Marinho. **Variação linguística na 3ª fase da Educação de Jovens e Adultos: saberes e práticas.** 2010. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas  
Áreas do conhecimento: Educação.  
Home page: [www.cedu.ufal.br/ppge](http://www.cedu.ufal.br/ppge)
12.  Auda Valéria do Nascimento Ferreira. **A abordagem das variedades linguísticas: uma experiência em sala de aula e no orkut com alunos do ensino médio.** 2009. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas.  
Áreas do conhecimento: Educação
13.  Rose Karla Cordeiro Lessa Lopes. **ABORDAGEM SOCIOLINGUISTICA NO MATERIAL DIDÁTICO NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA.** 2009. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Home page: [www.cedu.ufal.br/ppge](http://www.cedu.ufal.br/ppge)
14.  Simone da Silva. **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.** 2009. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. *Áreas do conhecimento: Educação*  
Home page: [www.cedu.ufal.br/ppge](http://www.cedu.ufal.br/ppge)
15. ANA VERÔNICA LIMA TAVARES. **A intervenção didática em produções escritas de jovens e adultos.** 2008. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. *Áreas do conhecimento: Educação*  
Setores de atividade: Educação
16.  Glaucia dos Santos Marinho. **Entre a Escola e a TV: as práticas de linguagem.** 2008. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. *Áreas do conhecimento: Educação*  
Setores de atividade: Educação
17.  REGINA MARIA DE OLIVEIRA BRASILEIRO. **Uma história de leitura: a formação da professora alfabetizadora da educação de jovens e adultos: seus eventos e suas práticas.** 2008. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. *Áreas do conhecimento: Educação*  
Setores de atividade: Educação
18.  Maria do Socorro Cordeiro Feitosa. **Jornal Impresso: Suporte de Gêneros Textuais Significativos para a Alfabetização e o Letramento**

**de Jovens e Adultos.** 2007. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas. Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação

19.  Regina Maria de Oliveira Brasileiro. **As práticas de leitura do professor formador de professor.** 2005. Dissertação (Educação) Universidade Federal de Alagoas. Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação Superior

20.  Ana Carolina Faria Coutinho. **Práticas e eventos de letramento de jovens e adultos: um estudo com porteiros de Maceió.** 2005. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas

### 6.3.3. Orientações concluídas de especialização

1. Aldione Geneli Nobre; Elisângela de Oliveira Tavares. **A influência da Mídia Televisiva na Formação do Cidadão.** 2008. Monografia (Curso de Esp. em Docência do Ensino Superior) - Universidade Federal de Alagoas
2. ANTONIO PROFIRIO FILHO. **Aspectos da função social da oralidade no ambiente escolar numa perspectiva pragmática.** 2008. Monografia (Curso de Especialização em Formação de Professores) – Universidade Federal de Alagoas.
3. Erivânia Faustino de Lima; Héliida Pereira Alves. **Ensino e Variação Linguística: Novo Desafio na Sala de Aula.** 2008. Monografia (Curso de Especialização em Formação de Professores) - Universidade Federal de Alagoas
4. Monica Ferreira dos Santos; Regineide Edleuza da Silva. **Oralidade: abordagens explícitas e implícitas nos livros didáticos.** 2008. Monografia (Curso de especialização em Formação de Professores) – Universidade Federal de Alagoas
5. ERIVÂNIA TORRES PIMENTEL GOMES; REJANE DE LIMA MOREIRA. **Oralidade e escrita: uma questão de equilíbrio.** 2008. Monografia (Curso de especialização em Formação de Professores) – Universidade Federal de Alagoas
6. Elian Silva Lopes; Nanci Lemos Martins. **Gêneros textuais: leitura e análise nas séries iniciais do Ensino Fundamental.** 2006. Monografia (Metodologias para as Séries Iniciais) - Universidade Federal de Alagoas
7. Vanessa Lima Moreira de Cerqueira. **Leitura e Produção de Textos nas Séries Iniciais de EJA.** 2006. Monografia (Metodologias para as Séries Iniciais) - Universidade Federal de Alagoas

8. Elineide Maria de Vasconcelos Oliveira; Maria José Silva da. **A prática da Leitura em sala de aula na visão do professor**. 2005. Monografia (Curso de especialização em Formação de Professores) – Universidade Federal de Alagoas
9. Ana Lúcia da Silva Azevedo; Ana Maria Rozendo Bertoldo. **A referência dos pronomes sujeitos (você, a gente e ele) nos textos dos alunos de 5ª série**. 2005. Monografia (Curso de especialização em Formação de Professores) – Universidade Federal de Alagoas
10. Maria Alice da Silva; Maria Lúcia Alves de Oliveira. **As concepções pedagógicas que permeiam as práticas de leitura na escola**. 2005. Monografia (Curso de especialização em Formação de Professores) – Universidade Federal de Alagoas
11. Ana Paula dos Santos; Jailma Henrique de Almeida Silva. **As principais dificuldades ortográficas apresentadas na produção textual escrita**. 2005. Monografia (Curso de especialização em Formação de Professores) – Universidade Federal de Alagoas
12. Olga Hermelina de Souza; Simone Maria da Silva. **Leitura na sala de aula: uma perspectiva para a formação de um leitor cidadão**. 2005. Monografia (Curso de formação de professores em Língua Português) - Universidade Federal de Alagoas
13. Ana Teresa Silva de Souza; Verônica Maria Barros Calheiros. **O uso da pontuação nos textos produzidos por alunos da 1ª série do Ensino Médio**. 2005. Monografia (Curso de especialização em Formação de Professores) – Universidade Federal de Alagoas.

#### 6.3.4 Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação<sup>21</sup>

Logo que assumi a disciplina Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa no Curso de Letras passei a orientar vários trabalhos de Conclusão de Curso, pois havia, na ocasião (2002), cerca de 200 alunos sem poder colar grau porque não havia professores disponíveis para orientar tantos alunos, sobretudo, aqueles alunos do turno noturno ou que não haviam participado de Pibic ou do PET. Diante daquela situação a Profa. Dra. Denilda Moura falou comigo, com a Profa Mirian Santos de Cerqueira, com a Profa. Maria Inez Matoso Silveira e outros professores que ministravam disciplinas de Estágio Supervisionado, para que ao longo dos

---

<sup>21</sup> Optei por incluir no tópico 6. ATIVIDADES DE PESQUISA, ORIENTAÇÃO, BANCAS DE CONCUSÃO, os TCC de Graduação, porque as pesquisas sempre estavam vinculadas aos projetos de pesquisa que eu coordenava.

estágios pudéssemos orientar os alunos no sentido de que eles ao tempo em que cursavam o estágio também desenvolviam uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso. Assim, ao longo de três ou quatro semestres contribuimos para a conclusão de curso de muitos alunos. Dentre os muitos, citarei o depoimento da egressa do Curso de Letras Maria Dóris Araújo de Lima.

Sou Maria Doris Araújo de Lima, e dentre os amores vivenciados, está a Graduação em Letras, em 2004, especificamente o último ano do curso. Neste pude vivenciar o temido Estágio supervisionado, no qual observar a atuação de um docente e ser observado, requer muita percepção e sensibilidade. Sobretudo, direcionamento para descrever e analisar cada fato ocorrido. Em vista disso, um excelente professor de Estágio pode fazer a diferença na construção e finalização de desse processo.

Minha participação no Estágio Supervisionado foi tranquila. A professora Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante sempre manteve uma postura dialógica, agregadora e amorosa. Comumente respondia às minhas inquietações, aguçava o meu senso crítico, e ensejava enriquecedoras reflexões. A partir do seu olhar atento e experiente, apliquei os conhecimentos adquiridos nas disciplinas Didática e Língua Portuguesa e exercitei diferentes competências e habilidades. Foi um período muito instigante, de muito aprendizado, e que guardo na memória com muito carinho!

Ainda que tenham enfrentado muitos percalços familiares, os conhecimentos e as contribuições fornecidas na época do Estágio, e em outras experiências vivenciadas no curso, mantiveram acessa em mim a vontade de retornar à universidade. Em 2020, após 16 anos de formação, inscrevi-me no Mestrado em Educação.

Pretendo aprofundar os conhecimentos adquiridos na graduação e produzir novos conhecimentos. Certamente a postura atuante dos professores da Curso de Letras e, sobretudo, da professora Maria Auxiliadora, contribuíram significativamente para o meu anseio em retornar à universidade. Muito obrigada!

Maceió, janeiro de 2021.



Maria Doris Araújo de Lima

1. Hebe Alcântara de Lima; Maria Érica da Silva Santos. **A Contribuição da Leitura Deleite na Formação Leitora dos Alunos**. 2018. Curso (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento Superior
2. Claudiana Lima da Silva; Valquíria Soares Medeiros. **A literatura infantil**

- em uma turma do 2º ano no ensino fundamental em uma escola pública municipal.** 2018. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas
3. Eliane da Silva Moraes dos Santos. **A literatura infantil na formação leitora dos alunos do 2º ano: experiências de uma pibidiana.** 2018. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
  4. Tereza Carolina dos Santos; Maria das Graças Abreu Santos. **Atividades de oralidade em uma turma do 1º ano, com base na formação do Pibid.** 2018. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
  5. Elânia P. dos Santos; Joseni de M. Alves; Jussimara. **Conhecendo a oralidade em sala de aula: turma do 2º ano vespertino.** 2018. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
  6. FLÁVIA OLIVEIRA DA SILVA. **O Pibid na Pedagogia a distância: da formação a ação docente.** 2018. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
  7. Maria Isabel Ribeiro da Silva. **Organização do trabalho pedagógico com sequência didática, por um viés interdisciplinar.** 2018. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas
  8. Edjane dos Santos Ferreira; Thamires Fernanda B. Machado. **Os impactos do PIBID na formação e prática docente nos egressos de Olho d' Água das Flores em 2015.** 2018. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
  9. Amanda Natally F. Silva; Amanda R. Raquel T. dos Santos. **Pibid: possibilidades e desafios para uma boa formação docente enfatizando a contribuição das professoras supervisoras.** 2018. Curso (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas
  10. Liedson Alves Cordeiro; Maria José Campos da Silva. **A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA SALA DO 5º ANO: contribuições do PIBID.** 2015. Curso (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Capes.

11. Maria Edineide de Melo Silva. **Diferenças de Aprendizagem em Leitura e Escrita: orientações do PNAIC.** 2015. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
12. Deyse Soares Silva; Tamires de Oliveira da Silva. **PRÁTICAS DE LEITURAS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE AVÓS E NETOS.** 2015. Curso (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
13. Tony Barbosa Bezerra; Marcelo Soares de Lima. **PRÁTICAS DE LEITURAS: PASSADO E PRESENTE EM BATALHA-AL.** 2015. Curso (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
14. Amanda Jovino Soares; Márcia M. Silva; Maria V. M. Silva. **PRÁTICAS E HISTÓRIAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL ESCOLARIZADA OU NÃO.** 2015. Curso (Pedagogia à Distância) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
15. Raquel Santos de Moura. **PROPOSTA DE SUPERAÇÃO NA APRENDIZAGEM DA LEITURA EM UMA TURMA DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM BASE NOS EIXOS DO PNAIC.** 2015. Curso (Pedagogia à Distância) – Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
16. ANNE HELOISA FERREIRA INÁCIO. **Concepções e estratégias de leitura em livros didáticos de português: aproximações e distanciamentos do PNAIC** 2014. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas
17. Camila Vieira da Silva. **A PRÁTICA DA LEITURA E ESCRITA NAS TURMAS MULTISSERIADAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE MATA GRANDE ALAGOAS.** 2013. Curso (Pedagogia à Distância) – Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
18. Neilde Pereira de Oliveira. **Alfabetizar na idade certa: Perspectivas e Desafios.** 2013. Curso (Pedagogia à Distância) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
19. Maria Edineide de Melo Silva. **Diferenças de Aprendizagem em Leitura e Escrita: Orientações do PNAIC.** 2013. Curso (Pedagogia à Distância) –

Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de  
Nível Superior

20. Cristineide Felix da S. Santos; Damyres Romualdo. **DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NOS ALUNOS DO QUINTO ANO**. 2013. Curso (Pedagogia à Distância) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
21. Lucrécia Santos Silva. **REFLEXÕES ACERCA DA LINGUAGEM COTIDIANA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS ALUNOS**. 2013. Curso (Pedagogia à Distância) – Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
22. Alessandra Pereira Tupinambá; Lewis Miguel Ferreira Lustoza. **As dificuldades na prática da leitura no ensino fundamental**. 2012. Curso (Pedagogia à Distância) - Universidade Federal de Alagoas
23. Amanda Elidiane de Araújo; Josefa Aldenice da Silva. **Oralidade e Escrita: reflexão para as séries iniciais**. 2012. Curso (Pedagogia à Distância) – Universidade Federal de Alagoas
24. Gláucia dos Santos Marinho. **Casos de Variação Linguística em uma Turma da 3ª Etapa da EJA: Formas de Intervenção**. 2008. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico.
25. Marta Maria Minervino dos Santos. **Marcas da Oralidade nos Textos Escritos dos Alunos 4º ano do Ensino Fundamental**. 2008. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas
26. Crenilda Maria da Silva; Maria de Nazaré Lima Monteiro. **A Leitura e a Escrita a partir de Poemas**. 2007. Curso (Pedagogia à Distância) - Universidade Federal de Alagoas
27. Maria de Lourdes Sobreira de Figueredo; Nívea Maria Teixeira. **Alfabetizar e Letrar: um Diálogo entre a Teoria e a Prática**. 2007. Curso (Pedagogia à Distância) - Universidade Federal de Alagoas
28. Maria de Fátima de Souza Amaral; Noemia Gomes do Nascimento. **Formar Leitores - Ação de Todos (Escola, Família, Sociedade)**. 2007. Curso (Pedagogia à Distância) - Universidade Federal de Alagoas
29. Maria Aparecida Xavier Melo Lima; Maria Tereza Lima Barros. **Viajando pelo Mundo Mágico da Imaginação através da Leitura e da Escrita**. 2007. Curso (Pedagogia à Distância) - Universidade Federal de Alagoas

30. Naila Lins da Silva. **A Influência de Fenômenos de Variação Linguística no Processo de Aprendizagem da Ortografia na Educação de Jovens e Adultos**. 2006. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas
31. Camélia Monteiro de Amorim. **Alfabetização: análise da aquisição da leitura e escrita numa perspectiva construtivista**. 2006. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas
32. Elisete Pereira da Silva. **As dificuldades de leitura e interpretação de fábulas em turmas da EJA**. 2006. Curso (Letras) - Universidade Federal de Alagoas
33. Rosenita Cajé dos Santos. **Concepções de leitura nos livros didáticos de Língua Portuguesa**. 2006. Curso (Letras) - Universidade Federal de Alagoas
34. Rose Karla Cordeiro Lessa. **Influências de fatores linguísticos e extralinguísticos no processo de alfabetização e letramento de jovens e adultos**. 2006. Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
35. Kátia Simone Costa Vieira. **Qual a visão que a escola tem sobre o ensino da Língua Portuguesa e suas variedades Linguísticas**. 2005. Curso (Letras) - Universidade Federal de Alagoas.
36. Sandra Luzia Nunes Batista Jacó. **Resgatando a poesia através de projetos didáticos em turmas do Ensino Médio**. 2005. Curso (Letras) - Universidade Federal de Alagoas
37. Carla Manuela Ferreira dos Santos. **A leitura e a escrita em uma escola pública**. 2004. Curso (Letras) - Universidade Federal de Alagoas
38. Luiz Carlos Fragozo Omena de Souza. **A pesquisa escolar - fator importante para o desenvolvimento da leitura e da escrita**. 2004. Curso (Letras) – Universidade Federal de Alagoas
39. Humberto Mendes Cardozo. **A produção textual a partir da narrativa do filme Vida de inseto**. 2004. Curso (Letras) - Universidade Federal de Alagoas
40. Maria Verônica de Lira Castro. **As práticas de leitura e escrita em uma turma de 8ª série do Ensino Fundamental**. 2004. Curso (Letras) – Universidade Federal de Alagoas
41. Maria Simone Fernandes de Lima. **Conceitos de Língua Portuguesa produzidos por alunos da 5ª e 6ª série do Ensino Fundamental**. 2004. Curso (Letras) - Universidade Federal de Alagoas
42. Maria Doris Araújo Santos. **O Ensino de Literatura sob investigação**. 2004. Curso (Letras) - Universidade Federal de Alagoas
43. Adriana Lemos Fontes Silva. **Os níveis de escrita na alfabetização infantil**

**X alfabetização de jovens e adultos.** 2004. Curso (Letras) – Universidade Federal de Alagoas

44. Adryana Cavalcante Rocha Cordeiro. **Proposta de avaliação para a disciplina Língua Portuguesa no Ensino Médio.** 2004. Curso (Letras) – Universidade Federal de Alagoas
45. Adriana Farias Tenório. **Realidade da leitura na escola pública: o (des) incentivo na sala de aula.** 2004. Curso (Letras) - Universidade Federal de Alagoas
46. Nayanne Oliveira Sarmiento. **A abordagem dos pronomes pessoais do caso reto em livros didáticos de 5ª a 8ª séries de língua portuguesa.** 2003. Curso (Letras) - Universidade Federal de Alagoas
47. Maria José dos Santos Cavalcante. **A importância do ato de ler e a compreensão do lido.** 2003. Curso - Universidade Federal de Alagoas
48. Rubenita Luiz da Silva Nascimento. **A produção textual escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental.** 2003. Curso - Universidade Federal de Alagoas
49. Quitéria Soares Teles. **Abordagem da leitura em sala de aula do Ensino Médio.** 2003. (Curso de Letras) - Universidade Federal de Alagoas
50. Tércio Clóvis Pereira. **Compreensão textual: uma proposta consistente para o ensino de língua portuguesa.** 2003. (Curso de Letras) – Universidade Federal de Alagoas
51. Sandileuza Pereira dos Santos. **Concordância nominal em músicas da MPB.** 2003. (Curso de Letras) Universidade Federal de Alagoas
52. Silvia Pinheiro de Farias. **Leitura em sala de aula.** 2003. Curso de Letras – Universidade Federal de Alagoas
53. Osvaldina de Albuquerque Costa. **Produção de textos escritos em sala de aula do Ensino Fundamental.** 2003. Curso - Universidade Federal de Alagoas

### **6.3.5 Orientação de Iniciação Científica – Pibic**

Iniciei minhas atividades de orientação de iniciação científica em 2003. Na minha visão, essa é uma das atividades mais importantes da universidade, sobretudo para a formação de professores. Na minha formação acadêmica, participar do Pibic foi o que me motivou e oportunizou que hoje eu esteja aqui elaborando este memorial.

Atualmente, tenho oficialmente somente duas bolsistas de Pibic, porque o processo seletivo só me concedeu uma bolsista com bolsa e outra voluntária, mas de fato, eu oriento cinco alunos, com o objetivo claro de que eles possam participar com condições de serem aprovados não somente na de Linha Pesquisa Educação e Linguagem, também em qualquer outra linha de pesquisa ou programa de pós-graduação, como relata a egressa do Pibic Maria da Conceição Souza de Moura.

Eu sou Maria da Conceição Souza de Moura, fui bolsista do Pibic da Ufal-AL, orientada pela professora Maria Auxiliadora Cavalcante, no período de 2018 a 2019. Esse foi um período muito especial e importante para mim, o tema abordado já me interessava bastante - sociolinguística, pois me ajudou a entender porque falamos diferentes e também porque, por vezes, sofremos preconceito até mesmo em sala de aula. A professora me fez as indicações de leitura. E ao longo das reuniões orientava o rumo da pesquisa com paciência e muitas explicações sobre o tema. Durante a pesquisa descobri que estava perdendo a visão devido ao fato de estar com um glaucoma em estágio avançado para a idade de 37 anos. Quando relatei a professora sobre a doença, ela prontamente aumentou os prazos e, pessoalmente como ser humano, me apoiou a não desistir. E apesar das dificuldades que foram aparecendo a pesquisa seguiu seu curso, mesmo diminuindo o ritmo, na apresentação final eu me senti vitoriosa e agradecida a professora pela orientação profissional, pedagógica e mais ainda pela oportunidade de participar de um novo mundo que só através do conhecimento, da pesquisa eu pude vivenciar. Obrigada professora por não ter me deixado desistir quando tudo parecia tão triste. Hoje eu me adapto com a baixa visão, mas o que eu aprendi durante esse período ninguém tira de mim.

Maceió, 10 de fevereiro de 2021.

Maria da Conceição Souza de Moura

1. Monique dos Santos Gouveia. **ORIENTAÇÃO PARA O TRABALHO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA COM OS PRONOMES “NÓS” E “A GENTE”, EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS DE 4º ANO**. 2020. Iniciação científica (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas
2. Júlio Filipe Nogueira da Silva. **OS PRONOMES PESSOAIS “TU”, “VÓS” E “VOCÊ(S)” EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS, UTILIZADOS EM TURMAS DE 5º ANO**. 2020. Iniciação científica (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Universidade Federal de Alagoas
3. Maria da Conceição Souza Moura. **PRONOMES PESSOAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS**. 2019. Iniciação científica (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Fundação de Amparo a Pesquisa de Alagoas
4. Larissa Mayara de Holanda Rocha. **CONCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS**

**PRESENTES NAS PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE LEITURA EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS.** 2013. Iniciação científica (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

5. **RAFAELA CALAÇA DE OLIVEIRA. INDICADORES EDUCACIONAIS DE ALAGOAS E SUA RELAÇÃO COM AS POSSÍVEIS DEMANDAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MACEIÓ.** 2012. Iniciação científica (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
6. **SANCLESIA BATISTA. INDICADORES EDUCACIONAIS DE ALAGOAS E SUA RELAÇÃO COM AS POSSÍVEIS DEMANDAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MACEIÓ.** 2012. Iniciação científica (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas
7. **Maria Luedna Ferreira de Melo. A Influência da Mídia Televisiva na Linguagem de Alunos do Ensino Fundamental.** 2010. Iniciação científica (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
8. **Ana Karla Barbosa Gato. A Influência da Mídia Televisiva na Linguagem de Alunos do Ensino Fundamental.** 2010. Iniciação científica (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas
9. **Isabela Rosália de Araújo Lima. Saberes e Prática da Variação Linguística na Sala de Aula da EJA.** 2007. Iniciação científica (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas
10. **Rose Karla Cordeiro Lessa. A variação Linguística na Sala de Aula.** 2006. Iniciação científica (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
11. **Marta Maria Minervino dos Santos. SABERES E PRÁTICAS DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM SALA DE AULA.** 2006. Iniciação científica (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
12. **Gláucia dos Santos Marinho. SABERES E PRÁTICAS DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM SALA DE AULA.** 2006. Iniciação científica (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

13. Naila Lins da Silva. **A Variação Linguística na Sala de Aula**. 2005. Iniciação científica (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
14. Naila Lins da Silva; Simone da Silva. **Alfabetização e letramento de jovens e adultos vs. variação linguística**. 2005. Iniciação científica (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas
15. Simone da Silva. **Alfabetização e letramento de jovens e adultos vs. variação linguística**. 2004. Iniciação científica (Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas
16. Rose Karla Cordeiro Lessa. **Alfabetização e letramento de jovens e adultos vs. variação linguística**. 2004. Iniciação científica (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas  
Inst. financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

#### 6.4. Produção Acadêmica

Ao longo dos quase 20 anos na Pós-Graduação, produzi quase todos os trabalhos em coautoria com meus orientandos e também com os colegas do PPGE um total de:

08 artigos em periódicos científicos

30 capítulos de livros

09 livros (organização)

44 trabalhos completos em ANAIS de eventos científicos

64 trabalhos apresentados em eventos científicos (mesas redondas e comunicações orais).

##### 6.4.1. Artigos publicados em revistas

1. [doi>](#) SANTOS, Nádson Araújo dos; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. GÊNEROS DIGITAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM FOCADA NO LIVRO DIDÁTICO E NA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES. *Fólio - Revista de Letras*. v.12, p.1303 - 1325, 2020. *Palavras-chave: Língua Portuguesa, GÊNEROS DIGITAIS, Livro Didático de Português*

Áreas do conhecimento: Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa

Setores de atividade: Educação

[doi](https://doi.org/10.22481/folio.v12i1.6338): 10.22481/folio.v12i1.6338

ISSN: 2176-4182

2. [doi](https://doi.org/10.22481/folio.v12i1.6338) SANTOS, W. P.; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. DIÁLOGOS OUTROS EM BAKHTIN. DEBATES EM EDUCAÇÃO, v.11, p.392 - 396, 2019.  
Palavras-chave: Alteridade, O outro, Essencialidade dialógica  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação  
Meio de divulgação: Meio digital. Home page:<http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/issue/view/489>  
doi:10.28998/2175-6600.20xxvxxnxxx  
ISSN: 2175-6600
3.  SILVA, Simone de Souza; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva LEITURA DELEITE NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: ENTRELAÇANDO PRESSUPOSTOS E PRÁTICAS DO/NO PROGRAMA NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA. REVISTA EDUCAÇÃO E LINGUAGENS., v.8, p.90 - 110, 2019.  
Palavras-chave: ALFABETIZAR NA IDADE CERTA, Política de formação de professores, PNAIC  
Áreas do conhecimento: Alfabetização e Letramento  
Setores de atividade: Educação  
Meio de divulgação: Meio digital. Home page: [<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/index>]
4.  SANTOS, Adriana Cavalcante.;  SANTOS, A. C.; CAVALCANTE, M. A. da S.; SILVA, S. P.; FIREMAN, E. C. FORMAÇÃO DO PROFESSOR-ALFABETIZADOR NO MOVIMENTUM DE UMA GESTÃO CURRICULAR ATIVA. ESPACIOS (CARACAS), v.39, p.30-38 - 38, 2018. Palavras-chave: formação de professores, Políticas Educacionais, Alfabetização - Áreas do conhecimento: Alfabetização e Letramento  
Setores de atividade: Educação. Meio de divulgação: Meio digital. Home page: [<http://www.revistaespacios.com>]; Alfabetização  
Áreas do conhecimento: Alfabetização e Letramento  
Setores de atividade: Educação
5. FERREIRA, Auda Valéria do N.; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO: DISCURSOS (IN)FORMAIS.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.17564/2316-3828.2016v4n2p33-42>.

v.v.4, p.33 - 42, 2016.

Palavras-chave: Variação Linguística, Texto Argumentativo, prática pedagógica

Áreas do conhecimento: Língua Portuguesa

Setores de atividade: Educação

Referências adicionais: Português. Home page:

[<http://https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/issue/view/179/showToc>]

6. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; LOPES, M. A. C. TRABALHO DOCENTE E IDENTIDADES: IMPLICAÇÕES NO SUCESSO ESCOLAR. **Educação e Cultura Contemporânea.**, v.10, p.4 - 23, 2013. *Palavras-chave: Trabalho docente, Identidade Docente, Sucesso Escolar*  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: português. Meio de divulgação: Meio digital. Home page: [<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc>]; ISSN, 2238-1279
7. ARAUJO, Isabela. Rosália Lima de; VIEIRA, A. da S. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. CONTRIBUIÇÃO DE VYGOTSKY E BAKHTIN NA LINGUAGEM: SENTIDOS E SIGNIFICADOS. DEBATES EM EDUCAÇÃO. v.01, p.01 - 14, 2009. ISSN: 2175-6600  
Palavras-chave: Sentidos e Significados, Identidade profissional  
Áreas do conhecimento: Educação  
Referências adicionais: Meio de divulgação: Meio digital. Home page: <http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao>
8. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. Mudanças no sistema pronominal vs. livros didáticos de português. EDUCACAO (UFAL). v.18, p.137 - 145, 2003.  
Palavras-chave: Sistema pronominal, Mudança Linguística, livro didático  
Áreas do conhecimento: Ensino-Aprendizagem  
Referências adicionais: Português. Meio de divulgação: Impresso  
ISSN: 0104-5555

#### 6.4.2. Capítulos de livros

1. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; FELIX, Ana Cristina; PESSOA, Gabriela do Nascimento. Construindo a formação docente por meio do projeto institucional de bolsas de iniciação a docência. In: **letramentos e suas múltiplas faces: experiências do Pibid Ufal**. Fortaleza -CE: EdUECE, 2020, v.01, p. 94-112.  
Palavras-chave: Formação Docente, Pibid, Cultura alagoana

Áreas do conhecimento: Alfabetização e Letramento  
Setores de atividade: Educação  
ISBN: 9788578267681

2. SANTOS, Nádson Araújo. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. Gêneros textuais e tecnologias digitais na escola: diálogos possíveis. In: **Educação e linguagem: interfaces de investigações em rede**. 1 ed. Maceió: Edufal, 2019, v.01, p. 73-84.  
*Palavras-chave: GÊNEROS DIGITAIS, Livro Didático de Português, Tecnologias da Informação e Comunicação*  
*Áreas do conhecimento: Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa*  
*Setores de atividade: Educação*  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788559132366, Home page: [www.edufal.com.br](http://www.edufal.com.br)
3. 🌟 SOUZA, Adriana Nunes; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. LEITURA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O QUE PENSAM OS DOCENTES In: LÍNGUA PORTUGUESA EM DEBATE: LEITURA, ESCRITA E VARIAÇÃO. 1 ed. Maceió: EDUFAL, 2017, v.01, p. 71-87.  
*Palavras-chave: LEITURA NO ENSINO MÉDIO, Autoconfrontação, Clínica da Atividade*  
*Áreas do conhecimento: Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa*  
*Setores de atividade: Educação*  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788559130690
4. SOUZA, Abda. Alves Vieira de; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. OS SABERES NECESSÁRIOS PARA ALFABETIZA E A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PNAIC In: Língua Portuguesa em debate: leitura, escrita e variação. 01 ed. Maceió: EDUFAL, 2017, v.01, p. 123-147.  
*Palavras-chave: Alfabetização e Letramento, PNAIC, Formação Continuada*  
*Áreas do conhecimento: Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, Alfabetização e Letramento*  
*Setores de atividade: Educação*  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788559130690
5. SANTOS, Marta Minervino; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. Procedimentos pedagógicos para abordar a variação linguística a partir de programa assistido por alunos do ensino fundamental In: **Trabalho Docente e Formação: políticas, práticas e Investigação: pontes para a mudança**. Porto-PT: CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas, 2014, v.01, p. 1534-1545.  
*Palavras-chave: Procedimentos metodológicos, Variação Linguística, Ensino Fundamental, Mídia televisiva*  
*Áreas do conhecimento: Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa*  
*Setores de atividade: Educação*

Referências adicionais: Portugal/Português. Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9789898471130, Home page:  
<http://www.fpce.up.pt/trabalhodocenteformacao/assets/TrabalhoDocenteEFormacao.pdf>

6. ROSÁRIO, Elaine de Holanda; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. Atividade docente: os sentidos e significados que uma professora atribui à aquisição da escrita In: **Formação, atividade e subjetividade** : aspectos indissociáveis da docência.1 ed. Nova Iguaçu-RJ: Marsupial Editora Ltda, 2013, v.01, p. 120-142.  
Palavras-chave: Atividades Docentes, Sentidos e Significados, aquisição de linguagem  
Áreas do conhecimento: Alfabetização e Letramento  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9788566293029, Home page:  
<http://marsupialeditora.com.br/download/formacaoatividadeesubjetividade>. Pdf
7. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MELO, Maria Luédna Ferreira de  
Trabalho docente na abordagem da variação linguística em sala de aula In: **Trabalho Docente e Formação: Políticas, Práticas e Investigação: Pontes para a Mudança**. Porto-PT: CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas, 2014, v.01, p. 1669-1679.  
Palavras-chave: Trabalho docente, Variação Linguística, Metodologia da Língua Portuguesa  
Áreas do conhecimento: Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: Portugal/Português. Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9789898471130, Home page:  
<http://www.fpce.up.pt/trabalhodocenteformacao/assets/TrabalhoDocenteEFormacao.pdf>
8. LESSA, R. K. C.; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. Preconceito linguístico: necessidade de um olhar psicoeducacional In: Psicologia Social: relações interpessoais e preconceito.1 ed. Maceió: Edufal, 2013, v.01, p. 153-168.  
Palavras-chave: Preconceito linguístico, Psicoeducacional, Práticas e Eventos de Letramento  
*Áreas do conhecimento: Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa*  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571777866
9. FERREIRA, Auda Valéria do Nascimento; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A abordagem das variedades linguísticas: uma experiência em sala de aula do orkut com alunos do Ensino Médio In:

**Integração e gestão de mídias na escola.** Maceió: Edufal, 2012, p. 193-204.

Palavras-chave: Variação Linguística, Ensino e Aprendizagem, ORKUT  
Áreas do conhecimento: Tecnologia Educacional, Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa

Setores de atividade: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571777378

10. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; HYPOLITO, Álvaro; LOPES, Amélia; PIZZI, L. C. V. Apresentação In: **FORMAÇÃO DOCENTE EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS.** Maceió: EDUFAL, 2012, v.01, p. 05-12.

Palavras-chave: I Encontro Luso-Brasileiro sobre Trabalho Docente, formação de professores, Trabalho docente

Áreas do conhecimento: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571777019

11. FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; PIZZI, Laura C. V.; BARROS, M.L N; MELO, W. L.

Contribuições da história de vida e da autoconfrontação para a compreensão da atividade docente In: **Trabalho docente: tensões e perspectivas.** Maceió- AL: EDUFAL, 2012, v.01, p. 263-276.

Palavras-chave: Trabalho docente, Atividades Docentes, Autoconfrontação

Áreas do conhecimento: Educação

Setores de atividade: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571777002

12. LIMA, Irene Batista; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. Experimentando o Blog em Turmas do 3º anos do Ensino Médio In: **Práticas Pedagógicas com Mídias na Escola.** 1 ed. Maceió: Edufal, 2012, p. 261-266.

Palavras-chave: Blog, , Tecnologias da Informação e Comunicação, Computador  
Áreas do conhecimento: Tecnologia Educacional, Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa

Setores de atividade: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571777101

13. FREITAS, A.F.R; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; RIBEIRO, N. N. A. Pesquisa colaborativa na formação docente: (entre)laços na Educação de Jovens e Adultos In: **FORMAÇÃO DOCENTE EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS.** 1 ed. Maceió -AL: EDUFAL, 2012, v.01, p. 111-128.

Palavras-chave: Pesquisa colaborativa, Formação Docente, Educação de jovens e adultos

Áreas do conhecimento: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571777019

14. ARAUJO, Isabela. Rosália Lima de; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva SENTIDOS E SIGNIFICADOS NA ATIVIDADE DOCENTE In: **INVESTIGAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: SUJEITOS E PERCURSOS**.1 ed. Rio de Janeiro: Caetés 2012, v.01, p. 107-126.

Palavras-chave: Atividades Docentes, Sentidos e Significados, aquisição de linguag

Áreas do conhecimento: Alfabetização e Letramento

Setores de atividade: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788586478772

15. FERREIRA, A. V. do N; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva .O CONTEÚDO VARIÉDADES LINGUÍSTICAS ABORDADO EM SALA:DE AULA: UM CASO DE TERMINOLOGIA In: **Trabalho docente, linguagens e tecnologias educacionais** múltiplos olhares ed. Maceió- AL: Edufal, 2010, v.01, p. 185-198.

Palavras-chave: Variação Linguística, ORKUT, Língua Portuguesa

Áreas do conhecimento: Língua Portuguesa

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571775

16. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; PIZZI, L. C. V.; FUMES, Neiza de Lourc Frederico. Reflexões sobre a atividade docente a partir de uma perspectiva sociohist In: **Estudos sobre a atividade docente: aspectos teóricos e metodológicos em qu** São Paulo/Maceió: EDUC/Edufal, 2010, v.01, p. 12-26.

Palavras-chave: Atividades Docentes, Sociohistórica

Áreas do conhecimento: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788528303360

17. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; PIZZI, L. C. V.; MELO, A. A. S de. Trabalho Docente, Sentidos, Representações e Identidades In: **Trabalho docente, linguagens e tecnologias educacionais: múltiplos olhares**. Maceió: Edufal. 2010, 65-78.

Palavras-chave: Sentidos e Significados, Trabalho docente

Áreas do conhecimento: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571775

18. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; SANTOS, M. M.; LESSA, R. K. C.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PRÁTICA DOCENTE In: **Múltiplos Olhares sobre Pesquisa em Educação**. MACEIÓ-AL: EDUFAL, 2009, p. 75-91.

*Palavras-chave: Variação Linguística, Prática Docente*

Áreas do conhecimento: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571774964

19. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; MERCADO, Elisângela. Leopoldo. Alfabetização e Letramento In: **O ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais**: eventos e práticas de letramento. Maceió: EDUFAL, 2008, v.01, p. 73-106.  
Palavras-chave: Alfabetização Infantil. Aquisição de linguagem.  
Metodologia da Língua Portuguesa. Letramento  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. ISBN: 9788571774421, Home page: [www.edufal.ufal.br](http://www.edufal.ufal.br)
20. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. LÍNGUA, LINGUAGEM GRAMÁTICA In: **O ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais**: eventos e práticas de letramento. Maceió -AL: EDUFAL, 2008, v.01, p. 11-31.  
Palavras-chave: Ensino de Língua. Metodologia da Língua Portuguesa. concepções de linguagem. concepções de gramática  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. ISBN: 9788571774421, Home page: [www.edufal.ufal.br](http://www.edufal.ufal.br)
21. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. VARIAÇÃO LINGUISTICA: IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS DE LINGUAGEM In: **O ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais**: eventos e práticas de letramento. Maceió: EDUFAL, 2008, v.01, p. 159-168.  
Palavras-chave: Variação Linguística, Formação de professores e Ensino da Língua Portuguesa, Metodologia da Língua Portuguesa  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571774421
22. MERCADO, Luís Paulo Leopoldo; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.  
Formação do Pesquisador em Educação: Profissionalização Docente, Políticas, Trabalho e Pesquisa In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva **Formação do Pesquisador em Educação**: Profissionalização Docente, Políticas, Trabalho e Pesquisa. Maceió: EDUFAL, 2007, p. 6-14.  
Palavras-chave: Formação do Pesquisador, Educação, Profissão docente  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788571773356

23. FERREIRA, Auda. Valéria do Nascimento; SILVA, I. A. da; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. GODOY, T. M da S. O Diferente, o Popular e o Culto em Arte, Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio: Perspectiva Interdisciplinar In: **Formando o Professor Pesquisador do Ensino Médio** Maceió: EDUFAL, 2007, v.01, p. 19-26.  
Palavras-chave: formação de professores, Formação do Pesquisador, Pesquisa na Escola  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. ISBN: 9788571773370
24. SILVA, Naila. Lins da; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. Procedimentos Metodológicos para Abordar Questões de Variação Linguística em uma Turma da Educação de Jovens e Adultos In: **Educação e Linguagem: saberes, discursos e práticas.** Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2006, p. 47-70.  
*Palavras-chave: Variação Linguística, Metodologia da Língua Portuguesa, Alfabetização de jovens e adultos*  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação  
*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários, ISBN: 8571773076*
25. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. Os sujeitos de referência arbitrária na fala e na fala carioca In: MOURA, Maria Denilda. **Reflexes sobre a sintaxe do português.** Maceió: EDUFAL, 2005, p. 161-186.  
Palavras-chave: Variação Linguística, Sistema pronominal, Mudança Linguística  
Áreas do conhecimento: SOCIOLINGÜÍSTICA QUANTITATIVA  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 8571772150
26. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A contribuição da Teoria da Variação Linguística ao Ensino da Língua Portuguesa In: MOURA, Maria Denilda. **Ler e escrever para quê?** Maceió: Edufal, 2000, v.1, p. 57-70.  
Palavras-chave: Variação Linguística, Ensino de Língua  
Áreas do conhecimento: Linguística. Teoria e Análise Linguística. Sociolinguística e Dialectologia  
Setores de atividade: Letras  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
27. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A Variação Linguística e os Parâmetros Curriculares Nacionais In: MOURA, Maria Denilda. **Língua e Ensino: dimensões heterogêneas.** Maceió: Edufal, 2000, v.1, p. 131-137.

Palavras-chave: Variação Linguística. Ensino de Língua  
Áreas do conhecimento: Linguística, Teoria e Análise Linguística,  
Sociolinguística e Dialectologia  
Setores de atividade: Outros Setores  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

28. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. O sujeito pronominal na língua falada em Alagoas In: MOURA, Maria Denilda. **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: Edufal, 1999, v.1, p. 353-356.

Palavras-chave: sujeito pronominal, estudo comparativo  
Áreas do conhecimento: Linguística, Teoria e Análise Linguística,  
Sociolinguística e Dialectologia  
Setores de atividade: Outros Setores  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

### 6.4.3. Organização de livros

1. SANTOS, Adriana. Cavalcanti; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; GOMES, Yana Liss Soares. **LÍNGUA PORTUGUESA EM DEBATE: LEITURA. ESCRITA E VARIAÇÃO**. Maceió: EDUFAL, 2017, v.01. p.180.  
Palavras-chave: Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, Variação Linguística, Leitura, Ensino da Leitura  
Áreas do conhecimento: Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso  
Este livro contemplado pelo Edital FAPEAL//CEPAL/EDUFAL N° 01/2017.  
ISBN: 9788559130690
2. LOPES, Amélia; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; OLIVEIRA, D. A.; HYPOLITO, Álvaro. **Trabalho Docente e Formação: Políticas, Práticas e Investigação: Pontes para a mudança**. Porto-Portugal: CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas, 2014, v.01. p.5513.  
Palavras-chave: Trabalho docente, Formação Docente, Políticas, Pontes para a Mudança  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: Portugal/Português. Meio de divulgação: Meio digital. Home page:  
<http://www.fpce.up.pt/trabalhodocenteformacao/assets/TrabalhoDocenteEFormacao.pdf>; ISBN. 9789898471130
3. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; FREITAS, A. F.R. de; PIZZI, L. C. V.; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; LOPES, Amélia; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz. **FORMAÇÃO DOCENTE EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS**. Maceió: Edufal, 2012, v.01. p.243.  
Palavras-chave: formação de professores, Prática Docente, Pesquisa na

Escola, Educação

Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso.

Home page: ISBN 9788571777019

4. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; FREITAS, A.F.R.; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz. Trabalho docente: tensões e perspectivas. Maceió: EDUFAL, 2012, v.01. p.322.  
*Palavras-chave: Trabalho docente, Reformas Educacionais, Mudanças no contexto escolar*  
Áreas do conhecimento: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso.  
Home page: ISBN. 9788571777002
5. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; LOPES, A. A. Trabalho Docente, Linguagens e Tecnologias Educacionais: Múltiplos Olhares. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2010, v.01. p.331.  
*Palavras-chave: Linguagem, formação de professores, Tecnologias da Informação e Comunicação*  
Áreas do conhecimento: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso  
ISBN: 9788571775
6. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz. **O Ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais**: eventos e práticas de letramento. Maceió: EDUFAL, 2008, v.01. p.183.  
*Palavras-chave: Língua Portuguesa, Alfabetização, Letramento*  
Áreas do conhecimento: Educação  
Setores de atividade: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. ISBN: 9788571774421,  
Home page: [www.edufal.ufal.br](http://www.edufal.ufal.br)
7. MERCADO, Luís Paulo Leopoldo; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva  
**Formação do Pesquisador em Educação**: Profissionalização Docente, Políticas, Trabalho e Pesquisa. Maceió: EDUFAL, 2007, v.01. p.280.  
*Palavras-chave: Formação do Pesquisador, Educação, Profissão docente*  
Áreas do conhecimento: Educação  
Referências adicionais: Macau/Português  
ISBN: 9788571773356
8. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico  
**Educação e Linguagem**: saberes, discursos e práticas. Maceió: Edufal, 2006, v.01. p.110.  
*Palavras-chave: Linguagem, Educação, Saberes e Práticas*  
Áreas do conhecimento: Educação

Referências adicionais: Brasil/Macedônio. Meio de divulgação: Meio magnético  
ISBN: 8571773076

9. FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES, PRÁTICAS, HISTÓRIA E CULTURA**. Maceió: Edufal, 2006, v.01. p.127.  
Palavras-chave: formação de professores, prática pedagógica, História e Cultura  
Áreas do conhecimento: Educação  
Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

#### 6.4.4 Publicação em ANAIS de eventos (trabalhos completos, com apresentação)

1. PIRES, Cleone S; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE LÍNGUA PORTUGUESA E MATEMÁTICA: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL, A PARTIR DA RESOLUÇÃO DE SITUAÇÕES-PROBLEMA ENVOLVENDO AS QUATRO OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS In: IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL), 2020, Maceió.  
**Anais do Evento: IX Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas (EPEAL)**. Maceió: Edufal, 2020. v.09. ISBN: 1981-3031  
<http://https://doity.com.br/anais/ixepeal/area/11406>
2. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; SANTOS, Nádson Araújo, “TU E VOCÊ”, “NÓS E A GENTE”: Abordagem da variação linguística em livros didáticos de português. In: IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL), 2020, Maceió.  
**Anais do Evento: IX Encontro de Pesquisa em Educação de Alagoas (EPEAL)**. Maceió: <https://doity.com.br/anais/ixepeal>, 2020. v.09.  
ISBN: 1981-3031  
<http://https://doity.com.br/anais/ixepeal/area/11406>
3. SANTOS, Marta. Minervino.; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A formação continuada de professores e seus reflexos no ensino da leitura nos anos iniciais In: XIV Colóquio Internacional de Psicologia e Educação, 2019, Lisboa. **Actas do XIV Colóquio Internacional de Psicologia e Educação**. Lisboa - Portugal: COMPOSIÇÃO: ISPA – INSTITUTO UNIVERSITÁRIO, 2019. v.01. p.37 – 49. ISBN: 978-989-8384  
[http://eventos.ispa.pt/xivcoloquiopsicologiaeeducacao/files/2019/05/XIVColoquioInternacionaldePsicologiaeEducacao2018\\_LivrodeAtas.pdf](http://eventos.ispa.pt/xivcoloquiopsicologiaeeducacao/files/2019/05/XIVColoquioInternacionaldePsicologiaeEducacao2018_LivrodeAtas.pdf)
4. SILVA, Simone; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. Deleite de leitores em formação: contributos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO, 2019, BELO HORIZONTE. **Anais do IV Congresso**

**Brasileiro de Alfabetização.** belo Horizonte MG: FaE/ UFMG, 2019. v.2. p.353 – 368.

**ISBN: 978-85-8007-1**

<http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2020/01/IV-CONBAlf-Anais-VOLUME-2-COMPLETO-compactado.pdf>

5. SOUZA, ABDA. ALVES. VIEIRA; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** Dos antigos métodos a uma teoria coerente de alfabetização In: IV Congresso Brasileiro de Alfabetização, 2019, Belo Horizonte - MG. **Anais do IV Congresso Brasileiro de Alfabetização.** Belo Horizonte - MG: FaE/ UFMG,, 2019. v.1. p.737 – 753. **ISBN: 978-85-8007-1**  
Home page: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2020/01/IV-CONBAlf-Anais-VOLUME-1-COMPLETO.pdf>
6. SOUZA, Adriana. Nunes; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** Leitura no ensino médio integrado: Sentidos e significados produzidos pelos docentes In: XIV Colóquio Internacional de Psicologia e Educação, 2019, Lisboa - Portugal. **Actas do XIV Colóquio Internacional de Psicologia e Educação.** Lisboa: COMPOSIÇÃO: ISPA – INSTITUTO UNIVERSITÁRIO, 2019. v.01. p.207 – 217. **ISBN: 978-989-8384**  
[http://eventos.ispa.pt/xivcoloquiopsicologiaeeducacao/files/2019/05/XIVColoquioInternacionaldePsicologiaeEducacao2018\\_LivrodeAtas.pdf](http://eventos.ispa.pt/xivcoloquiopsicologiaeeducacao/files/2019/05/XIVColoquioInternacionaldePsicologiaeEducacao2018_LivrodeAtas.pdf)
7. SANTOS, Nádson Araújo; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** EDUCAÇÃO, LINGUAGEM, GÊNERO E JUVENTUDES: Uma abordagem dos multiletramentos e da multimodalidade na escola. In: VI Semana Internacional de Pedagogia -SIP, 2018, Maceió. **ANAIIS DA VI SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA.** Maceió: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2018. v.01. p.01 – 11. **ISBN: 1981-3031**  
<http://https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-0af9abc1a1cccdee6a1f1ecb6a559f8eba8b514f-arquivo.pdf>
8. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** SANTOS, Elian da Silva. Abordagem atual da oralidade em livros didáticos de língua portuguesa do 4º ano In: V SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA; III ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO SOBRE TRABALHO DOCENTE E FORMAÇÃO; I SEMINÁRIO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E COGNIÇÃO DE ALAGOAS, 2016, MACEIÓ. **Anais da V SIP, III ELBTDF e I SALCA - 2016.** Maceió: Edufal, 2016. v.01. p.01 – 08. **ISBN: 19813031**  
<http://www.semanadepedagogiaufal.com.br/index.php/anais>
9. SILVA, Sergio Rocha; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva** SILVEIRA, Maria Inez Matoso; O PROTOCOLO VERBAL COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE COMPREENSÃO LEITORA NO ENSINO FUNDAMENTAL In: V SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA; III ENCONTRO LUSO BRASILEIRO SOBRE TRABALHO DOCENTE E FORMAÇÃO; I SEMINÁRIO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E COGNIÇÃO DE ALAGOAS, 2016, MACEIO. **Anais da V SIP, III ELBTDF e I SALCA - 2016.** Maceió: Edufal, 2016. v.01. p.01 – 10.

**ISBN: 19813031**

<http://www.semanadepedagogiaufal.com.br/index.php/anais>

10. SOUZA, Abda. Alves Vieira; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** Os efeitos do Pnaic nas práticas de leitura desenvolvida por professoras alfabetizadoras In: V SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA; III ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO SOBRE TRABALHO DOCENTE E FORMAÇÃO; I SEMINÁRIO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E COGNIÇÃO DE ALAGOAS, 2016, MACEIÓ. **Anais da V SIP, III ELBTDF e I SALCA - 2016.** Maceió: Edufal, 2016. v.1. p.01 – 11. **ISBN: 19813031**  
<http://www.semanadepedagogiaufal.com.br/index.php/anais>
  
11. SOUZA, Abda. Alves Vieira; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** A formação do PNAIC e as políticas públicas de formação de leitores: quais as repercussões na prática de professores alfabetizadores? In: II Conbalf - Congresso Brasileiro de Alfabetização, 2015, Recife-Pe. **Políticas públicas de alfabetização.** Recife: Editora da UFPE, 2015. v.01. p.01 – 10  
**ISBN :978-85-415-06**  
<https://anped.org.br/news/ii-congresso-brasileiro-de-alfabetizacao-politicas-publicas-de-alfabetizacao-12-14062015>
  
12. SOUZA, Abda. Alves Vieira; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** OS IMPACTOS DO PNAIC NA FORMAÇÃO DE LEITORES DOS ANOS INICIAIS: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS SOBRE SUAS PRÁTICAS In: CONGRESSO ISATT 2014. BRAGA- PT. **Formação e trabalho docente na sociedade da aprendizagem;** BRAGA- PT: Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), 2014. v.1. p.568 – 575. **ISBN/ISSN. 9789728952303.**  
<http://congressoisatt2014.wix.com/congressoisatt2014>
  
13. SOUZA, Adriana Nunes; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** TIC, gêneros emergentes e ensino de Literatura In: Association on Teachers and Teaching (ISATT), 2014, Braga Portugal.  
**Atas do congresso Formação e trabalho docente na sociedade da aprendizagem; Série Página inicial Página final ISBN/ISSN 9789728952303.** BRAGA- PT: Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), 2014. v.1. p.966 – 975. ISBN: 9789728952303  
<http://congressoisatt2014.wix.com/congressoisatt2014>
  
14. DOUNIS; ROSÁRIO, Elaine de Holanda; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; SANTOS, A. R. A AUTOCONFRONTAÇÃO COMO FORMA DE ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DOCENTE: O QUE DIZEM AS PESQUISAS BRASILEIRAS In: I Encontro Luso-Brasileiro sobre Trabalho Docente e VI Encontro Brasileiro da Rede Estrado, 2011, Maceió -AL.  
**Anais do I Encontro Luso-brasileiro sobre Trabalho Docente.** Maceió -

- AL: Editora da Universidade Federal de Alagoas-Edufal, 2011. v.01. p.01 – 17. ISBN: 22366857. <http://http:www.lubrastd.com>
15. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; LOPES, Amélia; PIZZI, L. C. V.; HYPOLITO, Álvaro. Apresentação dos ANAIS do I Encontro Luso-Brasileiro sobre Trabalho Docente e Vi Encontro Brasileiro da Rede Estrado In: I Encontro Luso-Brasileiro sobre Trabalho Docente e Vi Encontro Brasileiro da Rede Estrado, 2011, Maceió -AL. **Anais do I Encontro Luso-brasileiro sobre Trabalho Docente**. Maceió -AL: Q Gráfica, 2011. v.01. p.05 – 07. ISBN:22366857 <http://http:www.lubrastd.com>
- 17 16. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; AGUIAR, Nadja Naira Ribeiro. Contribuições da pesquisa colaborativa na formação docente para a educação de jovens e adultos In: II Congresso Internacional de Docencia Universitaria (II CIDU 2011, 2011, Vigo-Espanha. **Anais do II Congresso Internacional de Docencia Universitaria (II CIDU 2011**. Santiago de Compostela: <http://www.andavira.com/>, 2011. v.01. p.01 – 06. <http://webs.uvigo.es/congresodocencia/index.htm>
18. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; PIZZI, L. C. V.A mídia televisiva no currículo escolar: cruzando cultura e linguagem In: IX Colóquio sobre questões curriculares/V Colóquio Luso-Brasileiro, 2010, Porto-Portugal. **Debater o Currículo e seus campos. Actas do IX Colóquio sobre Questões Curriculares / V Colóquio Luso-Brasileiro**. Porto-PT: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2010. p.4158 – 4167. ISBN: 9789728746 <http://www.fpce.up.pt/coloquio2010/>
19. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; PIZZI, L. C. V.; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico. Atividade Docente e Competências em Contextos de Experiências: a Contribuição da Clínica da Atividade In: 2º Congresso Internacional de Avaliação em Educação, 2010, Braga-PT. **Actas do 2º Congresso de Avaliação em Educação**. Braga-PT: Universidade do Minho-PT, 2010. v.01. p.01 – 12. ISBN: 9789728746957. <http://www.ie.uminho.pt/>
20. MELO, M. L. F. de; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**. EDUCAÇÃO MIDIÁTICA: O QUE OS ALUNOS MAIS ASSISTEM NA TV? In: 19 ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE-EPENN, 2009, JOÃO PESSOA. **EDUCAÇÃO, DIREITOS HUMANOS E INCLUSÃO SOCIAL**. João Pessoa: Editora da Universidade da Paraíba, 2009. p.01 – 07. ISBN: <http://www.ce.ufpb.br/ppge/epenn/index.php>

21. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; PIZZI, L. C. V.; MELO, A. A. S de. RESGATANDO OS SABERES DOCENTES: significados, representações e identidades In: 19 ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE-EPENN, 2009, JOÃO PESSOA. **Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2009. p.01 – 10. <http://www.ce.ufpb.br/ppge/epenn/>
22. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; SANTOS, M. M. Abordagem Metodológica da variação Linguística em Turmas de 4ª Série do Ensino Fundamental In: 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste-EPENN, 2007, Maceió -AL. **Política de Ciência e Tecnologia e Formação do Pesquisador em Educação**. Maceió -AL: EDUFAL, 2007. v.01. p.01 – 10. ISBN: 9788571773301. <http://www.cedu.ufal.br/ppge>
23. FERREIRA, A. V. do N.; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; GODOY, T. M da S. O Diferente, o Popular e o Culto em Arte, Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio: Perspectiva Interdisciplinar? In: 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste-EPENN, 2007, Maceió - AL. **Política de Ciência e Tecnologia e Formação do Pesquisador em Educação**. Maceió - AL: EDUFAL, 2007. v.01. p.01 – 13. ISBN: 9788571773301. <http://www.cedu.ufal.br/ppge>
24. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MARINHO, G. S.; FERREIRA, Aline da Silva. Saberes e Práticas da Variação Linguística em uma Turma da 3ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos In: 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste-EPENN, 2007, Maceió. **Política de Ciência e Tecnologia e Formação do Pesquisador em Educação**. Maceió -AL: EDUFAL, 2007. v.01. p.01 – 08. ISBN: 9788571773301. <http://www.cedu.ufal.br/ppge>
25. CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. A Variação Linguística na Sala de Aula In: XIII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - ENDIPE, 2006, Recife. **ANAI DO XIII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO-ENDIPE**. Recife- Pe: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2006. v.1. p.1 – 8 ISBN: 8537300683
26. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**. Procedimentos metodológicos para abordar questões de variação linguística em uma turma da Educação de Jovens e Adultos In: 29ª Reunião anual da ANPEd, 2006, Caxambu-MG. **Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: Desafios e Compromissos**. Rio de Janeiro: Editora da ANPEd, 2006. v.01. p.01 – 15. ISBN: 8560316019. <http://www.anped.br>.
27. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; SILVA, N. L. A influência da variação linguística sobre questões de ortografia no processo de alfabetização e letramento de jovens e adultos In: XVII EPENN Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste, 2005, Belém/Pa. **XVII EPENN Encontro de**

**Pesquisa Educacional Norte Nordeste.** Belém/Pa: MP Design Gráfico & Multimídia, 2005. p.01 – 10.

28. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** A pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL In: II Congresso Acadêmico da UFAL 2005, 2005, Maceió - AL. **II Congresso Acadêmico da UFAL 2005.**, 2005.
29. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; SILVA Simone.** O uso da Pontuação na Escrita de Jovens e Adultos vs. Variação Linguística In: XVII EPENN Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste, 2005, Belém/Pa. **XVII EPENN Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste.** Belém/Pa: MP Design Gráfico & Multimídia, 2005. p.01 – 09
30. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** Variação e Ensino de Língua Materna In: SELIMEL IV Seminário sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura, 2005, Campina Grande/PB. **SELIMEL IV Seminário sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e Literatura.** Campina Grande/PB: Bagagem, 2005. p.01 – 06. ISBN: 85982541
31. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.** Alfabetização e letramento de jovens e adultos vs. variação linguística In: I Encontro Regional, 2004, Maceió/AL. **I Encontro Regional.**, 2004.

## **6.5. Participação em Bancas de Trabalho de Conclusão de Curso**

### **6.5.1. Bancas de Mestrado**

1. **CAVALCANTE, MARIA AUXILIADORA DA SILVA; PAULA, A. S.; OLIVERIA, F. P.** Participação em banca de a Flávia Leônia Ferreira da Rocha. **A REFERENCIAÇÃO EM RETEXTUALIZAÇÕES DE “VIDAS SECAS”, POR ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM ALAGOAS**, 2020. (Mestrado Profissionalizante em Letras e Linguística) Universidade Federal de Alagoas.
2. **SANTOS, A. C; CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; LIMA, Rita de Cassia S. M. S.** Participação em banca de MONYQUE KELLY MOURA SILVA. **DIDÁTICA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: MEDIAÇÃO NAS/DAS PRÁTICAS CURRICULARES**, 2018. (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) Universidade Federal de Alagoas
3. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; LOPES, A. A.; OLIVEIRA, F.** Participação em banca de JENNIFER PATRÍCIA DE ARAÚJO. **IDENTIDADE & MEMÓRIA: PRODUÇÃO E REFAÇÃO DE TEXTOS POR ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO**

FUNDAMENATL, 2017. (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) Universidade Federal de Alagoas.

4. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; SANTOS, A. C.; OLIVERIA, F. P.; GOMES, Y. L. S. Participação em banca de Simone se Souza Silva. **Práticas de Leitura Deleite: Contributos do Pnaic na/para mediação docente**, 2017. (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) Universidade Federal de Alagoas.
5. . **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva** LOPES, A. A.; OLIVEIRA, F. Participação em banca de KAROLYNNE KAYA MARIA AMORIM MOURA. **A INTERVENÇÃO DIDÁTICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS PARTICIPANTES DA OLÍMPIADA DE LÍNGUA PORTUGUESA**, 2016. (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) Universidade Federal de Alagoas
6. . **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; LOPES, A. A.; OLIVEIRA, F. Participação em banca de FLÁVIA LEÔNIA FERREIRA DA ROCHA. **A REFERENCIAÇÃO EM RESTEXTUALIZAÇÕES DE VIDAS SECAS POR ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM ALAGOAS**, 2016.
7. . **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; SILVEIRA, Maria Inez Matoso; OLIVERIA, F. P.; SANTOS, A. C. Participação em banca de SERGIO ROCHA DA SILVA. **AVALIAÇÃO E MEDIAÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA DE ALIUNOS DE 5º ANO DE ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL EME MACEIO**, 2016 (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) Universidade Federal de Alagoas.
8. . LOPES, A. A.; GOMES, J. S. B.; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva** Participação em banca de KAROLYNNE KAYA MARIA AMORIM MOURA. **A INTERVENÇÃO DIDÁTICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS PARTICIPANTES DA OLÍMPIADA DE LÍNGUA PORTUGUESA - OLP**, 2015. (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) Universidade Federal de Alagoas.
9. . LOPES, A. A; **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; PEREIRA, A. S. Participação em banca de CÉLIA CRISTINA MONTEIRO DE OLIVEIRA. **O manuscrito escolar e as funções da rasura na escrita colaborativa de uma díade do 2º ano do ensino fundamental**, 2015. (Educação) Universidade Federal de Alagoas

10. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; AGUIAR, Nadja Naira Ribeiro; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Participação em banca de DAIANE DA COSTA BARBOSA. **Percursos (des)continuados de leitura na escola: o papel do diálogo como instrumento mediador da aprendizagem**, 2014. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) Universidade Federal de Alagoas.
11. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; QUEIROZ, M. de L.; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Participação em banca de Maria Luedna Ferreira de Melo. **Práticas de leitura no Segundo Segmento da Educação de Jovens e Adultos**, 2014. (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) Universidade Federal de Alagoas.
12. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; SILVEIRA, Maria Inez Matoso; BORDA, V. C. M.; SANTOS, L. F. Participação em banca de FRANCISCO JAILSON DANTAS DE OLIVEIRA. **A compreensão de textos escritos e o processo inferencial no ensino fundamental**, 2013. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) Universidade Federal de Alagoas.
13. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; DAVIS, CLAUDIA LEME FERREIRA. Participação em banca de Alessandra Bonorandi Dounis. **Atividade Docente e Inclusão: as mediações da Consultoria Colaborativa**, 2013. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) Universidade Federal de Alagoas.
14. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; AGUIAR, W.M. J. de; AGUIAR, Nadja Naira Ribeiro; PIZZI, L. C. V. Participação em banca de Elaine de Holanda Rosário. **Atividade docente: os sentidos e significados que uma professora atribui à aquisição da escrita**, 2012. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
15. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; AGUIAR, W.M. J. de; AGUIAR, Nadja Naira Ribeiro; PIZZI, L. C. V. Participação em banca de Wanessa Lopes de Melo. **Atividade docente: uma análise do prescrito e do realizado no currículo escolar**, 2012. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
16. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**.; PAULA, A. S.; FARIA, N. R. B. Participação em banca de PRISCILA RUFINO DA SILVA. **A hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió/AL**, 2011. (Programa de Pós -Graduação em Letras e Linguística) Universidade Federal de Alagoas

17. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; SANTOS, M. F. O.; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Participação em banca de Neilton Farias Lins. **O processo de oralização de um texto escrito**, 2011. (Programa de Pós -Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas.
18. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**.; SILVA, Maria de Fátima Gomes da; MERCADO, L. P. L.; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz. Participação em banca de ENEIDA DA SILVA FLORES. **O Uso da TV e do Computador nas Práticas Docentes de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos**, 2011. . PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
19. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; AGUIAR, W.M. J. de; PIZZI, L. C. V. Participação em banca de Isabela Rosália Lima de Araújo. **Sentidos e Significados da Atividade Prescritas e Realizada: analisando o processo da alfabetização e letramento**, 2011. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
20. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; LOPES, Amélia; FERREIRA, Elisabete. Participação em banca de Marta Cristina Fernandes Ferreira de Pinho. **Identidade e Identidades dos Formadores de Enfermeiros**, 2010. (Mestrado em Ciências da Educação) Universidade do Porto- Portugal.
21. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; FARIAS, J. G.; PRADO, E. C. Participação em banca de Marta Maria Minervino dos Santos. **Procedimentos Pedagógicos para abordar a variação linguística a partir de programa assistido por alunos do Ensino Fundamental**, 2010. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
22. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; COSTA, C. J de S.; FARIAS, J. G. Participação em banca de Glaucia dos Santos Marinho. **Variação Linguística na 3ª fase da Educação de Jovens e Adultos: saberes e práticas**, 2010. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
23. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva**; MERCADO, L. P. L.; PINTO, Anamelea de Campos; PAULA, A. S. Participação em banca de Auda Valéria do Nascimento Ferreira. **A abordagem das variedades linguísticas: uma experiência em sala de aula e no orkut com alunos do ensino médio**, 2009. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.

24. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** Oliveira, Eduardo Calil de; SANTOS, M. F. O. Participação em banca de QUITÉRIA PEREIRA DE ASSIS. **A PROFESSORA E AS PROPOSTAS DE PRODUÇÃO DE TEXTO EM LIVROS DIDÁTICOS: MUDANÇAS QUE SINGULARIZAM A ATIVIDADE**, 2009. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
25. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** PINTO, Anamelea de Campos; PAULA, A. S.; MERCADO, L. P. L. Participação em banca de ROSE KARLA CORDEIRO LESSA. **ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA NO MATERIAL DIDÁTICO NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**, 2009. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
26. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** FUMES, Neiza de Lourdes Frederico; SCHLUNZEN, E. T. M. Participação em banca de JORGE LUIZ FIREMAN NOGUEIRA. **O SOFTWARE HAGÁQUÊ: UMA PROPOSTA PARA A PRÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA DA PESSOA COM SURDEZ**, 2009. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
27. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.;** MOURA, Maria Denilda; QUEIROZ, M. de L. Participação em banca de Simone da Silva. **Varição Linguística em Sala de Aula da Educação de Jovens e Adultos**, 2009. (Educação) Universidade Federal de Alagoas. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
28. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** MOURA, Maria Denilda; PAULA, A. S. Participação em banca de THAISE DOS SANTOS TENÓRIO. **A concordância de número e de gênero entre o DP pronominal a gente e o predicativo: uma comparação entre o português brasileiro e o português europeu**, 2008. (Programa de Pós -Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas.
29. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** MOURA, Maria Denilda; LOPES, A. A. Participação em banca de Ana Verônica Lima Tavares. **A intervenção didática em produções escritas de jovens e adultos**, 2008. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.
30. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.;** Oliveira, Eduardo Calil de; LIMA, Maria Hozanete Alves de. Participação em banca de Maria José Houly Almeida de Oliveira. **As propostas de produção textual no livro didático: uma reflexão sobre as práticas efetivadas**

pelos professores formados pelo Profa. 2008. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas.

31. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** PAULA, A. S.; FARIA, N. R. B. Participação em banca de Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório. **Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió.**, 2008. (Programa de Pós -Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas.
32. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.;** SANTOS, M. F. O.; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Participação em banca de Regina Maria de Oliveira Brasileiro. **Uma História de Leitura: a Formação da professora Alfabetizadora do EJA, seus Eventos e suas Práticas**, 2008. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas
33. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** SILVEIRA, Maria Inez Matoso; SANTOS, M. F. O. Participação em banca de Maria do Socorro Cordeiro Feitosa. **Jornal Impresso: suporte de gêneros textuais significativos para a alfabetização e o letramento de jovens e adultos**, 2007. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas
34. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva.;** MOURA, Maria Denilda; FARIA, N. R. B. Participação em banca de Rafael Bezerra de Lima. **Advérbios focalizadores no português brasileiro**, 2006. (Programa de Pós -Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas.
35. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** MOURA, Maria Denilda; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Participação em banca de José Sergio Amâncio de Moura. **Entre o oral e o escrito: a heterogeneidade linguística das conversações online**, 2006. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas
36. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** PIZZI, L. C. V.; KULLOC, M. B. Participação em banca de Rosiane Maria Barros Santos. **Vivência Docente na Escola Pública: Trajetória de uma Identidade Profissional**, 2006. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas
37. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva;** MOURA, Maria Denilda; FARIA, N. R. B.; PAULA, A. S. Participação em banca de Daniel da Silva Carvalho. **A alternância EU/MIM em estruturas com verbos do tipo fazer-para- inf**, 2005. (Programa de Pós -

Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas.

38. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Maria Denilda; FARIA, N. R. B.** Participação em banca de Dorothy Bezerra Silva de Brito. **A anáfora SE no português brasileiro**, 2005. (Programa de Pós -Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas.
39. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Maria Denilda; SILVEIRA, Maria Inez Matoso; FARIA, N. R. B.** Participação em banca de José Sérgio Amâncio de Moura. **A complexidade sintática na língua escrita on-line: variação e estrutura da frase nas conversações eletrônicas**, 2005. (Programa de Pós -Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas.
40. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Tânia Maria de Melo; SOARES, L. J. G.** Participação em banca de Ana Carolina Faria Coutinho. **Práticas e Eventos de Letramento de Jovens e Adultos: um estudo com porteiros em Maceió**, 2005. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas
41. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Maria Denilda; SANTOS, M. F. O.** Participação em banca de Valdenice de Açucena Mendonça. **As estratégias de realização do objeto direto anafórico em substituição ao clítico acusativo de terceira pessoa na língua falada em Mata Grande**, 2004. (Programa de Pós -Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas.
42. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Maria Denilda; LIMA, R. L.** Participação em banca de Elias André da Silva. **Atos de fala, modo e tempo verbais em textos argumentativos**, 2004. (Programa de Pós -Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas.
43. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; CAVALCANTE, Maria Do Socorro A Oliveira; BORGES, M. V.** Participação em banca de Elisângela Leal de Oliveira Mercado. **A prática da textualização na formação de alunos leitores**. 2003. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Universidade Federal de Alagoas
44. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Maria Denilda; LIMA, R. L.** Participação em banca de Maria Margarete de Paiva Silva. **O ditongo, variações na língua falada e representação na língua escrita de jovens e adultos -**

**monotongação**, 2003. (Programa de Pós -Graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas.

45. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Maria Denilda; LIMA, R. L.** Participação em banca de Jair Gomes de Farias. **O Estatuto Sintático de Preposições no Português Brasileiro**, 2003. (Letras e Linguística) Universidade Federal de Alagoas.

## 6.5.2. Bancas de Doutorado

1. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; LOPES, A. A.; SANTOS, A. C.; SANTOS, C. F.; FIGUEREDO, M. L.** Participação em banca de Abda Alves Vieira de Souza. **O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA E A FORMAÇÃO DOCENTE: entre saberes e fazeres**, 2018. (Programa de Pós-Graduação em Educação) Universidade Federal de Alagoas.
2. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; SANTOS, A. C.; LOPES, A. A.; SILVEIRA, Maria Inez Matoso; SILVA, C. R. T.** Participação em banca de MARTA MARIA MINERVINO DOS SANTOS. **A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E SEUS REFLEXOS NO ENSINO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS**, 2017. (Programa de Pós-Graduação em Educação) Universidade Federal de Alagoas.
3. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; OLIVEIRA, E. C.; CAPISTRANO, C.C.; SOARES, MARIA ELIAS.** Participação em banca de KALL ANNE SHEYLA AMORIM BRAGA. **DISCURSO REPORTADO E A ESCRITURA COLABORATIVA DE HISTÓRIAS INVENTADAS EM SALA DE AULA**, 2017 (Programa de Pós-Graduação em Educação) Universidade Federal de Alagoas
4. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; LOPES, A. A.; SANTOS, A. C.; SANTOS, C. F.; FIGUEREDO, M. L.** Participação em banca de Abda Alves Vieira de Souza. **O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA E A FORMAÇÃO DOCENTE: entre saberes e fazeres**, 2017. (Programa de Pós-Graduação em Educação) Universidade Federal de Alagoas
5. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; SILVEIRA, Maria Inez Matoso; SANTOS, M. F. O.;**

FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; PAIVA, J. Participação em banca de ADRIANA CAVALCANTI DOS SANTOS. **O ensino da leitura na educação de jovens e adultos: o momentum de significar e ressignificar a prática docente em contexto de pesquisa colaborativa**, 2014. (Programa de Pós-Graduação em Educação) Universidade Federal de Alagoas

6. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Maria Denilda; FARIAS, J. G.; RAMOS, J. M.; MAGALHÃES, T. M. V.** Participação em banca de DOROTHY BEZERRA SILVA BRITO. **O SE REFLEXIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**, 2009. (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) Universidade Federal de Alagoas
7. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Tânia Maria de Melo; FARIAS, J. G.; MAGALHÃES, T. M. V.; SANTOS, M. F. O.** Participação em banca de MIRIAN SANTOS DE CERQUEIRA. **Operação Agree e construções partitivas no português brasileiro e no português europeu**, 2009 (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) Universidade Federal de Alagoas
8. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Maria Denilda; PAULA, A. S.; FARIA, N. R. B.; RIBEIRO, I.M. R.** Participação em banca de DANIEL DA SILVA CARVALHO. **A Estrutura Interna dos Pronomes Pessoais em Português Brasileiro**, 2008. (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) Universidade Federal de Alagoas
9. **CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MOURA, Maria Denilda; FARIA, N. R. B.; COSTA, J. M. M.; COSTA, J. F.** Participação em banca de Cláudia Roberta Tavares Silva. **A natureza de AGR e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o Português Brasileiro e o**

## 7. COORDENAÇÃO DE EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Dentre os vários eventos que coordenei a partir de 2006, quando assumi a coordenação do PPGE-Ufal, citarei alguns:

**1. I Encontro de Pesquisa Educacional de Alagoas- EPEAL** ocorreu no segundo semestre de 2006. Foi pensado a partir da visita de uma consultora da Capes - a Profa. Dra. Clarilza Prado que, na ocasião nos falou da importância de eventos organizados pelo coletivo do programa para incentivar os discentes a organizarem um evento interno, tendo em vista que a nossa produção, sobretudo dos docentes, estava muito baixa. Dessa forma, foi formada uma Comissão Organizadora composta por discentes do Mestrado em Educação Brasileira, dentre os quais: Ana Cláudia Albuquerque; Copérnico Mota; Heloísa Barbosa Gracindo; Regina Brasileiro; Thatyana Angélica Silva e Tiago Leandro Cruz. Esse evento teve como objetivo principal a socialização das pesquisas científicas, bem como discussão do percorrer das políticas públicas do sistema educativo em nosso Estado. O evento teve como estratégia a socialização e troca de experiências entre os pesquisadores em educação ligados aos Grupos de Pesquisas do Mestrado em Educação da Ufal, com vistas a produzir significados sociais relevantes ao desenvolvimento da ciência no Estado de Alagoas, através do acesso e publicização das discussões e pesquisas realizadas em torno da educação cujo interesse, é de toda sociedade.

A primeira versão do EPEAL foi composto de três mesas redondas, três palestras, seis seminários temáticos, contou também com a apresentação de 80 trabalhos entre pôsteres e comunicações orais de egressos, mestrandos e professores do mestrado, vinculado às três linhas de pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira: História e Política da Educação, Processos Educativos, Educação e Linguagem e Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação.

**2. XVIII - Encontro de Pesquisa em Educação do Norte e Nordeste - EPENN.** Esse evento foi realizado no período de 01 a 04 de julho de 2007, no qual se inscreveram 2300 participantes. Foram apresentados 1445 trabalhos de comunicação e painéis, 15 mesas redondas e 07 Sessões Especiais, 34 minicursos e oficinas e diversos Colóquios. A abertura foi realizada no Centro Cultural e de Exposições de Maceió- AL. As

apresentações dos trabalhos ocorreram no Colégio Marista de Maceió nos dias 02, 03 e 04 de 4 julho de 2007. Os participantes avaliaram como muito bom o evento.

### **3. 1º Encontro de Trabalho Docente em Alagoas**

O 1º Encontro de Trabalho Docente em Alagoas e a 1ª missão de pesquisa do Procad foram realizados no período de 08 a 10 de junho de 2009, na Universidade Federal de Alagoas, cuja palestra de abertura foi “Trabalho Docente: Metodologia de Autoconfrontação e Representações Sociais. Da 1ª missão do Procad fizeram parte: Maria Auxiliadora da Silva-UFAL Cavalcante; Neiza de Lourdes Frederico Fumes-UFAL; Wanda Maria Junqueira de Aguiar; Monica Rabello de Castro e Helenice Maia Gonçalves- Universidade Estácio de Sá-RJ.

### **4. I Encontro Luso-Brasileiro sobre o Trabalho Docente**

(<http://www.lusobrastd.com>). Esse evento foi promovido pela Universidade Federal de Alagoas -Ufal, em parceria com a Universidade do Porto-PT e realizado em conjunto com o VI Encontro Brasileiro da Rede Latino-Americana de Estudos sobre Trabalho Docente- Rede ESTRADO, no período de 02 a 05 de novembro de 2011, em Maceió-Alagoas, teve como tema central as “Políticas Educacionais e Mudanças no Contexto Escolar”. O evento foi coordenado por pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas-Ufal <http://www.cedu.ufal.br/posgraduacao/ppge>, por investigadores vinculados a Rede ESTRADO <http://www.fae.ufmg.br/estrado> e pesquisadores do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade do Porto/ FPCEUP (<http://sigarra.up.pt/fpceup/web>), em parceria com a UFPel/RS, a PUC/SP, UNESA/RJ, UFMG, IFAL, UNCISAL, UNEAL.

### **5. O II Encontro Luso-Brasileiro sobre Trabalho Docente e Formação. O**

evento foi realizado em conjunto com a Universidade Federal de Alagoas

(UFAL) e a Rede Latino-Americana de Estudos Sobre Trabalho Docente (Red ESTRADO) e teve como tema central Políticas, Práticas e Investigação: Pontes para a mudança. A escolha deste tema foi motivada pela necessidade de se discutir alternativas ao atual cenário do trabalho docente, nomeadamente através de novas articulações entre práticas docentes, processos e produtos de investigação, e políticas educacionais e de carreira, para todos os níveis de educação e ensino.

O II Encontro Luso-Brasileiro sobre o Trabalho Docente e Formação foi coordenado pelo área de investigação “Formação, Saberes e Contextos de Trabalho e Educação” do CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), por grupos de pesquisa vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas - PPGE-UFAL e pela RED ESTRADO, em parceria com as Universidades do Minho e de Lisboa, bem como com as universidades brasileiras PUC/SP, UNESA/RJ, UNEAL, UFMG, UFPel e o IFAL.

6. **O III Encontro Luso Brasileiro** foi realizado no Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas e a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no período de 05 a 09 de dezembro de 2016. O evento foi realizado juntamente com outros dois: a V SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA (V SIP), o III ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO SOBRE TRABALHO DOCENTE E FORMAÇÃO (III ELBTDF) e o I SEMINÁRIO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E COGNIÇÃO DE ALAGOAS, assumindo como temática: POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM TEMPOS DE CRISE. Esses eventos tiveram como objetivo principal consolidar pontes luso-brasileiras de articulação entre programas de pós-graduação, graduação e educação básica, difundindo e socializando experiências e pesquisas científicas. Este evento será constituído por conferências, palestras, mesas-redondas, minicurso, oficinas e apresentações de trabalhos científicos.

**7. IV Encontro Luso-Brasileiro Trabalho Docente e Formação de Professores.** Esse evento foi realizado entre os dias 3 e 5 de junho de 2019, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa em parceria com a Universidade Federal de Alagoas (Ufal) promoveram, cujo tema foi tema Profissão Docente, Investigação e Sociedade: Diálogos Múltiplos.

Na edição de 2019, estiveram presentes as professoras do Centro de Educação (Cedu) da Ufal Maria Auxiliadora Cavalcante, coordenadora do evento e Neiza Fumes, bem vários estudantes da pós-graduação da Universidades também participaram das atividades.

O evento pode ser entendido também como uma via de acesso para o que se produz sobre o tema fora do Brasil. "Ao longo das quatro edições o objetivo principal foi promover o fortalecimento da investigação e da produção intelectual na área do trabalho docente e da formação de professores, bem como estimular o intercâmbio e a inserção internacional de educadores e educadoras", disse em seu discurso de abertura.

Gostaria de ressaltar que esses eventos foram todos muito bem sucedidos, porque além de eu ter assumido a coordenação do PPGE (2006-2008), coordenar o Procad (2008-2013) e depois em 2010 ter realizado o Estágio de Pós-Doutorado na Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade do - PT, pude contar com muitos colegas que participavam do Procad, do PPGE-Ufal, do Centro de Educação da Ufal, da Universidade do Porto, da Universidade de Lisboa e de diversas universidades brasileiras.

## 8. CONCLUSÃO

Este memorial teve como objetivo principal atender aos itens previstos na Resolução nº 78/2014, CONSUNI/UFAL, DE 17 de novembro de 2014, que regulamenta, no âmbito da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, o processo de progressão docente para a classe E – Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

A narrativa foi feita, em sua maioria, na primeira pessoa do discurso (eu) porque relatei aspectos muito peculiares de minha história de vida, tendo em vista que não tive a oportunidade de cursar a Educação Básica de forma regular, pois esta foi realizada por meio de exames supletivos. No entanto, considero que as experiências vivenciadas no mundo do trabalho e das relações pessoais antes de eu ingressar na carreira do magistério superior muito contribuíram para a minha formação docente.

Gostaria de ressaltar que após elaborar este memorial, sinto o quanto ampliei o meu crescimento tanto do ponto de vista pessoal como profissional. Espero de coração ter contribuído para a formação de novos professores, com o apoio da Ciência da Educação, das Ciências da Linguagem e das Ciências da Vida. Considero-me uma mulher feliz e realizada profissionalmente. No entanto, agora com 62 anos de idade, começo a planejar novas viagens pelo mundo da pesquisa, da educação e da vida, pois como diz Saramago na obra *Viagem a Portugal* (1997, p. 386 a 387): “e agora a caminho da Finisterra do Sul. “Para estes lados, o mundo se despede”, mas “a viagem nunca acaba”. “O viajante volta já”, porque “é preciso recomeçar a viagem sempre”.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da categoria sócio-histórica. In: BOCK, Ana. (Org.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**. São Paulo, ano 26, n. 2, 2006, p. 223-244.

AGUIAR, W. M. J. **PROJETO DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA 2008**: UFAL; PUC/SP e UNESA /RJ- PROCAD -725/2008. São Paulo: (mimeo) 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2001.  
BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores**: Brasília Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

BRASIL. **Lei nº 9349 de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 19 de fevereiro de 1998.

BRASIL. Edital MEC/Capes/DEB nº 01/2009, de Seleção para Projetos Conjuntos de Pesquisa, Projetos de Parcerias Universitárias e Candidaturas Individuais. dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. Brasília/DF: MEC/CAPEES, 2009.

BRASIL. Decreto nº 7.219, de 24/06/2010, dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. Brasília/DF: MEC/CAPEES, 2010a. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 jun.2010. Seção 1, p. 4-5. Disponível em: [http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/DecretoPIBID\\_240610.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/DecretoPIBID_240610.pdf) Acesso em setembro de 2017.

BARROS, Leandro Gomes de. **História da Princesa da Pedra Fina.** Obra de domínio público. (Literatura de Cordel). Disponível in: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000013.pdf>

CASTILLO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Editora Contexto, 1998.

CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; PIZZI, Laura. Cristina. Vieira.; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico. **Relatório Final do Procad 168/2007**, 2013. (Relatório de pesquisa). Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – PROCAD, nos de 2008 a 2013, entre pesquisadores integrantes dos seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – UFAL; Programa Pós-Graduado em Educação: Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá – R.J.  
CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva; MELO, Katia Maria Silva de **RELATÓRIO FINAL DO SUBPROJETO PEDAGOGIA PIBID/CAPEES**, 2020. (Relatório de pesquisa). Mimeo.

CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva **RELATÓRIO DO ESTÁGIO DE PÓS-DOUTORAMENTO**, 2011. (Relatório de pesquisa preenchido diretamente no site da Capes, mimeo).

CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva **Ampliando a formação inicial em leitura, escrita e oralidade com autonomia e criticidade**”, 2017. (Relatório de pesquisa). Mimeo.

CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. **O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso.** 2001. Tese de Doutorado em Linguística. Maceió. (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) Universidade Federal de Alagoas.

DIONÍSIO, A. P; BEZERRA, M. A. (Org). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2001.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. 1995. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas.

GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua. In: DIONÍSIO, A. P; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2001.

MELQUÍDES, João Ferreira da Silva. **Romance do Pavão Misterioso**. Obra de domínio público. Disponível in:  
[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=5388](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=5388) (Literatura de Cordel)

SARAMAGO, José. **Viagem a Portugal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHERRE, M. M. P. Levantamento, codificação, digitação e quantificação dos dados. In: MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística variacionista**. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1992.

SCHERRE, M. M. P. **Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores**. UFRJ/UNB, 1991. Mimeo.

SCHERRE, M. M. P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: Oliveira e Silva, G.; SCHERRE, M.M.P. (Org.) **Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro- UFRJ, 1996.

THAUMATURGO, Newton. **História do Brejo da Madre de Deus- 1724 a 2003**. Volume II. Mimeo.

Maceió, 10 de fevereiro de 2021



Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante

# ANEXOS



**CONVITE** DATA: 23/02/2021  
HORA: 14:00

O Diretor do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, Prof. Dr. Jorge Eduardo de Oliveira, convida toda a comunidade universitária para a defesa pública de Memorial Acadêmico da Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante, como requisito parcial para a promoção docente à CLASSE E- Professora Titular da Carreira de Magistério Superior, nos termos da Resolução nº 78/2014 – CONSUNI-UFAL.

COMISSÃO AVALIADORA

Titulares:  
Profª. Dra. Neiza de Lourdes Frederico Fumes (UFAL)  
Profª. Dra. Jael Glauce da Fonseca (UFBA)  
Profª. Dra. Rosângela Nunes de Lima (UNEAL)  
Profª. Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar (PUC-SP)

Suplentes:  
Prof. Dr. Antônio Cícero de Araújo (IFAL)  
Prof. Dr. Luís Paulo Leopoldo Mercado (UFAL)



ACESSE AQUI



mhw-bwzu-eob ▶ REC

Universidade Federal de Alagoas  
Centro de Educação

Memorial Acadêmico  
Viagem ao Conhecimento

Maria Auxiliadora da Silva  
Cavalcante

Luis Paulo

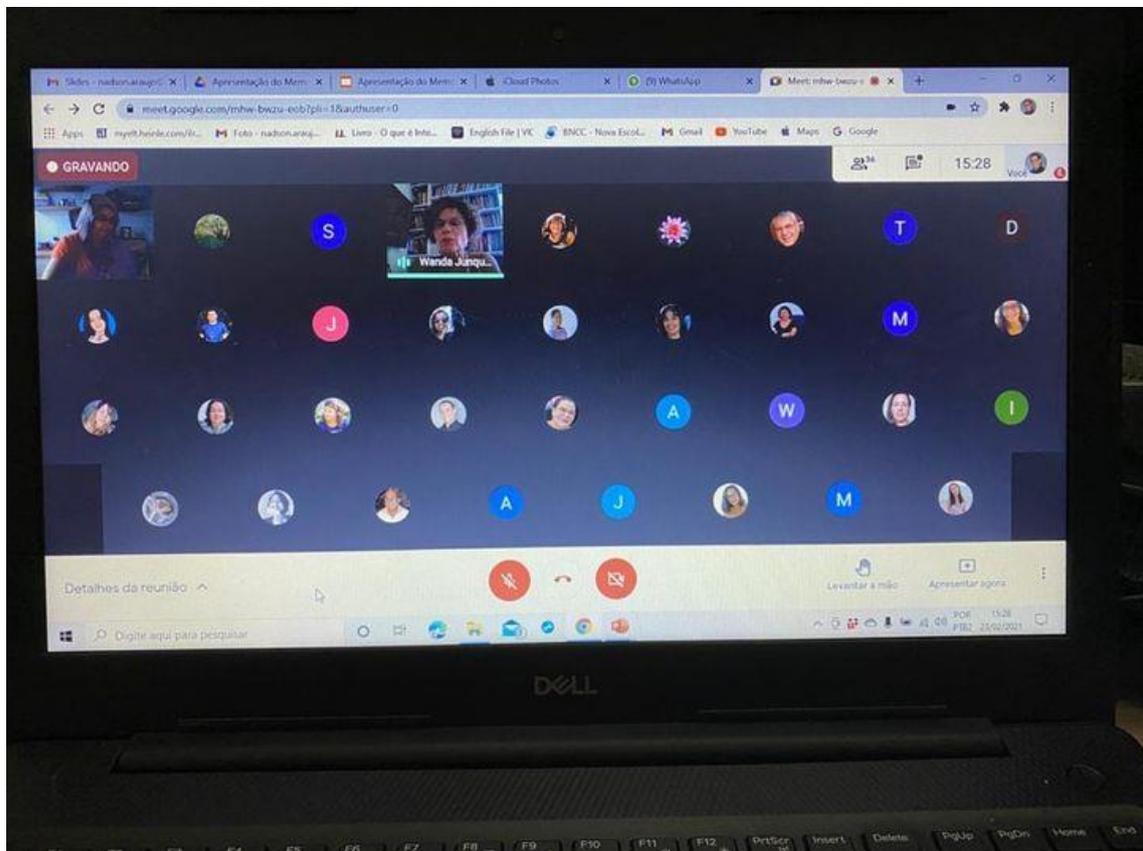
Neiza

Mais 26 pa...

Nadson Araújo está apresentando

## FOTOS DA DEFESA PÚBLICA DO MEMORIAL



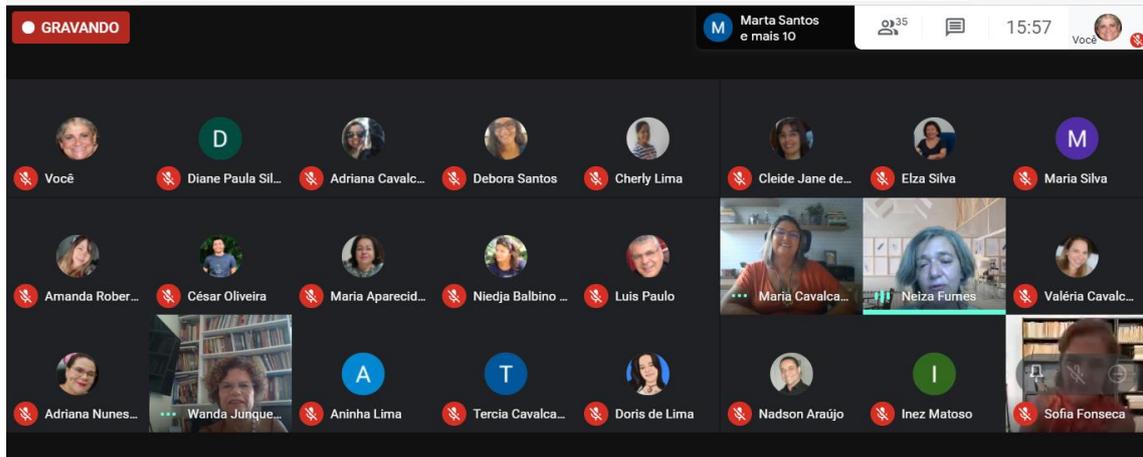




Detalhes da reunião ^



Levantar a mão Apresentar agora



Detalhes da reunião ^



Levantar a mão Apresentar agora



